

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O papel da cidade de Viçosa-MG na rede urbana:
a especialização funcional de uma cidade média mineira**

André Simplício Carvalho

VITÓRIA
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O papel da cidade de Viçosa-MG na rede urbana:
a especialização funcional de uma cidade média mineira**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para obtenção do título de mestre.
Aluno: André Simplício Carvalho
Orientadora: Ana Lucy Oliveira Freire

VITÓRIA
2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C331p Carvalho, André Simplício, 1987-
 O papel da cidade de Viçosa-MG na rede urbana : a
 especialização funcional de uma cidade média mineira / André
 Simplício Carvalho. – 2014.
 155 f. : il.

 Orientador: Ana Lucy Oliveira Freire.
 Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal
 do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

 1. Universidade Federal de Viçosa. 2. Geografia. 3. Cidades e
 vilas. 4. Viçosa (MG) – Geografia. I. Freire, Ana Lucy Oliveira. II.
 Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências
 Humanas e Naturais. III. Título.

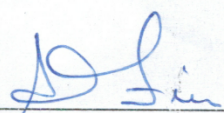
CDU: 91

“O PAPEL DA CIDADE DE VIÇOSA-MG NA REDE URBANA: A ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL DE UMA CIDADE MÉDIA MINEIRA”

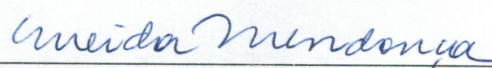
ANDRÉ SIMPLICIO CARVALHO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

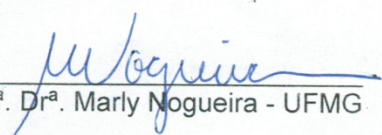
Aprovada em 04 de Abril de 2014 por:



Prof^a. Dr^a. Ana Lucy Oliveira Freire - Orientadora - UFES



Prof^a. Dr^a. Eneida Maria Souza Mendonça – UFES



Prof^a. Dr^a. Marly Nogueira - UFMG

RESUMO

O papel da cidade de Viçosa-MG na rede urbana: a especialização funcional de uma cidade média mineira

André Simplício Carvalho

Rede é o nome dado para se referenciar qualquer forma que seja composta por linhas interligadas por pontos, sendo assim essa denominação é utilizada para participar de nomes e conceitos em diversas área do conhecimento. Na geografia isso não ocorre de forma diferente. As redes geográficas são a denominação dada as ligações feitas no espaço articuladas por pontos, notadamente são usadas para se fazer referência a redes materiais, mas podem ser mais imateriais ou abstratas a depender do objeto de pesquisa e do adjetivo adotado. A noção de redes urbanas nasceu vinculada aos objetos materiais, entretanto com a evolução da técnica passou a abranger objetos cada vez mais virtuais. As redes urbanas são compostas pelo conjunto de cidades, cada qual com sua centralidade representadas por pontos ou nós na rede, e pelas ligações entre elas, rodovias, hidrovias, infovias etc. As cidades que compõem a rede, por mais semelhanças que possam ter entre si, tem diferentes tipos e graus de centralidade, de poder de atração de pessoas, de recursos; sendo uma região de influência singular, que muda de tempos em tempos, face a evolução do território onde se insere. Tanto as centralidades quanto as redes de urbanas estão em constante mudança, necessitando sempre de atualização tornando o estudo das redes e das centralidades uma questão sempre nova; em especial quando considerado um território tão vasto e complexo como o brasileiro. Neste trabalho relatamos os resultados do estudo das especificidades da centralidade da cidade de Viçosa, que está localizada no interior do estado de Minas Gerais, Brasil

Este estudo fez uso de dados numéricos, fotográficos e cartográficos coletados em diversos momentos da evolução do município e da região onde este se insere, que revelaram as mudanças de qualidade e de intensidade na centralidade dessa cidade, hoje tipificada como média ou intermediária, inserida na rede urbana mineira.

No período compreendido entre os anos de 1850 e 1930, Viçosa passou de uma inexpressiva localidade rural, a importante centro de produção de café, galgando ganhos políticos nesse período. Seguiu-se um período de menor pujança, por cerca de setenta anos, para depois, na virada do século XX para XXI, ressurgir como uma localidade especializada em oferecer serviços, notadamente vinculados ao ensino superior e à produção de ciência e tecnologia. Essa nova centralidade, ao contrário do que muitas vezes ocorre, não foi fruto nem de um recurso natural inerente ao território e nem, tão pouco, pela atuação de grandes grupos capitalistas. Foi galgado principalmente pela atuação do Estado que construiu ali as bases de uma especialização funcional, através da implantação de uma universidade pública.

Palavras-chave: rede urbana; cidades médias; Viçosa

ABSTRACT

The role of Viçosa-MG in the urban system: the middle-sized city specialized functionality

System is the name given to cite any form composed for several elements working together through connections, so this name is used to join names and concepts in various area of knowledge. In geography, this does not occur differently. The geographical networks are given the denomination links made in space articulated by points, mainly used to refer to material networks but also can use to refer intangible or abstract networks, depending on the object of research and the adjective adopted. The urban system is one of these networks, inevitably material, but increasingly virtual that are studied by geographers for at least eighty years. Urban systems are composed by the set of cities, each one with a centrality, taken as points, and the connections between them, highways, waterways, airways etc. Different cities, however that may be similar to each other, have different types and degrees of centrality, power of attraction in the system, reflecting a singular region of influence, which changes from time to time and as each territory in which the urban system is set. The centrality and networks of cities are constantly changing; constantly require updating, adding new questions to the urban systems and centralities study; especially when considering such a vast and complex as Brazil. Thus we propose here to study Viçosa's specific centrality, in Minas Gerais state, Brazil. Through a plural historical and current overview of the city and its region, systematized in several maps and illustrated with many pictures, we can notice the changes in quality and intensity of the centrality of this city that we now understand as middle-sized, or intermediate, in the Minas Gerais urban system. From a rural area without any importance this city becomes important center for coffee production, chalking up political gains in this period (1850-1930); losing its luster for about seventy years and then re-emerging as a specialized location, at the turn of the twentieth century for XXI; offering services, especially related to higher education and the production of science and technology. This new centrality, unlike what often happens, was not the result of an inherent natural resource of the territory and so little by the corporative action, but was climbed mainly by State action that build there the foundations of a functional specialization, through the public university.

Keywords: urban system; middle-sized cities; Viçosa

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família e a minha namorada por sempre me apoiar nas minhas decisões e me auxiliar nos momentos de dúvida e dificuldade, Alexandre, Regina, Marcelo e Sabrina.

Quero agradecer à CAPES por fornecer a bolsa que permitiu a minha dedicação exclusiva as atividades pertinentes ao mundo acadêmico, assim como os auxílios por essa instituição concedida ao Programa de Pós-Graduação que me auxiliaram no campo e na ida aos eventos científicos.

Devo em muito aos mestres e a minha orientadora por me fornecerem os instrumentos pela elaboração das minhas pesquisas e pelo engrandecimento pessoal e profissional nesses curtos dois anos de mestrado. A Ana Lucy, minha orientadora, por me oferecer direções alternativas ao projeto inicial e se contrapor as minhas ideias nos momentos certos, ao professor Cláudio Zanutelli, nosso coordenador, por sua incansável dedicação ao crescimento e ao aprimoramento Programa e cada um de seus discentes, ao professor Tosta, por escutar e compartilhar ideias diversas comigo em diversos encontros informais, e aos professores Carlos Teixeira, André Coelho, Eneida Mendonça e Maria Faé pela atenção e ensinamentos. Faço aqui um agradecimento especial a nossa secretária Izadora Ramos, por sua inesgotável boa vontade e compreensão, sendo mais do que uma funcionária, mas amiga de todos.

Fico grato pela companhia constante, dos meus colegas de mestrado e amigos Sirius, Médelin, Wesley, Vinicius, Rosilene, Kaio, Ana, Maria, Demian e Luiza pelos momentos de criação, discussão e resolução assim como pelos momentos de distração e comemoração.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema proposto por Christaller em 1933.....	32
Figura 2 - Esquema de uma rede dendrítica	33
Figura 3 - Esquema de rede dos mercados periódicos	34
Figura 4 - Esquema dos dois circuitos da economia	35
Figura 5 - Modelo de Christaller evoluído.....	36
Figura 6 - Rede urbana brasileira em 1967	38
Figura 7 - Imagem panorâmica da cidade de Viçosa - 1898	60
Figura 8 - Capela do rosário no início da década de 1960.....	62
Figura 9 - Av. Santa Rita no início do século XX.....	63
Figura 10 - Trem se aproximando da estação central em 1920	64
Figura 11 - Aterro ligando Viçosa à ESAV	69
Figura 12 - <i>Land grand colleges</i> no início do século 20, ESAV (1925) Iowa State University (1920)	70
Figura 13 - Vista aérea de Viçosa em 1930	73
Figura 14 - Rua Padre Serafim em 1935.....	73
Figura 15 - Vista aérea da cidade de Viçosa (1949)	75
Figura 16 - Vista aérea do campus da UREMG (1949).....	75
Figura 17 - Igrejas matrizes em 1955.....	76
Figura 18 - Av. PH Rolfs na década de 1960	77
Figura 19 - Vista aérea da UREMG em 1961.....	78
Figura 20 - Inauguração da BR-120 em 1973	84
Figura 21 - Verticalização da Rua Arthur Bernardes	89
Figura 22 - Vista aérea da área central em 1985	90
Figura 23 - Serra de São Geraldo	128
Figura 24 - Ausência de ponte MG-356	129
Figura 25 - Desvio na MG-356 próximo à Ervália.....	129
Figura 26 - Limites de expansão da Região de Influência de Viçosa.....	130

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Localização do objeto de estudo	17
Mapa 2 - Localização da sede municipal	18
Mapa 3 - Rede urbana mineira em 1840	57
Mapa 4 - Rede urbana mineira em 1872	58
Mapa 5 - Área urbanizada em 1898	61
Mapa 6 - Área urbanizada em 1930	72
Mapa 7 - Posição de Viçosa na rede urbana em 1966	80
Mapa 8 - Área urbanizada em 1963	81
Mapa 9 - Área urbanizada em 1974	85
Mapa 10 - Posição de Viçosa na rede urbana em 1978	86
Mapa 11 - Área urbanizada em 1987	91
Mapa 12 - Posição de Viçosa na rede urbana em 1993	92
Mapa 13 - Área urbanizada em 2000	95
Mapa 14 - Área urbanizada em 2008	99
Mapa 15 - Posição de Viçosa na rede urbana em 2007	100
Mapa 16 - Distribuição espacial dos ingressantes 2007	111
Mapa 17 - Centralidade de cursos superiores 2007	113
Mapa 18 - Centralidade da pós-graduação 2007	114
Mapa 19 – Locais de ensino superior e produção científica em Viçosa-MG	119

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição de fogos conforme ocupação e posse de escravos na Freguesia de Santa Rita do Turvo em 1820.....	55
Tabela 2 – Emancipação e desmembramentos da cidade de Viçosa entre 1832 e 1963	56
Tabela 3 - Relação de cursos de graduação e número de vagas oferecidas anualmente por instituição	106
Tabela 4 - Lista dos cursos de pós-graduação oferecidos por instituição	108
Tabela 5 - Informações sobre grupos de pesquisa por instituição	116
Tabela 6 - Participação relativa das instituições.....	116
Tabela 7 - Produção total de patentes por instituição	117
Tabela 8 - índice FIRJAN de desenvolvimento municipal	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Evolução da população residente em Viçosa – MG	87
Gráfico 2 - Participação dos setores no PIB municipal.....	103
Gráfico 3 - PEA por setor	103
Gráfico 4 - Participação relativa dos setores no PEA.....	104
Gráfico 5 - PIBs dos municípios da Microrregião de Viçosa.....	122
Gráfico 6 - Populações residentes nos municípios da Microrregião de Viçosa	123
Gráfico 7 - População com ensino superior nos municípios da Microrregião de Viçosa	124
Gráfico 8 - População com ensino superior em capitais microrregionais selecionadas	125

LISTA DE SIGLAS

ACH	Arquivo Central Histórico
CEDEPLAR	Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
CENSUS	Centro de Promoção do Desenvolvimento Sustentável
CENTEV	Centro Tecnológico de Desenvolvimento Regional de Viçosa
CPT	Centro de Produções Técnicas
DEF	Departamento de Engenharia Florestal
EFL	Estrada de Ferro Leopoldina
ESAV	Escola Superior de Agricultura e Veterinária
ESUV	Escola de Ensino Superior de Viçosa
DGP	Diretório dos Grupos de Pesquisa
FCA	Ferrovia Centro Atlântica
FDV	Faculdade de Viçosa
FIRJAN	Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro
FJP	Fundação João Pinheiro
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas
INPE	Instituto de Pesquisas Espaciais
NEPUT	Núcleo de Estudo de Planejamento e Uso da Terra
PMV	Prefeitura Municipal de Viçosa
RECIME	Rede de Cidades Médias
REGIC	Região De Influência das Cidades
SIRGAS	Sistema de Referência Geocêntrico para as Américas
UFV	Universidade Federal de Viçosa
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UNIVIÇOSA	Universidade de Viçosa
UREMG	Universidade Rural do Estado de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	OBJETIVOS	19
1.2	METODOLOGIA	20
1.2.1	Revisão bibliográfica	21
1.2.2	Aquisição de material fotográfico.....	22
1.2.3	Produção do material cartográfico.....	22
1.2.4	Campo e entrevistas	23
2	REDE DE CIDADES: FENÔMENO E TEORIA, EVOLUÇÃO E ATUALIDADE	
	25	
2.1	DAS REDES GEOGRÁFICAS E DA REDE URBANA	25
2.2	COMO SURTIU A IDEIA DE REDE GEOGRÁFICA.....	27
2.3	A REDE URBANA COMO FENÔMENO ESPACIAL.....	28
2.4	A REDE NA GEOGRAFIA URBANA.....	31
2.5	NOVAS PERCEPÇÕES E CENTROS MENORES	35
2.6	O ESTUDO DAS REDES URBANAS NO BRASIL	37
2.7	A METRÓPOLE NA REDE	40
2.8	A QUESTÃO DAS CIDADES MÉDIAS	44
2.8.1	Cidades médias como objeto de planejamento	44
2.8.2	Cidades médias na atualidade	47
3	A REDE E A CIDADE, GENÉTICA E ARTICULAÇÃO ENTRE ESCALAS EM	
	VIÇOSA-MG.....	52
3.1	DE POVOADO A CIDADE, A CONSTRUÇÃO DA URBANIZAÇÃO.....	52
3.2	A CHEGADA DA ESTRADA DE FERRO E A ERA DO CAFÉ.....	59
3.2.1	A criação da ESAV	67
3.3	A DECADÊNCIA DO CAFÉ E A ESTAGNAÇÃO.....	71
3.4	REORIENTAÇÃO DA REDE, EXPANSÃO URBANA E A ASCENSÃO DO	
	CAPITAL IMOBILIÁRIO	82
3.5	NOVO SÉCULO, ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL E INTEGRAÇÃO AO	
	MEIO TÉCNICO CIENTÍFICO INFORMACIONAL	96
4	A CONSTRUÇÃO DA ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL E DA CIDADE	
	MÉDIA 102	
4.1	A CIDADE DE VIÇOSA NO CAMINHO PARA ESPECIALIZAÇÃO	
	FUNCIONAL.....	102

4.1.1	A centralidade promovida pelo ensino superior	105
4.1.2	A produção da ciência e da tecnologia como fator de centralidade ...	115
4.2	VIÇOSA COMO CIDADE MÉDIA E CAPITAL SUB-REGIONAL	120
4.2.1	Limites da centralidade	127
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134

1 INTRODUÇÃO

Segundo Soja (2000), o fenômeno urbano da criação, do crescimento, da complexificação e por vezes da decadência e da morte de cidades, está presente nas sociedades humanas há muito tempo, cerca de 10 mil anos, anterior ao estabelecimento das primeiras civilizações com sistemas simbólicos de registro tais como a escrita. As cidades mais antigas já escavadas, as de Çatal-Yuk, Jericó e Ur; todas encontradas na região hoje denominada Oriente Médio, revelam características urbanas ainda presentes nas modernas metrópoles, permitindo situar todas na mesma categoria, a de cidade. Uma dessas características é a interdependência entre estas cidades e os centros menores, que na época eram vilarejos pastoris, capazes de fornecer produtos especializados como certos tipos de animais, vegetais ou minerais. A discussão anterior sugere que, intrínseco ao processo de urbanização está o estabelecimento de uma rede urbana, manifesta na relação entre a cidade e sua região, o seu entorno imediato.

Pensar uma região, tendo como referência uma cidade, envolve discernir o conjunto de relações entre uma cidade primaz e seu entorno imediato, numa perspectiva de área contínua na qual seus habitantes realizam os deslocamentos e a convivência cotidiana, entretanto esta perspectiva muda conforme evoluem os meios de transporte e de comunicação (MOREIRA, 2007 [1997]). A própria noção de região pode ser confundida, em um primeiro momento, com a de rede urbana, mas estas se diferenciaram através do tempo, mesmo que uma persista em influenciar na outra.

Inicialmente, o conceito de região como área contínua e homogênea, era basicamente caracterizado e/ou severamente influenciado pelo meio natural e pelo que este, em associação com as habilidades humanas mediadas pelas técnicas, poderia fornecer. Assim também ocorria com as cidades que tinham sua influência sobre a rede urbana, limitada ao seu entorno imediato, sua região, rural ou semi-rural, cujos produtos e características eram inerentes ao modo de vida e estavam umbilicalmente vinculados à produção rural ou às atividades de mineração. Essa noção de continuidade e homogeneidade pode ser identificada em Minas Gerais quando do estabelecimento da macrorregião da Zona da Mata. Tratava-se de uma região homogênea, naturalmente coberta por matas, parte integrante do bioma Mata Atlântica, cuja denominação deriva desta característica natural, e que até meados do

século XIX tinha sua economia essencialmente vinculada à produção agrícola e extrativista, até o momento de sua industrialização

Essa noção de região, homogênea e contínua, perde força e vai desaparecendo com as mudanças do meio técnico, disposto agora de infraestrutura para maior fluidez e de um “meio geográfico” dotado de novos instrumentos incapazes de privilegiar essa noção, mas perfeitamente capazes de se fazer visualizar a rede urbana, não mais homogênea, não mais naturalmente recortada no território, uma vez que as interconexões se tornam mais explicativas do que os contrastes (HAESBAERT, 2010, p. 84). Com o tempo a industrialização e a urbanização darão lugar a regiões marcadas por diferenciações econômicas concomitantes às redes urbanas ainda contidas pela fluidez do trem, do automóvel e sobretudo da telefonia.

Finalmente a ideia da “cidade e sua região” da década de 50 dá lugar à “cidade-região” na década de 90. A noção de região se vê colada à noção de rede urbana. Regiões, podem ser dadas então como a extensão das redes das maiores cidades, que modificam e vinculam tão fortemente as municipalidades que elas passam, de certo modo, a determinar as características locais homogeneizando-as em uma nova forma regional, forma urbano-regional.

Rede urbana e região estão umbilicalmente ligadas pela primazia de uma cidade sobre outras, contínua e/ou descontinuamente, a diferença essencial das duas denominações reside na natureza da vinculação hierárquica, baseada nos vetores de fluxos ou em características comuns. A herança das diferenciações regionais implicam redes urbanas diferenciadas, zonas e/ou regiões de influência diferenciadas e vice-versa. Assim pode-se notar na nomeação “Zona da Mata” o tratamento dessa como uma região homogênea e depois mais claramente diferenciada, mas ainda não nomeada, entre norte e sul, isso se dá por mudanças de sua rede urbana, sua economia e a cidade de Viçosa é um pivô nessa mudança sofrendo ao longo de sua história com essas vinculações.

Desde 1921 (CORRÊA, 1989), os geógrafos se preocupam em elaborar estudos sobre o conjunto das cidades em determinadas regiões ou países do mundo. Como essas cidades se inter-relacionam hierarquicamente, funcionalmente, regionalmente; como se distribuem no território e porque algumas tem dinâmicas diferentes de outras constituem questões que os geógrafos urbanos tem tentado esclarecer para compreender o funcionamento da rede urbana. Essas questões podem ser abordadas em diversas escalas. Tomando-se uma cidade como ponto de

partida, escala local; toda uma região, escala regional; todo um país, escala nacional; ou todo mundo, na escala mundial. Cada escala irá revelar níveis de detalhamento diferentes e cidades de níveis de importância diferentes; frequentemente a cidade mais importante na hierarquia de certa escala é absolutamente invisível em outra. No estudo das escalas locais nas últimas décadas, duas categorias tem se destacado, a escala da metrópole, classicamente presente nesse tipo de estudo, e as cidades de porte médio, cuja presença é relativamente recente na Geografia brasileira. É nesta última que reside nosso objeto de estudo.

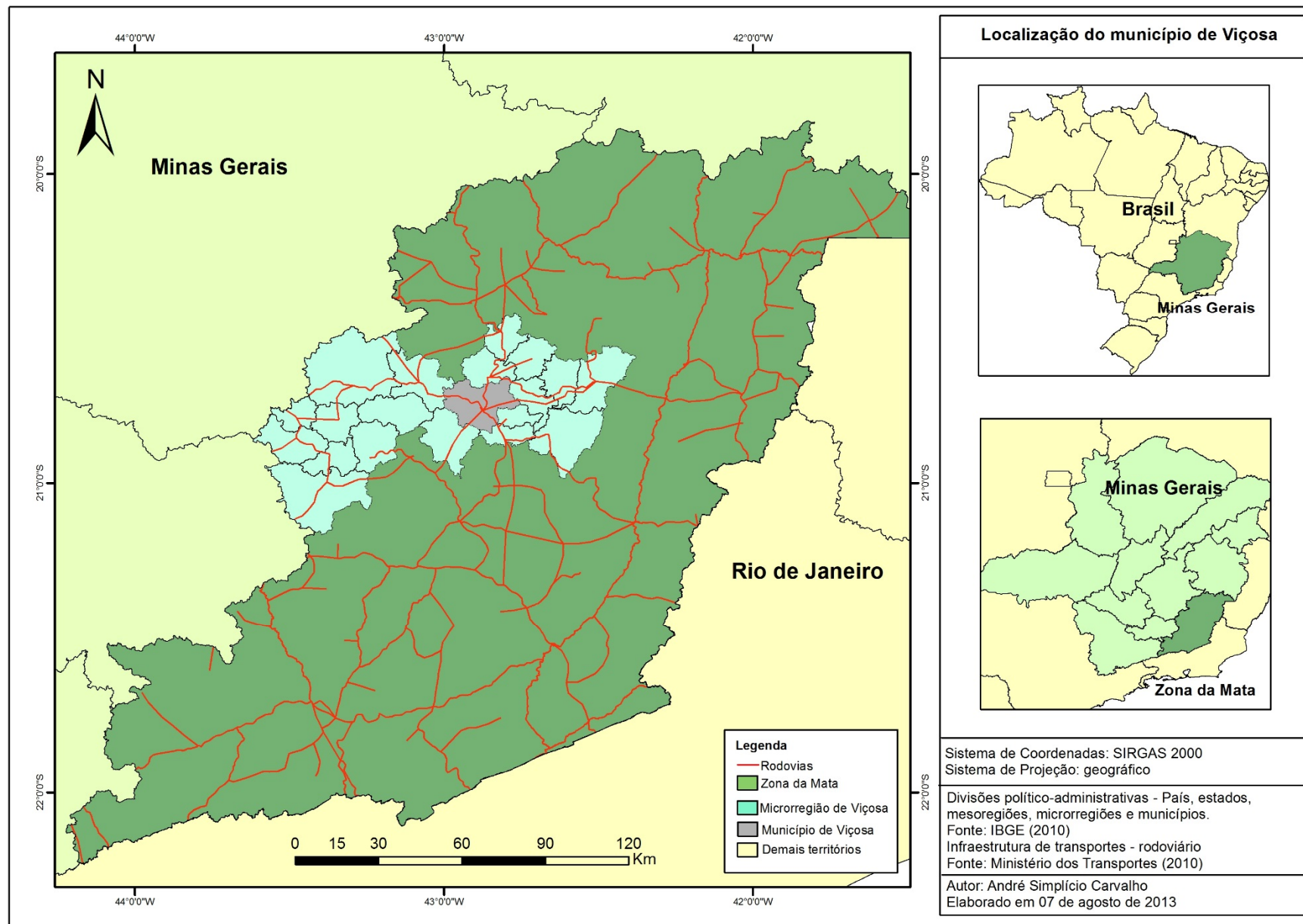
A ampliação do debate da escala local para as cidades de porte médio se deveu principalmente ao fato de que a reestruturação produtiva, pelo qual o mundo passou na década de 70, ter dado uma nova importância a essa categoria de cidade, que juntamente com as metrópoles serão refuncionalizadas no contexto da rede urbana.

A proposta desse trabalho está em oferecer contribuições para a compreensão das formas pelas quais a centralidade na cidade de Viçosa se desenvolve dentro da rede urbana. Principalmente no que diz respeito às suas características especializadas a partir de duas temáticas principais, a da rede urbana e a das cidades médias, uma vez que alguns autores a consideram dentro dessa categoria.

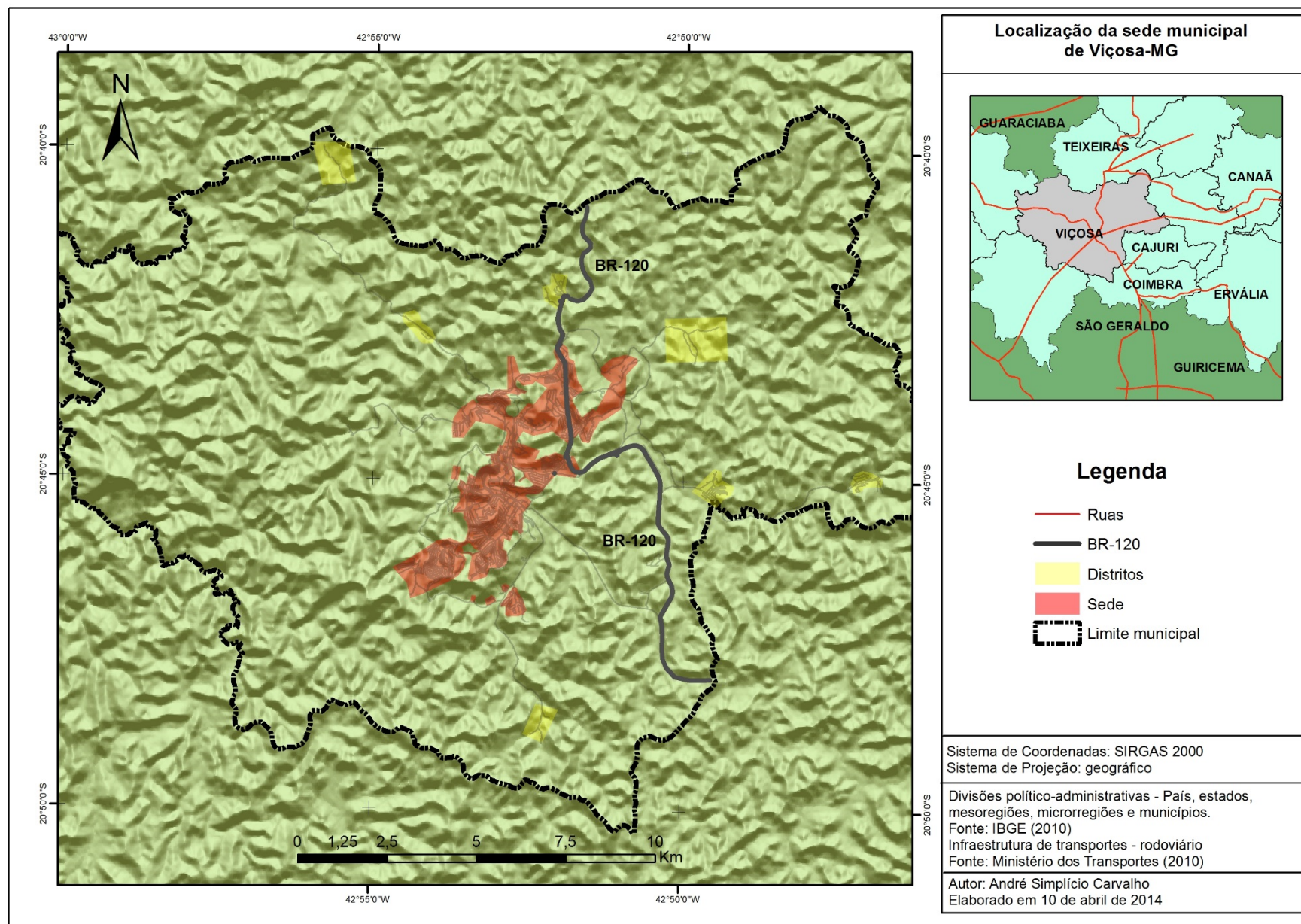
Como afirma Corrêa (2001, 2005), a despeito de inúmeros estudos realizados sobre o tema da rede urbana, ainda há muito a ser feito nesse campo, especialmente levando em conta as dimensões continentais do Brasil, que apresenta fortes desigualdades espaciais e um intenso dinamismo. Nosso objeto de pesquisa, assim como a região à qual pertence, é um exemplo do que afirma Corrêa, uma vez que o estudo sobre a centralidade da cidade de Viçosa ainda não foi feito. O mapa 1 oferece uma visão da localização de Viçosa na Zona da Mata mineira.

No Capítulo 2 tratamos exclusivamente de elucidar a nossa compreensão sobre o fenômeno das redes urbanas e da Teoria dos Lugares Centrais em suas abordagens geográficas perpassando a história do pensamento sobre as redes geográficas, redes urbanas e o novo momento da rede urbana brasileira onde nosso objeto irá se inserir.

O Capítulo 3 irá tratar exclusivamente da formação espacial da cidade de Viçosa, onde articularemos os fenômenos da rede urbana com a mudança do espaço intraurbano da cidade (Mapa 2), explicitando o surgimento das formas conteúdo que irão determinar as características do município a cada período. Será dada grande ênfase



Mapa 1 - Localização do objeto de estudo



Mapa 2 - Localização da sede municipal

a história da UFV, uma vez que essa instituição é a grande responsável pelas formas atuais de articulação da cidade na rede urbana.

O Capítulo 4 terá o intuito de demonstrar a atualidade do fenômeno da rede a partir da cidade, apresentando os dados mais relevantes acerca das formas intraurbanas em sua articulação com outros municípios. Nesse capítulo iremos também discutir se Viçosa pode ou não ser considerada uma cidade média, ou intermediária.

Por fim o Capítulo 5 irá trazer as reflexões finais sobre o estudo apresentado além de indicar outras caminhos a serem seguidos.

1.1 OBJETIVOS

A pesquisa cujos resultados compõem esta dissertação teve como objetivo geral a compreensão do papel da cidade de Viçosa na rede urbana mineira e como objetivos específicos:

- a) Discutir a teoria e os conceitos sobre rede urbana e cidades médias.
- b) Nos apoiando na perspectiva de Milton Santos que entende o estudo das redes “Em suas relações com o território, as redes portanto podem ser examinadas segundo um enfoque genético e segundo um atual. No primeiro caso, são vistas como um processo e no segundo como um dado da realidade atual.” Lembrando que “esses dois enfoques não são estanques. Seria impossível enfrentar, de modo separado, essas duas tarefas analíticas” (SANTOS, 2009 [1996] p. 263). Tentamos fazer um esforço analítico para abranger essas duas vertentes, abordadas em partes distintas da pesquisa, e de forma transversal tentaremos expor a articulação entre a escala local e regional proposta por Sposito (2007).
- c) Em um enfoque genético, procuramos compreender o processo de formação da Zona da Mata mineira, a fim de contextualizarmos a formação do município de Viçosa destacando sua articulação na rede urbana ao longo do tempo
- d) Procurando um enfoque atual, e portanto mais empírico vamos nos atemos a explorar o setor mais dinâmico da sociedade viçosense, e com maior capacidade de articulação da rede urbana da cidade, que são as instituições de ensino superior, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Escola de Ensino Superior de Viçosa (ESUV), Universidade de Viçosa (UNIVIÇOSA) e Faculdade de Viçosa (FDV) uma vez

que “a diferenciação espacial do aparelho ideológico escolar, o mais importante da sociedade capitalista, diferenciação que marcante em países como o Brasil, constitui-se em exemplo notável das relações entre localidades centrais, reprodução social e Aparelhos Ideológicos de Estado” (CORRÊA, 1982 p. 22). Serão levantados dados, sobre a origem dos alunos, dessas instituições para compreendermos o alcance de atração das mesmas.

1.2 METODOLOGIA

Os caminhos escolhidos para elaborar esse trabalho derivaram das contribuições do grupo de pesquisa Redes de Cidades Médias, RECIME, (SPOSITO *et al.* 2006, 2007, 2010, 2012), Nogueira (2003) e sobretudo da colega Soliane Bonomo (2010), que trabalhou com objeto de pesquisa semelhante dentro do mesmo período de pesquisa.

Todas essas pesquisas investigaram aspectos históricos e atuais sobre as funções e atividades marcantes desenvolvidas nas cidades em foco, com diferenças determinadas pelas condições sobre as quais foram realizadas como a disponibilidade maior ou menor de tempo, de dados e de recursos. Essa abordagem metodológica leva em conta o peso que a herança da formação territorial exerce sobre a formação atual das respectivas centralidades urbanas que se conformam no espaço intraurbano, que conduz a uma tentativa de articulação de escalas (SPOSITO, 2007, p. 234-235).

A versão aqui apresentada desse caminho metodológico se dará pela conjunção de texto (revisão bibliográfica), imagem (fotos), dados (gráficos e tabelas) e material cartográfico (mapas) sequenciados no tempo histórico de forma que cada um dos elementos ajude a corroborar afirmações feitas a partir dos outros. A principal inovação metodológica alcançada aqui diz respeito a produção dos argumentos que ajudem a construir a noção de especialização funcional urbana, especialmente a do tipo específico tratado; uma vez que a revisão de literatura não alcançou qualquer trabalho com esse viés.

Tendo em vista essa perspectiva iremos usar dos seguintes instrumentais de pesquisa para alcançarmos os objetivos anteriormente apontados.

1.2.1 Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica, que é parte essencial da elaboração dessa dissertação, recebeu atenção e tempo considerável. Foram levantados uma miríade de artigos, livros e relatórios que permitiram a composição de cada capítulo, cada uma das partes demandou locais e temas específicos que são aqui tratados de forma separada.

A composição do Capítulo 2, que trata da revisão teórica sobre o tema abarcado, demandou pesquisa, inclusive nas línguas inglesa e francesa, sobre os temas de redes geográficas, rede urbana, *réseaux urbaine*, *urban system*¹, Teoria dos Lugares Centrais, *Central Places Theory*, reestruturação produtiva, acumulação flexível, cidades pequenas e médias, metrópoles². A revisão se concentrou em livros clássicos e em coletâneas de artigos, que se encontram disponíveis na Base de Periódicos CAPES e no Google Acadêmico, que trazem as sistematizações mais recentes de cada tema.

A revisão bibliográfica, de caráter histórico e que compõe a essência do Capítulo 3, foi elaborada principalmente a partir de materiais bibliográficos que não eram necessariamente de caráter geográfico, mas continham em si importantes informações sobre a espacialidade da cidade, da Zona da Mata e da rede urbana mineira. Estes materiais bibliográficos versam sobre a cidade de Viçosa, Santa Rita do Turvo, a Escola Superior de Agricultura e Veterinária, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal de Viçosa, Arthur Bernardes, Zona da Mata, Estrada de Ferro Leopoldina e rede urbana mineira e brasileira. Majoritariamente os materiais encontrados foram retirados das bibliotecas da Faculdade de Ciências Econômicas e Administração e Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, da Biblioteca Estadual de Minas Gerais e do

Arquivo Público Mineiro, todos localizados em Belo Horizonte³; da Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa além do acervo virtual das bibliotecas do

¹ A busca por artigos desse tema em língua estrangeira se demonstrou infrutífero uma vez que as perspectivas adotadas pelos autores, em especial anglo-saxões, divergem daquelas que nos foram úteis no decorrer da pesquisa. A palavra *network* é comumente trazida em outros contextos da geografia e a noção de *urban system* nem sempre se adequa a base teórica revisada aqui.

² A revisão sobre esse tema, que é demasiado vasto, foca somente em textos produzidos na década de 90 que enfocam as novas funções metropolitanas decorrentes dos processos de reestruturação econômica.

³ As visitas as bibliotecas e fotocópias foram parcialmente financiadas com recursos do programa. Recursos pelos quais agradeço aqui.

IBGE e da Fundação João Pinheiro, além dos bancos de teses e dissertações da UFMG e da UFV.

Os textos que fundamentam o Capítulo 4 versaram sobre questões da produção intelectual, vinculadas ou não aos processos de urbanização e globalização, além vários textos abordando a especialização funcional das cidades.

1.2.2 Aquisição de material fotográfico

As fotografias utilizadas ao longo do texto, sobretudo do Capítulo 2, foram retiradas em especial do Museu Virtual de Viçosa, uma página informal vinculada à rede social Facebook. Nessa página os participantes, entusiastas da história da cidade, especialmente membros de famílias tradicionais e seus descendentes, postam livremente textos e imagens da cidade em diversas épocas, datando e atribuindo a autoria sempre que possível. Outras fotografias foram digitalizadas do acervo do Arquivo Central Histórico da UFV. As fotos inicialmente sem datação foram datadas de forma mais geral pelo autor, através de comparações entre fotografias e pelos elementos visíveis na paisagem descritos no material bibliográfico.

1.2.3 Produção do material cartográfico

Todos os mapas foram editados no ArcGIS 10.1 desenvolvido pela *Environmental Systems Research Institute Inc.* (ESRI), New York, USA, licenciado para o Laboratório de Cartografia e Geotecnologias da Universidade Federal do Espírito Santo. Foi utilizado o padrão de DATUM SIRGAS 2000 e sua variação para o Fuso 23 Sul. As divisões municipais adotadas em todos mapas foi a de 2010 do IBGE.

Os arquivos *shapes* municipais foram cedidos pelo Núcleo de Estudo de Planejamento e Uso da Terra – NEPUT-UFV e os demais *shapes* foram baixados dos sites do IBGE e Ministério dos Transportes.

A composição dos mapas das áreas urbanizadas de 1898, 1930, 1963, 1974, 1987, 2000, 2003, 2008 e 2011 foram feitas através de diferentes metodologias, mas sempre considerando somente a urbanização da sede municipal, uma vez que outros pequenos núcleos de urbanização, notadamente distritais, são insignificantes diante dos objetivos da pesquisa.

Os mapas de áreas urbanizadas de 1898 e 1930 foram construídos a partir de *shapes* de vias mais recentes e a área urbanizada foi feita a partir de fotografias e descrições de época tomando como referência as vias existentes.

Os mapas de 1963, 1974, 1987 e 2000 foram construídos a partir de aerofotos georreferenciadas, sendo que as aerofotos de 1963 escala 1:60.000, 1974 escala 1:8.000, e ortocartas de 1987 escala 1:60:000 foram cedidas pelo DEF-UFV⁴, e a partir dos mosaicos foi feita a vetorização da área urbanizada. As aerofotos de 2000 foram cedidas pela NEPUT-UFV⁵.

Os mapas de 2003, 2008 e 2011 foram feitos através de mosaicos a partir do satélite IKONOS, sendo a última montada a partir de dados do Google Earth.

Só foram consideradas urbanizadas áreas cuja presença de edificações fossem significativas, caso contrário seriam consideradas franjas urbano-rural. Foi aplicado 70% de transparências as áreas urbanizadas para que os contornos do relevo sombreado, adquirido no TOPODATA-INPE pudessem ser observados em sua relação com a expansão da mancha urbanizada.

Os mapas de rotas de correio e centralidade de 1831 e 1870 foram feitos a partir da junção de mapas de centralidade e rotas do trabalho de Rodarte (1999).

Os mapas de região de influências 1966, 1978, 1993 e 2007 foram feitos a partir de dados dos trabalhos do IBGE. A escala escolhida privilegia a visualização das mudanças na região de influência de Viçosa contrabalançada por seus vizinhos.

Os mapas temáticos foram montados a partir de dados do IBGE, DATAGERAIS e Ministério dos Transportes de acesso público.

1.2.4 Campo e entrevistas

Foram realizadas saídas a campo quando foram feitas as fotografias dos locais mencionados no trabalho, notadamente no Capítulo 3, tanto na cidade como nas vias de ligação com a mesma.

Algumas entrevistas foram realizadas com gestores das instituições mencionadas de ensino mencionadas. Diante da negativa das instituições de ensino privado fornecerem dados dos alunos matriculados numa primeira abordagem, optou-

⁴ Agradeço em especial a boa vontade do professor José Marinaldo e Vicente por cederem gentilmente as fotos, e ao pessoal do ACH-UFV pelo uso do scanner A3.

⁵ Agradeço aos funcionários do NEPUT e em especial ao professor Lani.

se por substituir esses dados por entrevistas não identificadas aos gestores das instituições de forma que estes se sentissem mais à vontade em apontar os principais locais de origem do corpo discente e docente de forma a permitir inferir uma noção mais clara do alcance de atração do conjunto de escolas.

2 REDE DE CIDADES: FENÔMENO E TEORIA, EVOLUÇÃO E ATUALIDADE

2.1 DAS REDES GEOGRÁFICAS E DA REDE URBANA

Rede ou *réseau* são palavras que tem significados idênticos que se referem, entre outras coisas, a ideia de linhas entrelaçadas, ligadas por pontos, frequentemente associadas a meios transporte, comunicação e distribuição de energia e outros meios de transferência de forma multilinear (HOLANDA, 1999 e ROBERT, 2014). As redes geográficas por sua vez, nada mais são do que a denominação dada à forma espacial que estas linhas assumem; notadamente as redes materializadas no espaço, “um conjunto de localizações geográficas interconectadas entre si por um certo número de ligações” (CORRÊA, 1995, p. 107).

Segundo Corrêa (1997) as redes geográficas são tão antigas quanto o próprio homem, quando esse ainda era uma espécie nômade e necessitava se deslocar constantemente para conseguir seu sustento. As redes geográficas se tornam então as redes colocadas ou realizadas pelo homem no espaço, com seus fluxos, que representam o movimento e circulação, e seus fixos, que representam os objetos tais como indústrias e residências fixas no espaço (SANTOS, 1988, p. 86), com a velocidade e capacidade condicionada principalmente pelo meio técnico.

É através de redes geográficas, isto é, localizações articuladas entre si por vias e fluxos, como aponta Kansky (1963), que as interações espaciais efetivamente se realizam a partir dos atributos das localizações e das possibilidades reais de se articularem entre si. (CORRÊA, 1997, p. 306)

As redes geográficas são tão variadas quanto as sociedades demandam e os meios naturais e técnicos permitem. Sendo assim estas podem assumir diferentes formas a depender da natureza, da posição geográfica e do período histórico da mesma apresentando-se de forma mais ou menos complexa e mais ou menos hierárquica (CORRÊA, 1997). O meio natural, o relevo, o clima, o terreno, a vegetação, a presença de canais navegáveis, a posição geográfica dos pontos nodais, a disponibilidade técnica podem facilitar ou dificultar que se estabeleçam ligações, dando a rede suas características de complexidade e velocidade. A fluidez das redes também está sujeita à variações sazonais por interferência do meio natural ou por questões de ordem econômica. As vias, notadamente as estradas e hidrovias, sofrem

com os períodos de congelamento ou chuvosos, a intensidade se modifica em períodos de safra e entressafra, temporadas, sejam de pesca ou períodos de férias coletivas.

Algumas redes são necessariamente hierárquicas, como aquelas estabelecidas pelas corporações e pelo Estado, outras, como redes de solidariedade podem se apresentar ausentes de uma hierarquia. Todas essas características se expressam histórica e geograficamente de formas diferentes.

As redes geográficas são usadas para se referir notadamente aos fluxos, vários ou algum, dos mais diversos criados pelo homem que chegam a fixos correspondentes.

Cada tipo de fixo surge com suas características, que são técnicas e organizacionais. E, desse modo, a cada tipo de fixo correspondente uma tipologia de fluxos. Um objeto geográfico, um fixo, é um objeto técnico, mas também um objeto social, graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e alteram-se mutuamente. (SANTOS, 1988 [2012], p. 86)

Os fluxos nada mais são que o movimento conjunto de tudo aquilo que o homem cria e necessita, que precise sair de um ponto do espaço geográfico para chegar a outro, especialmente em razão da divisão territorial do trabalho. Cada tipo de fluxo carrega em si um nível de tecnicidade e uma quantidade específica, sendo que os fluxos que são mais rápidos e mais densos desembocam justamente nos fixos com maior capacidade técnica. Esses grandes e modernos fixos normalmente se alojam nas maiores cidades, nas metrópoles e nos objetos técnicos mais complexos, formam-se assim redes mais ou menos densas. Ou seja, a direção e intensidade dos fluxos nos indica os fixos dotados de maior centralidade.

As redes também podem ter duração mais longa ou mais curta, com uma feição mais ou menos material, especialmente no que diz respeito ao fluxo de informações. O fluxo de informação é exemplar, pois pode se dar estritamente de forma material, como a correspondência escrita, onde o conteúdo e o meio de fluxo é material; o telefone, que já detinha um conteúdo imaterial, e agora a comunicação via satélite que só necessita de pontos de transferência, uma vez que opera no espectro eletromagnético.

É com a “organização e expansão do capitalismo que as redes geográficas assumem diversas formas de manifestação tornando-se ainda progressivamente mais

importantes” (CORRÊA, 1995, p. 108) e condicionam cada vez mais a organização espacial (CORRÊA, 1993, p. 31).

Essas redes que são para Santos (1994, p. 13-14) “portadoras de informações, mercadorias, ideias, dinheiro, recados afetivos” cuja “função fundamental é assegurar ligações, nos seus mais diversos aspectos”. Também dependem do conteúdo técnico para sua efetivação com maior ou menor fluidez, são mais evidentes conforme a materialidade de seus conteúdos, de seus fluxos; quanto mais imateriais os fluxos mais voláteis podem ser as redes, se reorganizando a cada momento. Quão mais avançada é a civilização material mais se impõe o caráter deliberado na constituição de redes (SANTOS, 2009 [1996], p. 265).

As redes compõem um dos elementos significativos para a interpretação do espaço como um todo, em especial as formas espaciais ligadas às corporações multifuncionais e multilocalizadas que cada vez mais se organizam de forma reticular e em escalas cada vez maiores, ligando pontos cada vez mais distantes. Corporações essas que, ao selecionar as formas reticulares que mais lhe convém, intensificam cada vez mais a seletividade espacial de suas localizações (DIAS, 1994, p. 150).

A multiplicidade e diversidade de redes nos dias atuais, mormente as relacionadas direta ou indiretamente à produção, se constituem em forças produtivas fundamentais de uma economia, cada vez mais, globalizada. Essas redes expressão antes de tudo, as relações de circulação do capital e é nessa expressão que evidenciam uma das dimensões do espaço: o espaço como meio, ou seja, o espaço como mediação necessária à reprodução do capital em escala globalizada (LECIONI, 2006, p. 67).

A noção clara que existe um arranjo que liga pontos no espaço através de linhas, de vias, com todas essas características supracitadas nem sempre existiu na Geografia. Ela é fruto de um construto intelectual de longa data que se consolida mais e mais na atualidade. Sendo assim convém elucidar a origem desse conceito.

2.2 COMO SURTIU A IDEIA DE REDE GEOGRÁFICA

Segundo Dias (1994 p. 144 e 2005 p. 15) o conceito moderno de rede geográfica nasce do pensador Saint-Simon ainda no século XIX, em sua obra póstuma *Le Nouveau Christianisme* (1825) que transfere a noção de organismo-rede para o território, no caso o da França.

Saint-Simon parte da ideia que o corpo humano se solidifica e morre quando a circulação é suspensa. Graças a essa analogia de organismo-rede, Saint-Simon dispôs de uma ferramenta de análise para conceber uma ciência política e formular um “projeto de melhoria geral do território da França”, que consistiria em traçar sobre o seu corpo, ou seja, sobre seu território (organismo), as redes observadas sobre o corpo humano para assegurar a circulação de todos os fluxos, enriquecendo o país e levando à melhoria das condições de vida, incluindo as classes mais pobres da população. (DIAS, 2005, p. 16)

À época, a escola saintsimonista, contando com a contribuição de autores como Augusto Comte, Barthélemy Enfantin e Michael Chavalier, foi responsável pela reprodução do pensamento sobre a importância das redes de circulação, estradas, ferrovias e canais.

Em 1863, foi publicado por Leon Lallane, o primeiro trabalho teórico dedicado às redes, tomando como objeto de estudo a rede ferroviária francesa. Daí em diante a ideia começa a se consolidar, mas o seu uso só iria se difundir na sociedade com o advento das novas tecnologias de informação, ao final do século XX, com a formação de uma nova base material, um meio técnico-científico informacional, que dará base para uma sociedade em rede. Ainda nos resta compreender do que se trata a rede urbana, uma das ou talvez a mais, importante tipo de rede geográfica, para isso temos que tomar por pressuposto algumas características do meio e do espaço.

2.3 A REDE URBANA COMO FENÔMENO ESPACIAL

Tomando o espaço como meio heterogêneo, onde cada localidade por mais semelhante que seja da outra jamais é absolutamente igual; mesmo que na atualidade a duplicação e replicação de espaços sejam acontecimentos cada vez mais comuns. Na chamada pós-modernidade, cada local, cada fração do espaço é singular pela combinação de elementos diversos, incluindo redes diversas com fluxos e fixos diversos. A diferenciação de cada fração do espaço, nas mais diversas escalas, nos leva a pensar que cada cidade (local) é singular e exerce uma centralidade/função diferente, mesmo que semelhante, dentro de um determinado sistema, região ou rede, onde se encontram interligadas a outras localidades mais ou menos centralizadoras. Sendo os espaços diferenciados entre si, cada qual oferecendo aos seus habitantes, condições diferentes dadas pelo meio natural ou pelo próprio homem; produtos, serviços, instituições ou mesmo a própria forma espacial, turismo; haverá a possibilidade ou mesmo a necessidade do intercâmbio entre esses espaços,

impulsionados pelo conjunto das necessidades singulares de cada pessoa, família, grupo, instituição. Esse intercâmbio gera fluxos no espaço e se vê muitas vezes refém das condições técnicas do meio, sendo contido nas infraestruturas criadas ou aproveitadas pelo homem como; trilhas, rodovias, ferrovias, hidrovias, aerovias, dutovias e infovias.

Sendo assim, tomando o espaço como o conjunto de sistema de objetos e sistema de ações (SANTOS, 2009 [1996]), que comporta as cidades, com suas respectivas centralidades, as diversas vias e os fluxos próprios de cada via, a rede urbana é esse conjunto funcionando de forma sinérgica.

Soja (2008 [2000]) entende que o fenômeno da rede urbana nasce junto com as primeiras cidades, as primeiras aglomerações de caráter urbano, uma vez que haviam locais com produções especializadas, com mais espaço para rebanhos ou mesmo que ofereciam outros produtos.

A troca de produtos e o deslocamento das pessoas foram os grandes geradores de fluxos entre cidades na história, mas foi só com o advento do capitalismo que esse fenômeno tomou força, começando então a se tornar um objeto de estudo no final do século XVIII.

O advento da indústria, ou seja, da aglomeração dos meios de produção em pontos específicos do espaço, tal como aconteceu na cidade de Manchester na Inglaterra irá modificar a lógica da produção do espaço da cidade e também da própria natureza das redes de cidades em si.

Com o capitalismo o processo de diferenciação das cidades se acentua, aí incluindo-se a hierarquização urbana: a criação de um mercado consumidor a partir da expropriação dos meios de produção e de vida de enorme parcela da população, e a industrialização levam à expansão da oferta de produtos industriais e serviços. Essa oferta, por sua vez, se verifica de modo espacialmente desigual, instaurando-se então a hierarquia das cidades. (CORRÊA, 1989, p. 22-23)

Estabeleceu-se então uma função central associada a algum funcional das cidades que influi em outras cidades, de forma convergente, atraindo pessoas para o trabalho ou para compra dos produtos na indústria, e de forma divergente, gerando fluxos para fora, enviando os seus produtos aos pontos mais longínquos. Neste texto as forças convergentes serão referidas como centrípetas e as divergentes serão referidas como centrífugas. A competitividade do capital, somada às inovações da época, privilegiam os meios de transporte cada vez mais rentáveis, sempre no sentido

de aumentar a velocidade de giro do capital. Como afirma LeGoff (LEGOFF, 1979, p. 61-73), sobre a crescente necessidade de velocidade dos mercadores desde a Idade Média, essa necessidade de velocidade, de aumento dos fluxos e articulações, sempre crescente, leva-nos a uma produção do meio técnico, onde importa o fluxo material.

Estabelecem-se assim as redes urbanas modernas, onde os pontos privilegiados pelos meios mais fluídos tendem a crescer mais, como visualizaria Saint-Simon (*apud* DIAS, 1994, 2005). A fluidificação gera mais crescimento e mais centralidade, que por sua vez necessita de mais fluidez. As indústrias então, num espaço com possibilidades desiguais, agora somado à desigualdade da fluidez, procuram os pontos mais lhe convém para instalação. Nesse sentido as metrópoles são usualmente as privilegiadas, pois, dotadas de um máximo de centralidade, de forças centrípetas, geram as melhores condições para o capital e para as grandes instituições, mantendo-se no topo da hierarquia urbana.

A chegada da década de setenta do século XX traz consigo a crise do fordismo, da grande indústria prenhe de centralismo e que vive para o centripetismo. As suas forças centrípetas implodem e dão lugar à descentralização. A descentralização essa que é um fenômeno urbano-econômico que se faz em diversas escalas.

A descentralização, que ocorre quando as forças centrífugas superam as forças centrípetas, faz com que sobretudo as indústrias e os serviços mais dinâmicos, como a indústria automobilística e os serviços ligados à informação, se desloquem dos centros, novamente em diversas escalas, e venham ocupar a semiperiferia. A semiperiferia que em termos intraurbanos significa uma subcentralidade no interior da própria cidade e nas redes urbanas as áreas metropolitanas e as cidades médias. Esse novo rearranjo é fruto e reflexo de uma ampla fluidificação do território, que permitiu a semiperiferia ingressar nos circuitos, uma vez que não apenas a matéria, mas a cada vez mais preciosa informação possa se deslocar no espaço com reduzido atrito temporal. Temos aí um importante aspecto do meio técnico-científico-informacional, a grande velocidade de deslocamento dos dados de informação,

Uma vez colocado o que entendemos como rede urbana de um ponto de vista empírico, falta entender como ela se dá de forma teórica.

2.4 A REDE NA GEOGRAFIA URBANA

A rede urbana⁶ que segundo Eliseu S. Sposito é a materialização na forma mais completa do que seria uma rede geográfica (SPOSITO, 2006 p.9), uma vez que sintetiza diversos fluxos. Para Roberto Lobato Corrêa a rede urbana se configura como “um reflexo, na realidade dos efeitos acumulados de diferentes agentes sociais, sobretudo as grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas que, efetivamente, introduzem, tanto na cidade como no campo atividades que geram diferenciações entre os centros urbanos” (CORRÊA, 2005, p.27) é objeto de estudo há muito tempo conquistado pelos geógrafos.

Corrêa foi um dos autores brasileiros que mais pensou a rede urbana, tendo ao longo de seus textos tentado organizar os estudos publicados, especialmente em língua inglesa, de diversas formas. São nesses textos (CORRÊA, 1982, 1988^a, 1988b, 1989, 1993 e 1995) que vamos embasar nossa reflexão teórica sobre esse objeto, mas dando a esta uma sequência mais histórica sem nos preocupar com classificações, haja visto que não trata-se aqui de uma revisão exaustiva sobre o tema.

Segundo Corrêa (1989 p.20) os estudos das redes urbanas em suas formas iniciais datam de 1755, sendo que somente com o estudo mais sistemático de M. Aurosseau em 1921 a temática começa sua consolidação. Na Geografia, os estudos sobre as redes urbanas estão entre os temas mais clássicos e consolidados dessa ciência, que segundo Corrêa (1989 p.10) tem sido abordada através de trabalhos abordando as divisões funcionais, dimensões de variação, hierarquização e as relações entre cidade e região. Essas vias de estudo, que não são mutuamente excludentes, tem por pressuposto a existência de centros urbanos fixados num território marcado pela economia de mercado e minimamente articulados entre si.

O estudo de M. Aurosseau, segundo a periodização dada por Corrêa ([1988] 2005 p.17), já propunha a noção de funcionalidade urbana e “propõe uma classificação de cidades em oito tipos, de acordo com a função dominante: cidades de administração, defesa, cultura, produção, coleta, transferência, distribuição e recreação”.

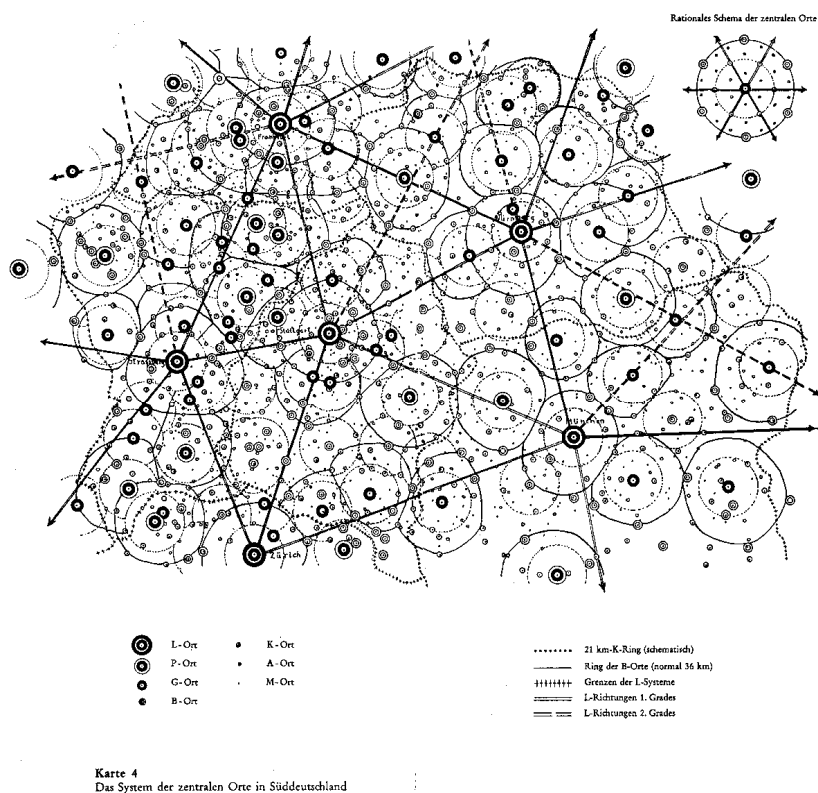
⁶ Devemos notar atentamente que a ideia de rede na geografia brasileira deriva diretamente da palavra *réseau* do francês, sendo rede urbana *réseau urbanine*. O mesmo não ocorre no inglês onde a rede urbana é *urban system* (sistema urbano) e as demais redes *chains*, correntes ou cadeias, vindas da economia ou *network*, traduzido rede, com uma significação abrangente.

Em 1933, Walter Christaller, que gerou a base teórica primaz para estudos posteriores sobre a rede urbana embasado na noção de hierarquia urbana, lançou a pedra fundamental da Teoria dos Lugares Centrais.

Apoiado nos pressupostos do equilíbrio geral da economia neoclássica e reproduzindo-os para o espaço o Christaller tomou como pressupostos que:

- o espaço geográfico apresenta características físicas e humanas que lhe conferem uma homogeneidade (do quadro físico, da distribuição da população, concorrência perfeita entre os produtores, etc);
- os preços são fixos para todos os agentes sociais que convergem em direção a um centro elementar;
- para o consumidor, que sempre apresenta um comportamento racional, o transporte de um produto tem um custo que aumenta proporcionalmente com a distância, o que tende a levá-lo a frequentar os pontos de venda mais próximos; daí, o conceito de limiar de um bem ou serviço;
- o patamar de consolidação de um produto corresponde ao volume mínimo de clientela potencial, que assegura renda suficiente ao produtor;
- as economias de escala na produção de bens propiciam a algumas cidades condição para concentrar a produção a fim de revender em territórios mais ou menos estendidos. (IPEA *et al.* 2002a, p. 259)

O padrão encontrado por Christaller no interior da Alemanha nos anos entre guerras (Figura 1) não poderia ser sempre reproduzido no espaço, mas gerou um referencial importante para estruturar outras variações das redes urbanas.



Uma significativa contribuição foi a de Johnson e Kelly, que estudaram as chamadas redes dendríticas (Figura 2) nos países de terceiro mundo. Essas redes eram características de países com estruturas urbanas herdadas da colonização, onde a cidade mais importante se localizava estrategicamente e anteriormente a uma hinterlândia. Essa hinterlândia era posteriormente controlada, conforme o processo colonial penetrava no território e estabelecia uma rede de cidades interconectadas prioritariamente com a capital colonial. Essa cidade primaz concentrava então os mecanismos de gestão do território e também a maior parte do comércio e outras importantes funções, tal qual a portuária fazendo a ligação com a metrópole imperial e também com o mercado externo para onde se destinavam prioritariamente os produtos coloniais. Tipicamente a rede dendrítica é caracterizada pela abundância de pequenos centros locais, na base da hierarquia urbana, e um número mínimo de cidades intermediárias, ou cidades médias, e uma única cidade primaz para onde todos os fluxos se concentram. Uma rede altamente macrocefálica, que somente começa a perder essa característica diante de um aumento de complexidade da cadeia produtiva e da oferta de serviços.

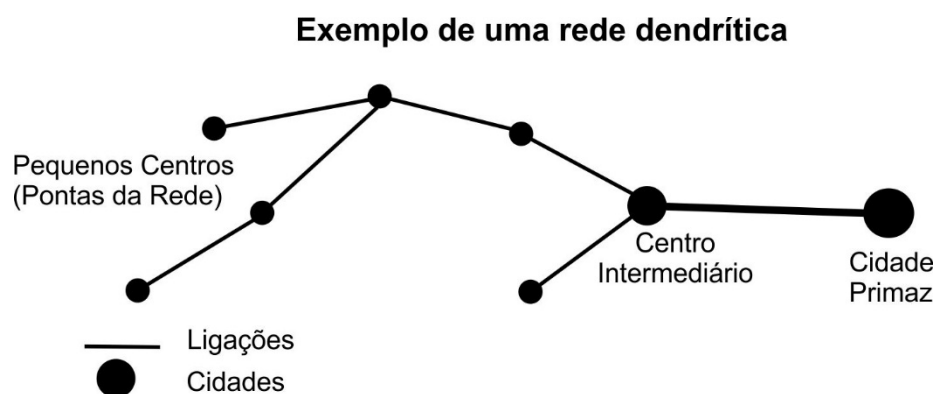


Figura 2 - Esquema de uma rede dendrítica
Fonte: Elaborado pelo autor inspirado em Corrêa, 1995

Outra contribuição de notável importância foi o estudo dos mercados periódicos, especialmente por Florich, Skinner e Stine. Esses autores se dedicaram a estudar as redes formadas a partir do acontecimento dos mercados periódicos em diversos países, que naquele momento eram de suma importância na espacialidade dos países na Ásia, América Latina e África. Os mercados periódicos apresentavam padrões diversificados, poderiam além de variar na periodicidade, sazonalmente

(período de safra e entressafra), semanalmente, a cada alguns dias, ou diariamente; variavam também espacialmente, alternando-se ordenadamente entre as cidades onde ocorriam. Nos dias em que ocorriam os mercados, a cidade que recebia o evento tornava-se então a localidade central na rede, conforme representado na Figura 3. O mercado não apenas possibilitava a realização do mais valia, ou do lucro, mas também organizava eventos políticos e sociais de uma dada hinterlândia. Estava aí adicionado uma noção de centralidade sazonal, se exerce uma função mais central por um certo período.

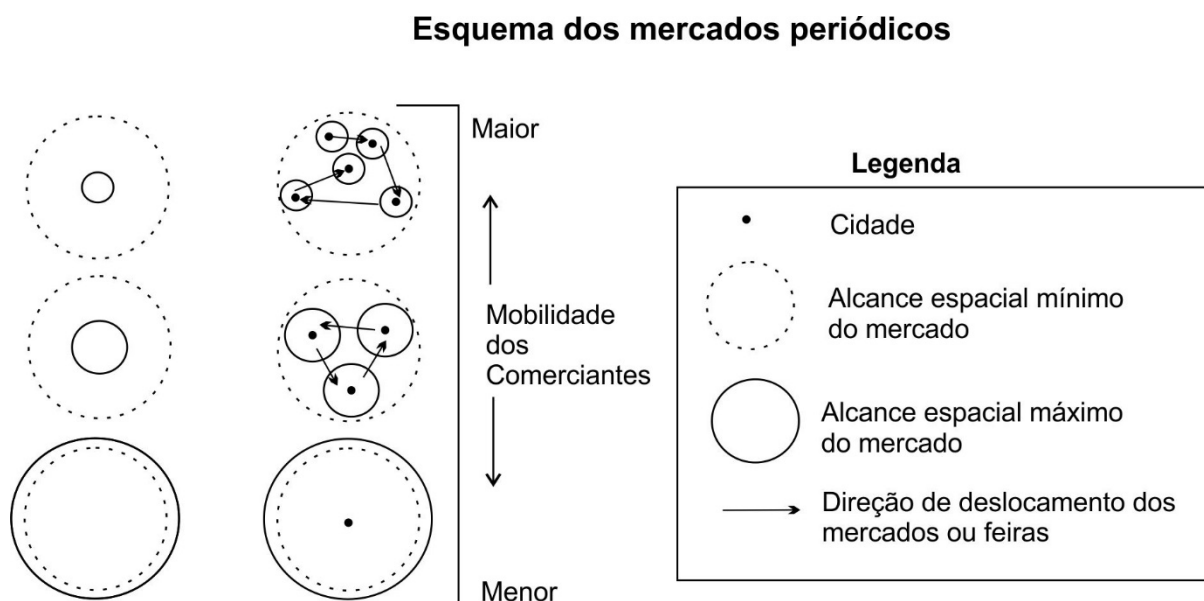


Figura 3 - Esquema de rede dos mercados periódicos

Fonte: Corrêa, 1995

O estudo das redes urbanas atualmente se torna tema recorrente entre os Geógrafos, assim como também entre os Economistas, que tentam entender os papéis, ou as funcionalidades, das cidades diante do processo de difusão do capitalismo cada vez mais acentuado. Esse processo de diferenciação espacial também é reflexo da própria divisão territorial do trabalho.

A contribuição de Milton Santos para o tema das redes urbanas, destacada por Corrêa (1989, 1996), trouxe à tona a diferenciação da hierarquia urbana/funcionalidade nos países de terceiro mundo. Baseado no princípio de que a economia nos países subdesenvolvidos se dividiria em dois circuitos, um inferior e outro superior, destinados respectivamente a atender a população de mais baixa renda e instabilidade financeira e outro a atender a uma população de mais alta renda, reflexo da grande desigualdade social existente, a hierarquia urbana só seria

significativa para a camada mais rica da população, que poderia acessar os níveis hierárquicos mais altos que oferecem serviços de maior custo e complexidade conforme ilustra a Figura 4.

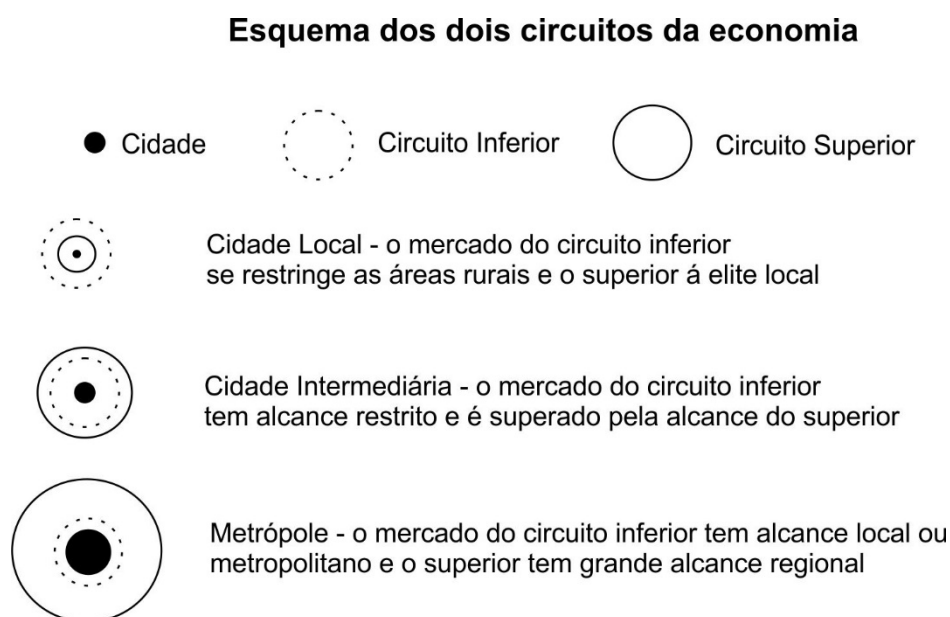


Figura 4 - Esquema dos dois circuitos da economia

Fonte: Elaborado pelo autor inspirado em Corrêa, 1995

A contribuição de Milton Santos figura como a última mais importante citada por Corrêa em seus trabalhos, mas há ainda outros avanços relevantes na leitura mais recente das redes urbanas que merecem ser pontuadas.

2.5 NOVAS PERCEPÇÕES E CENTROS MENORES

Durante o processo de revisão bibliográfica encontramos esses dois trabalhos que, a partir da Teoria dos Lugares Centrais dirigem boa parte de sua atenção ao conjunto de centros intermediários dentro da rede urbana. A atenção dispensada aos centros pequenos e médios se mostra então como uma tendência, uma vez que em seu conjunto apresentam um peso considerável na composição das redes urbanas.

A primeira contribuição do tipo é a do italiano Guiseppe Dematteis (1997) que ao explorar a rede urbana na Itália concluí, entre outras coisas que:

As conexões reticulares regionais são mais importantes do que o tamanho. Contudo é verdade que o desenvolvimento das ligações urbanas depende da capacidade de desenvolvimento autônomo dos sistemas urbanos individuais [...]. (p. 336)

E completa que “na ausência de um polo metropolitano importante, ligações de alta conectividade se formaram” sendo capazes de substituir centros maiores, mas que não necessariamente implicará na fusão do sistema (DEMATTEIS, 1997, p. 337).

A segunda contribuição, ainda mais recente, de 2011, é dos chineses Lu, Yuan e Zhog; que trabalharam o modelo de Christaller de um ponto de vista evolucionário, tendo como base a província de Jiangxi na China. A ideia era trabalhar o modelo de Christaller de forma temporal, adicionando ao modelo ideal mais população para se observar como ocorreria a distribuição das centralidades, tendo-se os mesmos pressupostos anteriormente colocados.

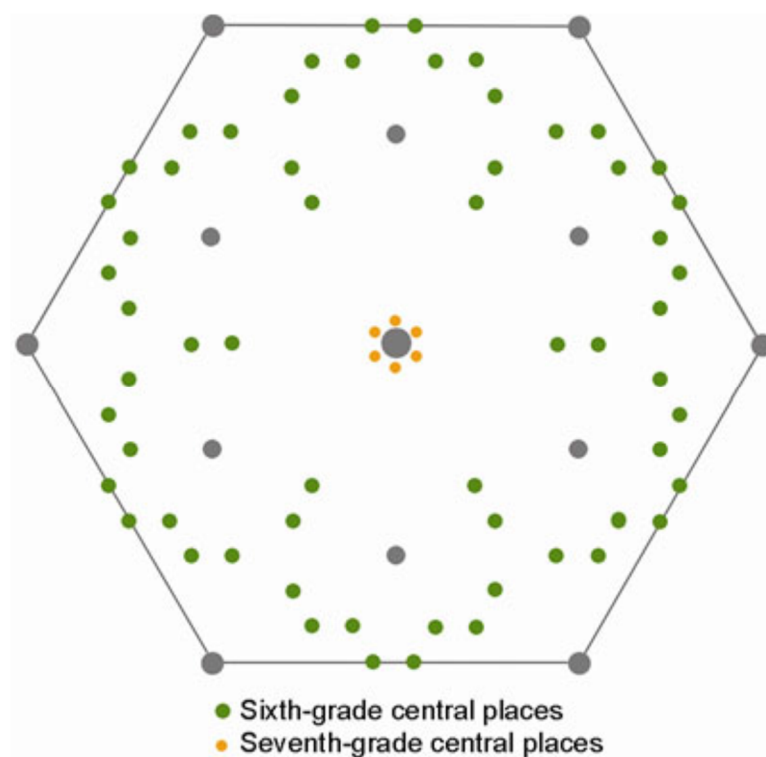


Figura 5 - Modelo de Christaller evoluído

Fonte: Lu *et al.*, 2011

Na Figura 5 podemos notar a presença de um polo metropolitano (central) de primeira grandeza no centro, polos regionais (em cinza) e cidades de terceira importância no entorno desses polos formando um arco (em verde). Padrão similar pode ser observado nos resultados do REGIC 2007 (IBGE, 2007) para região de influência de Montes Claros, tendo Belo Horizonte como metrópole. As cidades do planalto formam um arco em volta da capital regional do Norte de Minas Gerais.

Podemos notar que ambos trabalhos dão grande importância aos espaços não metropolitanos na rede urbana atual, pode-se dizer que o sistema se aproxima muito mais de um equilíbrio dinâmico, onde o conjunto de cidades médias equilibra a metrópole dentro da rede urbana.

Tendo em vista a forma geral como foi abordada a questão da rede urbana, é pertinente questionar como esse estudo tomou uma forma particular no Brasil?

2.6 O ESTUDO DAS REDES URBANAS NO BRASIL

Há plena concordância que o grande pioneiro no estudo das cidades, abordando suas inter-relações, foi Pierre Mombeig (ABREU, 1994; CORRÊA 1994 e DIAS, 1994). Diverge-se apenas se foi a publicação de 1943, do artigo “O estudo geográfico das cidades” (CORRÊA, 1994) ou foi a de 1952, “Pioneiros e plantadores de São Paulo” apresentando um capítulo intitulado “Regiões ou redes” (DIAS, 1994).

Mombeig, que ajudou a formar a escola brasileira de Geografia, apontava a questão das funções urbanas, entretanto, o estudo das redes não era o foco de suas pesquisas. De uma maneira geral, de 1943 até meados da década de 1950 a geografia urbana brasileira passou por uma fase de consolidação temática, mas não teórica, pois predominavam as pesquisas descritivas de influência lablacheana.

Durante o final da década de 1950 e a década de 1960 cresceram em muito os estudos sobre redes urbanas, influenciados diretamente por outro francês, Michel Rochefort (ALMEIDA, 2004, CORRÊA, 1994), que trouxe uma maior sistematização ao estudo da cidade e sua hinterlândia. O método de Rochefort, que se baseava na hierarquização de cidades a partir da população economicamente ativa e representatividade do setor terciário (ROCHEFORT, 1961) influenciou inclusive na produção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, denominada Região de Influência das Cidades em 1966 (IBGE, 2007) cujo resultado geral está demonstrado na Figura 6.

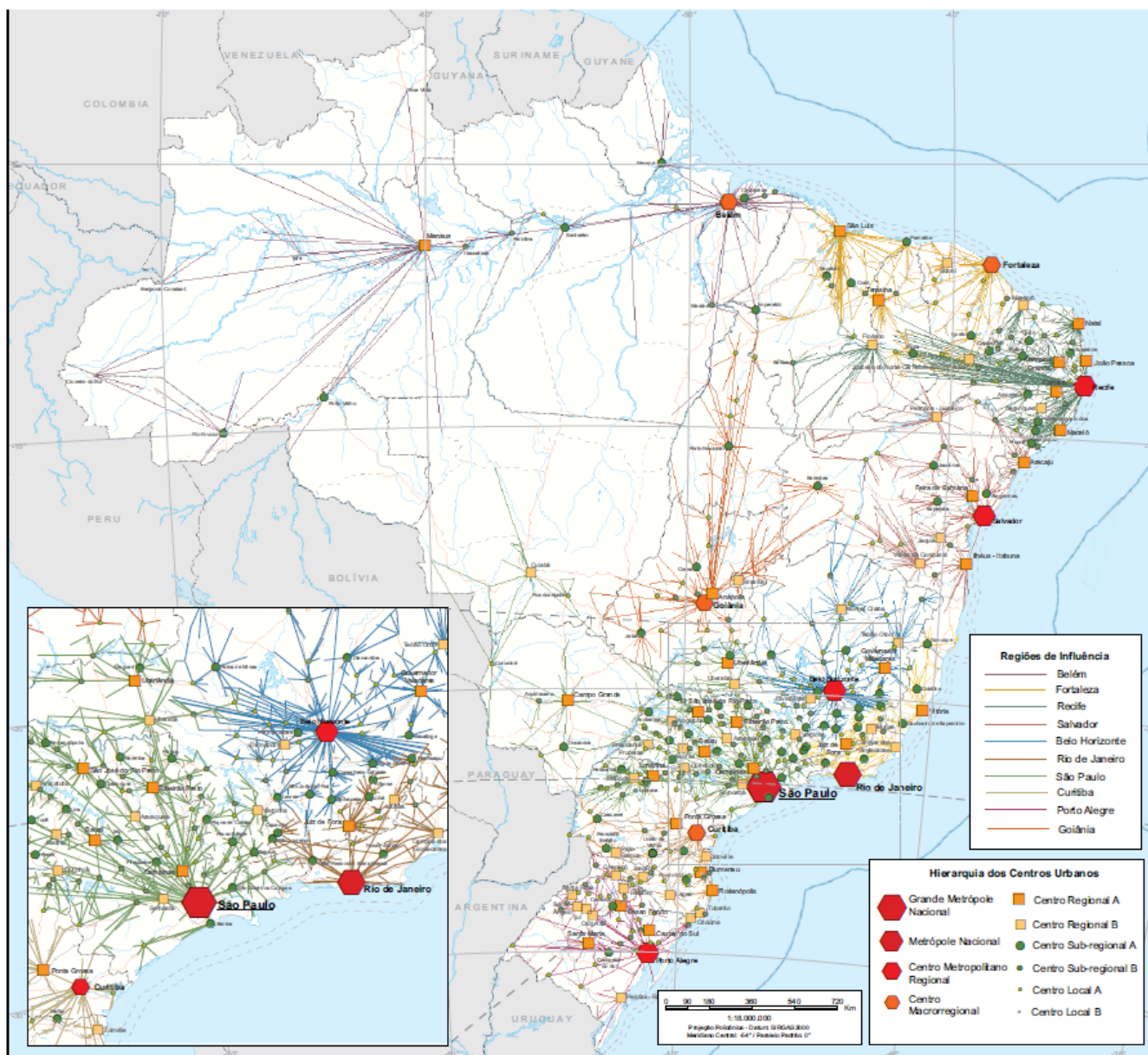


Figura 6 - Rede urbana brasileira em 1967

Fonte: IBGE (2007)

Ao final da década de 1960 iniciou-se uma forte onda influência da geografia teórica-quantitativa de base anglo-saxã sobre a comunidade de geógrafos brasileiros. As novas percepções e técnicas vinham de encontro as necessidades de compreender e planejar um país que se consolidava, com uma economia mais complexa, ligações rodoviárias cada vez mais comuns e também com uma migração campo-cidade em crescimento acelerado. Verificou-se a introdução de diversos autores como Brian Berry, Green, Carruthers, Polamaki, Nystuen e Dacey e o maior acesso à obra de Christaller e Losch (ABREU, 1994 e CORRÊA, 1994). Todos esses

autores, e seus leitores brasileiros, utilizavam-se de métodos estatísticos ou outros métodos quantitativos para embasar seus estudos sobre hierarquia urbana, deixando de lado os métodos mais qualitativos, como aqueles empregados por Mombeig, Rochefort e Pierre George. Foi nesse contexto, já na primeira metade da década de 1970, que surgiram os primeiros estudos sobre as cidades médias no Brasil.

Após o período de grande difusão dos métodos da chamada Nova Geografia, houve uma guinada para compreensão das redes urbanas através de outras metodologias. Metodologias essas que faziam parte do movimento conhecido como Geografia Crítica, e que vinham afastar o excesso de elementos quantitativos presentes nessa ciência, o que por sua vez afetou também o estudo das redes urbanas. Uma contribuição importante na nova forma de estudo das redes foi a proposição de Milton Santos sobre os dois circuitos da economia urbana, que trouxe uma nova luz à questão, se configurando no que Corrêa (1994, p. 348) considera como a maior contribuição dos brasileiros aos estudos das redes urbanas.

Os anos da década de 1980 foram marcados por um esvaziamento considerável do debate, tanto os trabalhos versando explicitamente sobre rede urbana como cidades médias contaram com poucas contribuições. Mas foi um momento em que os cientistas sociais, especialmente os geógrafos se voltaram para compreender o que estava ocorrendo nas metrópoles diante da implantação das novas tecnologias, uma nova onda de tecnificação do território. A debilidade do debate da rede urbana nesse momento é bem retratada por Santos ao afirmar que:

A rede urbana é cada vez mais diferenciada, cada vez mais complexa; cada cidade e seu campo respondem por relações específicas, próprias às condições novas de realização da vida econômica e social, de tal maneira que toda simplificação no tratamento dessa questão precisa ser superada. (SANTOS, 1989, p. 81)

Agora, em uníssono com a geografia produzida fora do país, os pesquisadores se voltaram para compreender a articulação das metrópoles dentro do novo quadro técnico econômico mundial o que ao nosso entender também se torna parte importante da noção de rede urbana.

2.7 A METRÓPOLE NA REDE

A discussão do novo papel das metrópoles nas redes urbanas é fruto da necessidade de compreender de forma ampla a reestruturação espacial gerada no mundo após a decadência do regime de acumulação fordista dando lugar ao pós-fordismo ou acumulação flexível ao final da década de 1970. Reestruturação essa retomada por vários autores como David Harvey (1989). Entenda-se regime de acumulação o “modo de realocação sistemática do produto, que administra, ao longo de um período prolongado, uma certa adequação entre as transformações das condições da produção e aquelas das condições do consumo” (LIPIETZ, 1989, p. 304).

As cidades mais importantes são aquelas [...] que dispõe de recursos para se reconverterem, de maneira rápida e permanente, adaptando-se às novas exigências econômicas e à transformação das hierarquias em território de redes (SPOSITO, 2010, p. 223).

Essa preocupação se estendeu a muitos autores especialmente em meados dos anos de 1990 e início do corrente século, tal como sistematizou Moura (2009), gerando uma miríade de novas nomenclaturas (Quadro 1).

MORFOLOGIAS	REFERÊNCIA
Arquipélago urbano	VELTZ (1996)
Cidade arquipélago	VIARD (1994) ⁽³⁾
<i>Cibercities</i>	BOYER (1996) ⁽¹⁾
Cidade difusa	INDOVINA (1990)
Cidade dispersa	MONCLÚS (1998)
Cidade dos <i>bytes</i> ou <i>soft city</i>	MITCHELL (1996) ⁽¹⁾
Cidade flexível	LEHRER (1994) ⁽¹⁾
Cidade global	SASSEN (1991, 1998)
Cidade informacional	CASTELLS (1999)
Cidade mundial	HALL (1966), FRIEDMANN (1986), FRIEDMANN e WOLFF (1982)
Cidade pós-moderna	AMENDOLA (1997) ⁽²⁾
Cidade reticular	DEMATTEIS (1998)
Cidade-região global	SCOTT <i>et al.</i> (2001)
<i>Edge city</i>	GARREAU (1991)
Exópole	SOJA (1994, 2002)
Hipercidade	CORBOZ (1994) ⁽¹⁾
Megacidade	BORJA e CASTELLS (1997)
Megalópole	GOTTMAN (1970)
Megarregião	SASSEN (2007)
Metápole	ASCHER (1995)
Metroplex	North Texas Commission (1972) ⁽⁴⁾
Metrópole sem bordas	GEDDES (2002)
<i>New burb</i>	DAVIS <i>et al.</i> (1994) ⁽¹⁾
<i>Outer city</i>	SOJA (1994, 2002)
Pentúrbia	LESSINGER (1991) ⁽¹⁾
Pós-metrópole	SOJA (2002)
<i>Post-suburbia</i>	TEAFORD (1997) ⁽¹⁾
Privatopia	MCKENZIE (1994) ⁽¹⁾
Rurbano	BAUER e ROUX (1976) ⁽¹⁾
<i>Suburbia</i>	BAUER (1993) ⁽¹⁾
<i>Tecnoburb</i>	FISHMAN (1989) ⁽¹⁾
Tecnópoles	CASTELLS e HALL (1994) ⁽¹⁾
Telépolis	ECHEVARRÍA (1994) ⁽¹⁾

FONTE: Organizado pela autora

NOTAS:

(1) Referências extraídas de Rufi (2003).²⁹

(2) Referências extraídas de De Mattos (2001).³⁰

(3) Referência extraída de Lencioni (2006).³¹

(4) <http://www.ntc-dfw.org/ntcfaq.html>

Quadro 1 - Nomenclaturas para a nova condição da metrópole

Fonte: Moura, 2009

Edward Soja ([2000] 2008), elaborou uma ampla revisão sobre as questões que afligem os estudiosos das metrópoles em seu livro intitulado “Pós-metrópole”. Dentre os chamados por ele “discursos sobre a pós-metrópole” nos interessa mais o denominado “Metrópole Industrial Pós-fordista”.

A Metrópole Industrial Pós-fordista é entendida pelo autor como o discurso que descreverá os efeitos da mudança da economia geopolítica⁷ sobre o fenômeno urbano, fazendo uso mais intenso da obra de Allen J. Scott e Michael Stoper sobre a produção de economias regionais e a cidade-região global.

Os estudos sobre a metrópole pós-fordista se preocupam em explicar como as modificações do sistema capitalista ao final do período urbano industrial, nos anos 70, modificou o processo de produção industrial e por consequência o processo de urbanização. Preocupasse aí com a divisão do trabalho e o crescimento geograficamente desigual das cidades. Esse novo discurso de caráter neomarxista abarca uma pluralidade de influências, desde Engels até a ecologia urbana da Escola de Chicago.

O processo de reformulação industrial, nos países centrais, ficou caracterizado pelo desmonte dos setores clássicos da manufatura com seu operariado da classe média, especializado e sindicalizado. Esse operariado em sua maioria experimentou dramáticas reduções em seu poder de compra e passou a depender cada vez mais dos recursos da assistência social, formando então uma infraclasse urbana. Essa nova situação da divisão do trabalho se dava especialmente em função a desintegração vertical, estudada por Scott e seus seguidores de forma sistemática.

Outro aspecto importante da desintegração é o descolamento das unidades fabris para longe das antigas metrópoles industriais e a produção de uma nova forma de sinecismo inovador. Os setores que demonstraram mais intensamente esse comportamento, o de formarem aglomerações para fomentar a troca, foram os de alta tecnologia, através de formações como os tecnopólos; as indústrias de caráter artesanal, intensivas em mão de obra e o setor FIRE (finanças, seguros e imobiliário). Seguidas as estas aglomerações, os setores respectivamente vinculados.

Scott faz uma crítica aos que adotam o termo pós-industrial em um sentido que leva a entender o pós-industrialismo, nos países centrais, como sem indústria, ou pelo menos sem o setor produtivo clássico. Scott defende que os serviços relativos à informação e os negócios também podem ser considerados instâncias produtivas. Os serviços pessoais e coletivos também podem ser considerados como parte importante

7 Soja nomeia a economia geopolítica como o modelo econômico hegemônico, no caso o capitalista.

e complementar da produção e do trabalho; e os serviços de gestão, especialmente financeiros, continuam gerindo a instância econômica mundial.

A partir do entendimento da reestruturação corporativa que se passou nos países centrais nas décadas de setenta e oitenta, que levou a uma reestruturação/precarização do trabalho e uma reestruturação do governo, que abandona as políticas keynesianas, faz-se necessário uma nova série de teorizações. Essas teorizações vem dos novos espaços industriais (Scott) ou distritos industriais (Marshall). Há um fortalecimento da chamada escola de regulação francesa (Lipietz e Aglietta), entendendo-se um abandono das formas de regulação fordista e entrando-se no pós-fordismo ou acumulação flexível.

A noção de flexibilidade e flexibilização tem dominado os discursos explicativos do pós-fordismo, tendo em vista seu poder de explicação diante da oposição que faz à rigidez do sistema fordista de produção. Rigidez essa que vai das relações trabalhistas aos produtos estandardizados. As formas de produção e organização flexíveis geraram novas formas de desenvolvimento e organização espacial influenciando diretamente na produção do urbano.

Outro aspecto dos estudos urbanos econômicos foi a retomada do tema regional por Stoper (1994), abordando a economia regional como aquela capaz de gerar desenvolvimento. Esse desenvolvimento viria pautado no sinecismo e apoiado nas trocas a serem efetuadas pela tríplice trindade: as instituições; a organização industrial e as transações; e as mudanças tecnológicas e a educação. A obra desse autor traz duas grandes inovações, ou reinvenções, na análise econômica urbano-regional. Primeiro seria a quebra do paradigma regional-local e a retomada do regional como base para o desenvolvimento e esfera da sociabilidade. Outro aspecto mais importante é o reencontro do sinecismo, mas um sinecismo regional que possibilita a troca.

Tanto a ideia/conceito de cidade-região global elaborada por Scott como a nova concepção de região elaborada por Storper detém em seu âmago uma forte preocupação com o rearranjo reticular, concebendo que é na produção em redes de cidades e não mais somente nas cidades pontualmente que se fará a nova economia global.

Milton Santos (1989, [1993], 2009 [1996], 1999) enfatiza de forma muito contundente a questão das redes de cidades em sua relação com a metrópole e aponta a crescente importância das cidades de nível intermediário.

Através da discussão da inserção da técnica no território o autor enfatiza que as metrópoles são ainda os principais receptáculos das inovações técnicas e das novas formas econômicas. Este fato se deve a que as metrópoles são dotadas de uma privilegiada infraestrutura, são densamente povoadas por uma diversidade populacional o que implica em mercados e mão de obra diversificados, além de muitas instituições de ensino e pesquisa especializados e de facilidades para transformações de toda ordem. As metrópoles são os espaços mais capacitados a responder a crescente competitividade de uma economia cada vez mais intelectualizada.

A metrópole informacional se assenta sobre a metrópole industrial, mas já não é a mesma metrópole. Prova que sua força não depende da indústria e que aumenta seu poder organizador ao mesmo tempo que se nota uma desconcentração da atividade fabril. (SANTOS, 1989)

Santos aponta ainda a crescente participação dos centros intermediários na rede urbana e bem como especialização funcional trazida pelos mesmos em várias publicações (1989, 1996, 1998, 2001). O debate acerca desses centros intermediários é, no entanto, ponto principal na obra de vários autores, o que faz desse objeto um tema a parte na Geografia Urbana, como veremos a seguir.

2.8 A QUESTÃO DAS CIDADES MÉDIAS

Atualmente a rede urbana brasileira, e mesmo latino americana, tem apresentado uma tendência de crescimento em quantidade e importância das cidades médias. Essa tendência vem sendo detectada especialmente a partir dos anos 80 de forma generalizada no território brasileiro, notadamente no sudeste, como reflexo do espraiamento da indústria paulista. Esse fenômeno, no entanto, foi construído décadas antes através de mecanismos de planejamento do território, tendo sua percepção e sua efetivação levada a cabo na França, para só depois chegar ao Brasil.

2.8.1 Cidades médias como objeto de planejamento

Muitos são os autores que comentam a importância das cidades médias, ou de porte médio, como objetos do planejamento estatal. Destacamos aqui Amorim Filho e

Serra (2001), Steinberger e Bruna (2001) e Bonomo (2010) e muitos outros nos fornecem pistas de como ocorreu esse processo.

Tanto Corrêa (2007) como Costa (2002) e Amorim Filho (2007) concordam que a ideia ou a noção de cidade média nasceu junto aos órgãos de planejamento nacionais franceses, dentro do *aménagement du territoire*.

Segundo Amorim Filho e Serra (2001) os planejadores franceses se defrontavam com três problemas:

- . a exacerbação de problemas de desequilíbrios urbano-regionais, cujo tipo clássico foi amplamente descrito na obra de Gravier (1958) sobre Paris e o deserto francês.;
- . o agravamento da qualidade de vida nas grandes aglomerações urbanas, bem como um aumento acelerado dos problemas sociais aí verificados;
- . a frágil organização hierárquica das cidades⁵ e, obviamente, o fluxo insuficiente das informações e das relações socioeconômicas nas redes urbanas da maior parte dos países do mundo, com reflexos negativos sobre o funcionamento dos sistemas político-econômicos (fossem eles de orientação capitalista ou socialista).

Esses problemas, notadamente demográficos, fizeram com que no início da década de 1960 se firmasse a ideia de metrópoles de equilíbrio, afim de atrair populações para fora de Paris. Segundo Hautreux e Rochefort (*apud* AMORIM FILHO; SERRA, 2001, p. 6) se fazia necessário o fortalecimento das cidades entre 100 mil e 1 milhão de habitantes. Tal política tomou forma no V Plano de Desenvolvimento Econômico e Social (1966-1970).

Anos mais tarde, no VI Plano de Desenvolvimento Econômico Social (1971-1975) surge um desdobramento dessa política. Para além das metrópoles de equilíbrio surgiriam o incentivo a descentralização para as “cidades médias”, é quando segundo Costa (2002, p. 104) surge pela primeira vez o uso dessa denominação. Essa cidades deveriam promover uma

integração mais adequada entre as metrópoles de equilíbrio e o espaço regional a ela ligado, um certo número de cidades aí localizadas deveria exercer a função de relais entre as metrópoles de equilíbrio, as pequenas cidades e o mundo rural. (AMORIM FILHO; SERRA 2001, p. 7).

Segundo Steinberger e Bruna (2001, p. 40) as preocupações iniciais com as cidades médias no Brasil, apareceriam somente no Plano Decenal de 1967 a 1976, levado a cabo pelo Regime Militar.

dedicou-se um capítulo à temática urbana, em que se definiram as bases de uma política nacional de desenvolvimento urbano. Propôs-se que o potencial local microrregional e sua estratégia de aproveitamento, equacionada em níveis macrorregional e nacional, se baseassem em regiões-programa e polos de desenvolvimento, a partir das experiências da Inglaterra, dos Estados Unidos e da França. Portanto, não se chegou a formular uma política urbana, e sim uma metodologia para tal. Foi nesse momento que chegaram ao Brasil as teorias que seriam o germe das cidades de porte médio.

Menções ao espaço urbano apareceriam em outros planos do referido governo, como o Programa Estratégico de Desenvolvimento (PED) (1968-1970), Metas e Bases para a Ação de Governo (Mebag) (1970) e no I Plano Nacional de Desenvolvimento (I PND) (1972-1974), mas nenhum especificando as cidades médias.

Foi finalmente em 1974 com o II PND, com o Programa de Cidades de Porte Médio, que as cidades médias, receberam atenção como forma de ordenar a desconcentração econômica, reduzir os desequilíbrios regionais e conter, de certo modo, o êxodo rural.

Definiu-se como objetivo promover melhor estruturação do sistema urbano com vistas à maior eficácia das funções exercidas pelas cidades e à elevação dos padrões de urbanização e qualidade de vida, mediante: a implantação de regiões metropolitanas; a identificação das funções a serem cumpridas pelas metrópoles nacionais e regionais; e a *definição de polos secundários*. Não se explicitou uma estratégia geral para o território, mas uma análise da política permite constatar que tal estratégia era a desconcentração e a interiorização. (STEINBERGER; BRUNA, 2001, p. 44)

Do ponto de vista técnico, o Programa tinha seu fundamento na teoria de polos de crescimento regionais, e no plano institucional, sua aplicação estava baseada num convênio assinado entre as esferas federal e estadual, e um contrato de financiamento de projetos, com as Prefeituras Municipais. (PONTES, 2001, p. 594)

Steinberger e Bruna (2001) destacam que II PND foi avaliado posteriormente pelo o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano – CNDU - (1984), o World Bank (1989) e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) (1984), que produziram relatórios específicos sobre o assunto. Além disso, dois artigos, escritos por Amorim Filho (1984) e Bernardes (1986).

De forma geral eles concluem que as ações relacionadas ao programa foram insuficientes diante do proposto no seu discurso, uma vez que as ações foram pontuais, desarticuladas, além de descontinuadas e extremamente polarizadas pelo Estado sem diálogos entre os diversos atores sociais. Foi detectado inclusive, a falta de maiores subsídios de estudos para formulação de ações mais planejadas.

As preocupações estatais com essas cidades são deixadas de lado na década de 80 e 90, segundo Nogueira e Garcia (2007, p. 62), diante do insistente agravamento dos problemas sociais nas grandes metrópoles. Não houve nesse período grandes iniciativas do poder público no sentido de atender as cidades de porte médio.

Apesar de serem abandonadas como objetos de políticas públicas, as cidades médias começam a ganhar espaço rapidamente no meio acadêmico, como objetos de estudo, a partir da década de 1990, entrando no novo século como importante temática entre os geógrafos brasileiros.

2.8.2 Cidades médias na atualidade

A preocupação com as cidades médias tem sua gênese extremamente vinculada ao planejamento, fato que explica a qualificação de médias, *moyennes* ou *metropolis d'équilibre*, *mid-sized cities*, o que denota tamanho médio ou porte médio, ponto de equilíbrio entre a metrópole e os pequenos centros locais, uma noção segundo Corrêa (2007) idealista. Essa noção idealista de algo médio, e a preocupação com reversão das tendências macrocefálicas na França e na Inglaterra levou-se a uma vinculação de cidade média classificada pela faixa populacional, um atraente aspecto de hierarquização urbana (MATOS, 2000). Atualmente a ilusão de se classificar facilmente essas cidades por um viés populacional já foi amplamente discutida e rebatida por Amorim Filho e Rigotti (2002), Costa (2002), Corrêa (2007), Pontes (2001), Sanatamaria (2000), Soares (1998), e não cabe aqui reproduzir a totalidade desse debate já consolidado. A variação desses critérios é gigantesca, variando entre países e instituições. Um exemplo que podemos apontar é dados pelo CIMES (UNESCO *et al.*, 1999), que projeta cidades médias entre 20 mil e 2 milhões de habitantes.

O que tem realmente caracterizado as cidades médias na atualidade são suas relações com a rede urbana. A importância que elas tem ganhado tem relação direta com as mudanças recentes na estrutura da hierarquia urbana.

[...] uma nova divisão social e territorial do trabalho, que seleciona e transforma as funções metropolitanas ainda preservadas, impondo, simultaneamente, novas funções (e atributos) a cidades de diferentes tamanhos e, sobretudo, às cidades de porte médio nos processos de modernização [...]. (RIBEIRO, 2006, p. 18)

A desconcentração das atividades tipicamente metropolitanas, que no Brasil ocorreu durante os anos de 1980 e 1990, levou vários pesquisadores a pensar o papel das cidades médias dentro da rede urbana nacional, fazendo com que

Nos anos de 1990 e nos primeiros anos do século XXI, o número de pesquisas, publicações e eventos voltados para as cidades médias alcança uma quantidade e uma intensidade tais que é praticamente impossível para qualquer pesquisador acompanhar tudo que se faz nesse domínio. Por isso qualquer levantamento ou síntese sobre a situação dos estudos das cidades médias, em todas as escalas geográficas, deverá necessariamente contentar-se com balanços incompletos e que se concentram nas regiões, temáticas, abordagens e autores de preferência de quem faz o estudo. (AMORIM FILHO, 2007, p. 77)

Essas foram o principal grupo de cidades a receber esses investimentos descentralizados, seja por incentivos estatais ou por movimentos mais espontâneos do capital, mas geralmente pela presença dos dois elementos.

Apesar de cada autor destacar algumas características através das quais eles compreendem o que seria a cidade média, há pontos convergentes em diversos aspectos, que torna esse objeto real mais próximo a um objeto teórico.

As cidades médias ou intermediárias “organizam seu território e agem como centro de referência para suas, mais ou menos imediata, áreas de entorno.” (UNESCO *et al.*, 1999, p. 44). Existiria uma “relação direta com a área sobre qual ela é capaz de exercer influência ou, em outras palavras, a área da qual alguém está disposto a se deslocar até uma cidade média para nela ter acesso ao consumo de bens e serviços (SPOSITO *et al.*, 2007, p. 37)” através de interações constantes e duradouras (AMORIM FILHO; SERRA, 2001). Segundo Soares (2007, p. 466) seu papel de transmissão entre a região circundante e os níveis mais elevados da hierarquia urbana equilibram a rede urbana.

Seguindo essa perspectiva de transmissão, Castello Branco (2006, p. 247) destaca que

Sanfeliu e Torné (2004, p. 3-7), propõem a designação de ‘intermédiadas/intermediárias’ para as cidades médias, por ampliar seu significado, realçar seu papel de articulação, criando e tecendo redes; por introduzir e valorizar aspectos mais dinâmicos e estratégicos que abrem novas possibilidades de inserção nas escalas regional, nacional e internacional e por incorporar o conceito de sistema urbano mais aberto, dinâmico e interativo.

Essa interação se daria também pelo fato de se apresentarem como nós nos sistemas de transporte regionais e nacionais (UNESCO *et al.*, 1999, p. 44), o que no caso brasileiro representa na atualidade a presença de rodovias importantes, especialmente as rodovias federais de pista dupla. Essa posição de nó pode ser facilitada pela posição relativa da cidade no território (CORRÊA, 2007). O acesso à internet, reduzindo a necessidade dos deslocamentos para diversos fins de certo modo relativiza o peso desses deslocamentos (SPOSITO *et al.* 2007, p. 37).

Em sua interação com as áreas rurais circundantes elas podem significar um local de drenagem da renda fundiária (CORRÊA, 2007, p. 31), além de serem capazes de fornecer ao campo as inovações e produtos necessários a efetivação da produção, especialmente a produção vinculada ao circuito internacional (AMORIM FILHO, SERRA, 2001).

Essas cidades, também podem se caracterizar pelo oferecimento, especializado ou não, de diversos serviços e produtos. Os tipos de serviços oferecidos podem estar vinculados diretamente com a ação do Estado, quando este elege esta ou aquela localidade para receber unidades administrativas de órgãos públicos, sejam tribunais, escritórios, escolas, quartéis, etc. Outros serviços e certos produtos dependem também do papel da elite local, que através de suas escolhas, destacadas por Nogueira (2003), Bolay e Rabinovich (2004) e Corrêa (2007) imputam ao local certas características.

Admite-se que é essa elite empreendedora que marca a diferença com outras cidades com a mesma dimensão demográfica, porque é ela que estabelece um relativa autonomia econômica e política numa cidade, criando interesses locais e regionais, competindo em alguns setores de atividades com as grandes cidade e centros metropolitanos. (CORRÊA, 2007, p. 39).

Uma cidade média pode, e por muitas vezes, apresentar uma grande especialização funcional. Decorrente de seu tamanho e interações limitadas em relação à metrópole ela é incapaz de apresentar forte presença em vários setores. Este tipo de cidade média caracteriza-se pela concentração de atividades que geram interações espaciais a longas distâncias, pois se tratam de atividades destinadas ao mercado nacional ou internacional (CORRÊA, 2007, p. 31).

Algumas dessas cidades no Brasil apresentam forte vinculação com o agronegócio, haja visto o peso dessa atividade na economia nacional

As cidades médias vinculadas à instalação de uma agricultura científica globalizada intensificaram sua vida de relações, como decorrência de uma atividade econômica que as transforma em um ponto da topologia de grandes empresas, impondo novos ritmos e novas exigências a seu cotidiano. (ARROYO, 2006, p.82)

Tal especialização, só se torna possível diante de uma maior interação espacial com outros centros, capazes de complementar o que é produzido e oferecido na cidade. É elemento característico do período técnico-científico informacional. Essa especialização funcional também pode gerar uma dependência de um único setor econômico, que torna a posição da cidade mais frágil diante de certas crises.

UNESCO *et al.*(1999), destaca que apesar de apresentarem-se muitas vezes com uma variedade cultural interna, endogâmica, são muitas vezes centro de diversas atividades culturais.

A capacidade de liderança regional e de gerar inovações também está fortemente vinculada à noção em pauta. As inovações tão necessárias à competitividade, vinculadas a centros de pesquisa, se difundem pelo território como, por exemplo, na forma de tecnopolos, são reflexos da intelectualização da produção e também da maior divisão territorial do trabalho. “Essa especialização se deve mais as condições técnicas e sociais do que aos recursos naturais” (SANTOS, 2009 [1996], p. 241).

Outras características apontadas ainda vinculadas, a perspectiva idealista das cidades médias é a maior facilidade de gestão e problemas ambientais menos agudos do que das grandes cidades. Mas, não pode-se deixar de pensar que uma cidade mais facilmente governável não necessariamente significa que ali se efetivará um melhor governo e uma cidade com menos problemas ambientais também não implica em sustentabilidade. Os diversos problemas urbanos, sociais e ambientais podem estar apenas escondidos pela escala.

A presença de classes médias, e altas, mais letradas também não significa, pelo menos no Brasil, uma cidade cujo governo local irá se dedicar a manter as amenidades e a qualidade de vida, uma vez que essas elites podem se isolar nos loteamentos fechados que proliferam nas cidades médias, negando a própria cidade. Esse fenômeno ocorre na Europa de forma diversa do que no Brasil, pois lá a vinculação entre cidade média e sustentabilidade é maior (COSTA, 2002).

Como podemos notar as cidades médias/intermediárias já apresentam uma série de características bem pontuadas, mas ainda

há de se dar ênfase à necessidade de pensar as cidades médias, como unidades articuladas ao sistema de cidades, que adensam fluxos de relações materiais e imateriais e que conferem complexidade a funções e papéis específicos, ao mesmo tempo que ampliam a rede de abrangência de sua influência. (ARAÚJO *et al.*, 2011, p. 73)

Tomando como pressuposto as características das cidades médias delineadas nas seções anteriores e os pressupostos apresentados na “Metodologia” iremos apresentar, na sequência, a produção do espaço na cidade de Viçosa-MG. Tentaremos relacionar as mudanças de posição na rede urbana e posteriormente apresentaremos as “características intermediárias”, gerais e específicas, dessa cidade.

3 A REDE E A CIDADE, GENÉTICA E ARTICULAÇÃO ENTRE ESCALAS EM VIÇOSA-MG

A cidade de Viçosa apresenta uma série de singularidades em relação à sua posição na rede urbana, sendo que o fenômeno mais marcante é a variação do centro sobre o qual recebe influência. A capital sob a qual está polarizada irá variar no decorrer do tempo entre a capital econômica e política do estado de Minas Gerais (Vila Rica e depois Belo Horizonte) e o Rio de Janeiro. As mudanças observadas ao longo das décadas estão associadas tanto com a vinculação econômica como a disponibilidade de meios de transporte e comunicação. Ponderar-se-á observar no decorrer do capítulo que estas mudanças estão diretamente vinculadas com a produção do espaço intraurbano e as formas presentes no mesmo; uma vez que as formas presentes no espaço da cidade, as mais marcantes, destinam-se especialmente às atividades dadas reticurlamente.

Outra característica marcante é que a região de influência da cidade está constantemente equilibrada pelas cidades de Ubá e Ponte Nova, que nos fornecem comparações interessantes em muitos aspectos, pois, apresentam níveis hierárquicos e tamanhos demográficos similares.

3.1 DE POVOADO A CIDADE, A CONSTRUÇÃO DA URBANIZAÇÃO

Nas Minas Gerais do período colonial, durante o auge da economia mineradora (1700-1794) a Zona da Mata era tida como “área proibida” para ocupação e colonização pelo governo imperial. Havia grande preocupação da Coroa com o controle da extração do ouro no interior do país, assim como o transporte do mesmo até a capital, Rio de Janeiro, pela Estrada Real. Essa estrada, hoje transformada em circuito turístico, era tida pela coroa portuguesa como a única via legítima de escoamento do ouro. A ocupação de áreas periféricas à Estrada Real implicariam na abertura de novas rotas do interior para o litoral, o que levaria a uma perda do controle sobre o transporte do precioso metal e a sua não tributação. Assim a coroa tornou proibida a ocupação daquela região, entre outras, até o início do declínio da produção aurífera, a partir de 1740.

Além do fator institucional, há ainda de se ressaltar que haveria outros dois fatores que auxiliariam o lento ritmo de ocupação daquela parte do país. A dificuldade

que apresentou e ainda se apresenta para ocupação humana dos Mares de Morros Florestados, com suas formações, que somavam à época, altas declividades e uma densa floresta tropical (AB'SÁBER, 2003, p. 17). Também a presença de uma importante ocupação indígena resistente à presença do homem branco, sobretudo os Botocudos, e no caso de Viçosa os Puris.

Os índios eram “inconscientes aliados do regime que proibiu a distribuição de sesmarias na mata”. E suas características hostis, tanto entre as tribos rivais quanto em relação aos portugueses, fez a zona uma “área inóspita” para a colonização. A Coroa usou esta “inimizade” para sua “própria vantagem”. (CARNEIRO e MATOS, 2008)

Segundo Alencar (1989), Paniagio (1996, 2001) e Carneiro (2008) um dos primeiros colonizadores a explorar o baixo Piranga foi o bandeirante Antônio Rodrigues Arzão, que em 1693 teria saído em expedição de Taubaté, São Paulo, sua cidade natal com mais 50 pessoas destinadas a explorar as “áreas proibidas” em busca de novas jazidas minerais. Este explorador foi auxiliado pelos índios, outrora considerados hostis, e penetrou mata adentro seguindo a calha dos rios. No ano seguinte, seu concunhado, Bartolomeu Bueno Siqueira, teria percorrido as mesmas terras agora engajado na preação (captura) de indígenas e procura do ouro.

A ocupação oficial da região da cidade de Viçosa se iniciou em 1745. Entre 1745 e 1825 foram doadas 144 sesmarias no entorno do ribeirão do Turvo Limpo, sendo que a maioria das mesmas (93,1%) foram doadas entre 1750 e 1799. A maior parte dessas ocupações se deram por populações de baixa renda que não conseguiram penetrar no mercado aurífero e se dedicaram à agricultura de subsistência cujos excedentes eram enviados à zona mineradora ao norte, foi o que ocorreu com muitas cidades dessa mesma região (CARNEIRO, 2008).

Viçosa era então uma localização sem qualquer expressão na rede urbana, localizada na ponta da rede da área de influência de Vila Rica e Mariana. Era uma vila agropastoril como muitas outras na Zona da Mata sem qualquer expressão ou traço de singularidade e assim vai permanecer até o final do século XIX.

A 8 de março de 1800 o Padre Francisco José da Silva obtém de Don Frei Cipriano de São José, quinto bispo de Mariana, a autorização necessária para que se erga naquela localização remota uma capela em homenagem à Santa Rita, uma santa católica que se relaciona as causas impossíveis das mães e doentes.

Em 1805 a Igreja, representada pelo Padre Jerônimo Fernandes Lana, recebeu a doação de terras do Capitão Manoel Cardoso Machado e Dona Ana Joaquina de Fraga junto ao Ribeirão São Bartolomeu e à atual Rua dos Passos. Ali se fez núcleo inicial de centralização em Viçosa. Nesse momento a gerência da cidade, via igreja, estava vinculada ao Termo de Mariana, cuja sede dista cerca de 140 km do município pelas vias atuais.

Após funcionar poucos anos na pequena edificação, em 1813, transfere-se o centro das atividades religiosas para uma ermida que foi construída ao lado da atual Igreja Matriz. O lote para a nova ermida foi doada pelo Padre Manoel Inácio de Castro (Registro Paroquial nº 231, Arquivo Público Mineiro *apud* PANIAGIO, 2001, p. 18).

Esse novo patrimônio, numa área mais plana e um pouco afastado do ribeirão, possibilitou o traçado de uma praça central e também de ruas em seu entorno. Esse esquema se denomina *castrum* – acampamento militar romano, e foi uma exceção ao formato *strassendorf* – linear – predominante naquela região fruto da ocupação ao longo das trilhas de tropeiros em regiões de passagem (VALVERDE, 1958, p. 60). Habitar no entorno da igreja, que é o lócus da vida social dessas pequenas cidades, era considerado sinal de status. Prova disso é a presença da residência de Arthur Bernardes, agora como museu, no entorno do *castrum*.

Segundo que foi levantado por Ribeiro Filho (1997) não há evidências conclusivas sobre a ocupação da cidade em período anterior à 1898, quando se registram as primeiras fotografias, mas pode deduzir-se que a ocupação teria se dado em torno do *castrum*.

À 27 de maio de 1819 faleceu o Padre Castro que havia doado as terras à Igreja. O padre, que tinha sido um latifundiário, detinha parte das terras localizadas acerca de quinhentos metros ao largo da ermida. Essas terras foram parceladas e colocadas à venda, sendo a maior parte adquiridas por pessoas do município de Piranga, e o restante foi partilhado pelos herdeiros.

Como podemos notar na Tabela 1 nessa época a cidade contava com apenas 219 fogos⁸, sendo a imensa maioria dedicado à agricultura e muitos ainda sem atividades específicas.

⁸ O vocábulo fogo, empregado no passado como sinônimo de família ou residência de uma família, teve sua origem no fato de que os moradores de um domicílio partilhavam o fogo onde eram preparadas as refeições. (Demopaedia <http://pt-i.demopaedia.org/wiki/11>)

Em 1832 o curato de Santa Rita do Turvo foi elevado à categoria de paróquia por meio de decreto do Conselho da Regência Trina do Império em 14 de julho. No ano seguinte, em 31 de Agosto, o povoado foi elevado à categoria de freguesia.

Tabela 1 - Distribuição de fogos conforme ocupação e posse de escravos na Freguesia de Santa Rita do Turvo em 1820

Ocupação	Sem escravos	1 a 3 escravos	Mais de 3 escravos	Total
Agricultura	60	34	49	143
Outras listadas	8	3	2	13
Indigentes	28	1	-	29
Não mencionadas	25	5	4	34
Soma	121	43	55	219

Nota: Os limites territoriais eram os seguintes: a leste São Miguel e Almas (Araponga), ao sul Presídio (Visconde do Rio Branco) e São José do Barroso (Paula Cândido), a oeste Tapera (Porto Firme) e Santo Antônio do Calambau (Presidente Bernardes) e ao norte São Sebastião e Almas (Ponte Nova) e Santana dos Ferros (Guaraciaba).

Fonte: ACMM, Códice 742 (Lista disponibilizada por Carrara, 2002, p.1-55) *apud* Carneiro (2008, p. 193)

Nesse momento Santa Rita do Turvo (Viçosa) sequer tinha qualquer expressão na rede urbana mineira, segundo o que foi relatado por seus historiadores e pelo trabalho de Rodarte (1999). Rodarte elaborou os esquemas contidos nos Mapas 3 e 4 levando em conta funções centrais desempenhadas pelas cidades e destacou entre estas 3 categorias de cidade interligadas pelas vias dos correios. Essas funções centrais foram derivadas da presença de certos tipos profissionais em cada cidade segundo levantamentos feitos à época (ANEXO I).

No ano de 1851 iniciou-se a construção da velha matriz, ao lado da atual, na Praça Silviano Brandão.

Em 1854, como efeito direto da Lei de Terras de 1850, iniciou-se o cadastramento das terras da freguesia, no Livro de Registro de Terras ou Registro Paroquial de Santa Rita do Turvo.

A cidade se expandia em função da riqueza trazida pela ainda tímida produção de café na região⁹, em 1865. Essa expansão se deu especialmente em função do crescimento das atividades comerciais, que não encontrando mais áreas para

⁹ Segundo Carneiro (2008) na porção norte da Zona da Mata, incluindo Ubá, Ponte Nova e Muriaé já era detectável a produção do fruto a partir da segunda metade do século XIX apesar de ainda não apresentar o mesmo dinamismo encontrado na porção sul.

ocupação em volta da praça da Matriz começaram a ocupar o Largo do Rosário. Nesse mesmo ano também se iniciou a construção do Cemitério Dom Viçoso, no ponto mais alto da Rua do Cruzeiro.

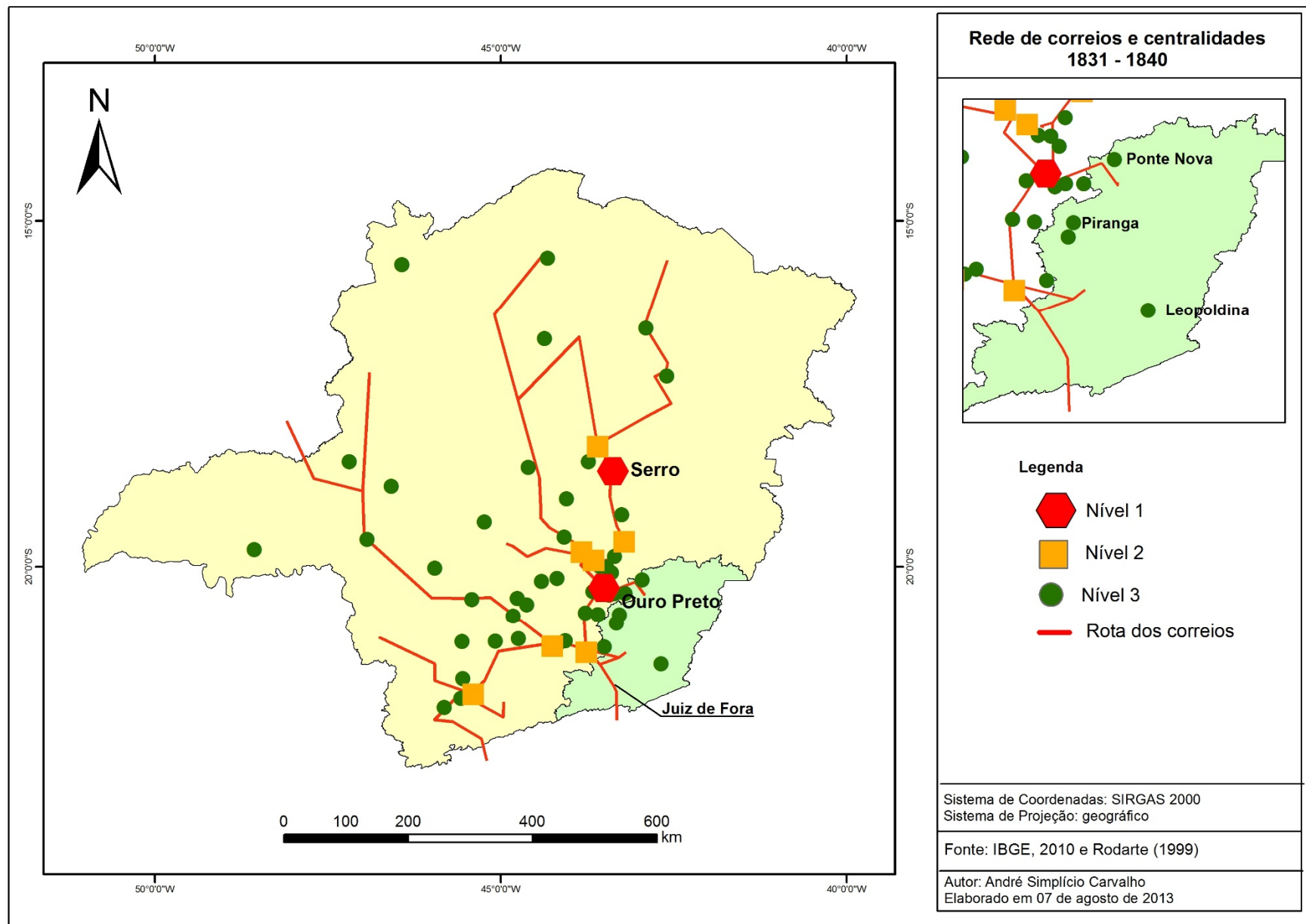
Há indícios de que a cidade começou a se expandir de forma mais acelerada na década seguinte, pois foi elevada à categoria de vila em 1871 e apenas cinco anos mais tarde, 1876, à categoria de cidade, quando recebe a denominação de Viçosa de Santa Rita, em homenagem ao Bispo de Mariana, Dom Antônio Ferreira Viçoso, que visitou a cidade naquela ocasião. Assim Viçosa atingiu completa autonomia e desse momento em diante iria ser sistematicamente desmembrada até atingir os limites atuais em 1963, como podemos ver na Tabela 2.

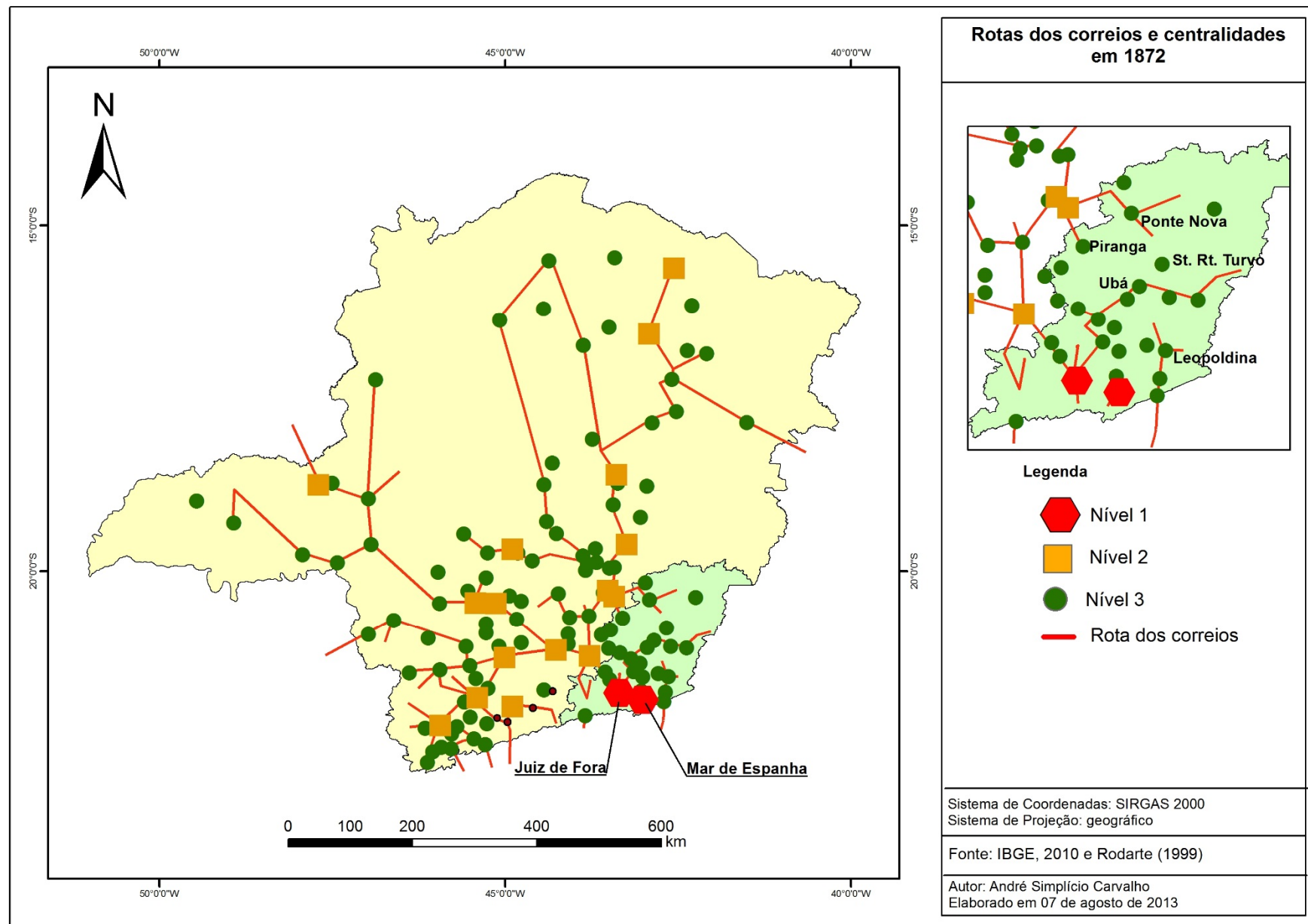
Com a elevação para categoria de cidade instalou-se uma Câmara Municipal e uma Prefeitura, gerando uma tímida porém importante autonomia municipal. Assim essa cidade, como outras, floresceram devido à economia cafeeira levando a Zona da Mata a deixar de ser uma área periférica do estado e do país. Todo esse progresso irá se completar com a instalação da estrada de ferro.

Tabela 2 – Emancipação e desmembramentos da cidade de Viçosa entre 1832 e 1963

Período	Categorias e antigos distritos agregados	Nomenclatura
Até 1832	Curato vinculado à Mariana	St. Rita do Turvo (ou Turvo)
1832 - 1871	Freguesia (Distrito)	St. Rita do Turvo (ou Turvo)
1871 - 1876	Vila	St. Rita do Turvo (ou Turvo)
1876 - 1911	Cidade (Distritos sede, Teixeira, Coimbra, São Vicente do Grama, São Miguel do Anta, Erval, Pedra do Anta, Cajuri)	Viçosa de Santa Rita
1911 - 1938	Cidade (Distritos sede, Teixeira, Coimbra, São Vicente do Grama, São Miguel do Anta, Erval, Pedra do Anta, Cajuri)	Viçosa
1938 - 1948	Cidade (Distritos sede, Teixeira, Coimbra, São Miguel do Anta, Canãa, Cajuri)	Viçosa
1948 - 1953	Cidade (Distritos sede, Teixeira, São Miguel do Anta, Canãa, Cajuri)	Viçosa
1953 - 1963	Cidade (Distritos sede e Cajuri)	Viçosa
1963 em diante	Cidade	Viçosa

Fonte: IBGE, 1959, p. 428





Mapa 4 - Rede urbana mineira em 1872

Pode-se notar comparando os Mapas 3 e 4 que há um aumento no número de cidades com importantes atividades centrais na Zona da Mata concomitante a uma maior penetração das linhas dos correios. A porção norte da Mata se torna menos isolada e a sul se torna extremamente importante tendo-se evidências de um grande dinamismo em Juiz de Fora e Mar de Espanha que sobem para categoria de Nível 1, enquanto as cidades do núcleo minerador recuam, assim como sua capacidade de polarização.

Nota-se que a partir desse momento é provável que a cidade de Viçosa esteja ainda muito isolada, mas já vinculada à região de influência do Rio de Janeiro através de Juiz de Fora, onde já havia desde 1861 a estrada União Indústria que a ligava a cidade a Petrópolis e depois à capital nacional, Rio de Janeiro.

3.2 A CHEGADA DA ESTRADA DE FERRO E A ERA DO CAFÉ

A malha ferroviária que viria a ser conhecida como Estrada de Ferro Leopoldina, que começou a ser construída em 1872 para penetrar áreas periféricas da produção de café, em relação à São Paulo, incluindo aí a Zona da Mata mineira, chega no município de Viçosa em 1885.

Em 16 de agosto de 1885 foram inaugurados 26 quilômetros de prolongamento à Itabira de Mato Dentro, de São Geraldo até Coimbra. Em 5 de outubro mais 11 (km), até Turvo e em 21 de dezembro o trecho até Teixeiras. (SIQUEIRA, 1938, p. 16)

Após já ter interligado quase todos os municípios cafeeiros da porção sul da mata ao litoral a chegada da Leopoldina a Viçosa foi um feito atribuído à influência do senador Vaz de Mello por Carrara (1993 *apud* CARNEIRO, 2008, p. 38). Este senador, que era cunhado de Arthur Bernardes, conseguiu junto à diretoria da ferrovia que fosse superada a Serra de São Geraldo realizando a ligação com Zona da Mata Norte. Serra essa localizada ao sul da cidade de Viçosa e que até hoje se apresenta como um desafio ao transporte, limitando a zona de influência de Viçosa e Ubá. Este mesmo personagem implantou na cidade a companhia Progresso Fabril, que seria o marco inicial da industrialização da cidade, se esta tivesse vingado.

Em 1899, haviam duas fábricas de tecido na cidade; Fábrica de Tecidos Santa Maria, onde se localiza atualmente o Colégio Carmo, e a Fábrica de Tecidos São

Sylvestre, ao lado de onde se encontra a Estação do Sylvestre, a cerca de 5 km da sede municipal, e que fazia proveito da queda d'água do Rio Turvo Sujo para gerar a própria energia. A empresa utilizava mão de obra italiana, o que justificaria parte da imigração para a cidade, como retrata Paniagio (1990). A industrialização em Viçosa não vingou, provavelmente pela fechamento das fábricas que tiveram suas atividades encerradas devido à falta de quem tocasse o negócio, uma vez que o senador e seus filhos faleceram em curto período devido à doenças.

Há de se imaginar que a entrada da Leopoldina na região foi porque a mesma já apresentava significativa produção cafeeira, anteriormente escoada por tropas de muares. Essa ferrovia, assim como a ferrovia Vitória-Minas foi voltada ao comércio internacional (BATISTA *et al.*, 2012). A riqueza gerada pelo plantio do café se fazia refletir no espaço urbano da cidade, que começou a ser registrado em fotografia (Figura 7) e que iniciava sua expansão (Mapa 5).

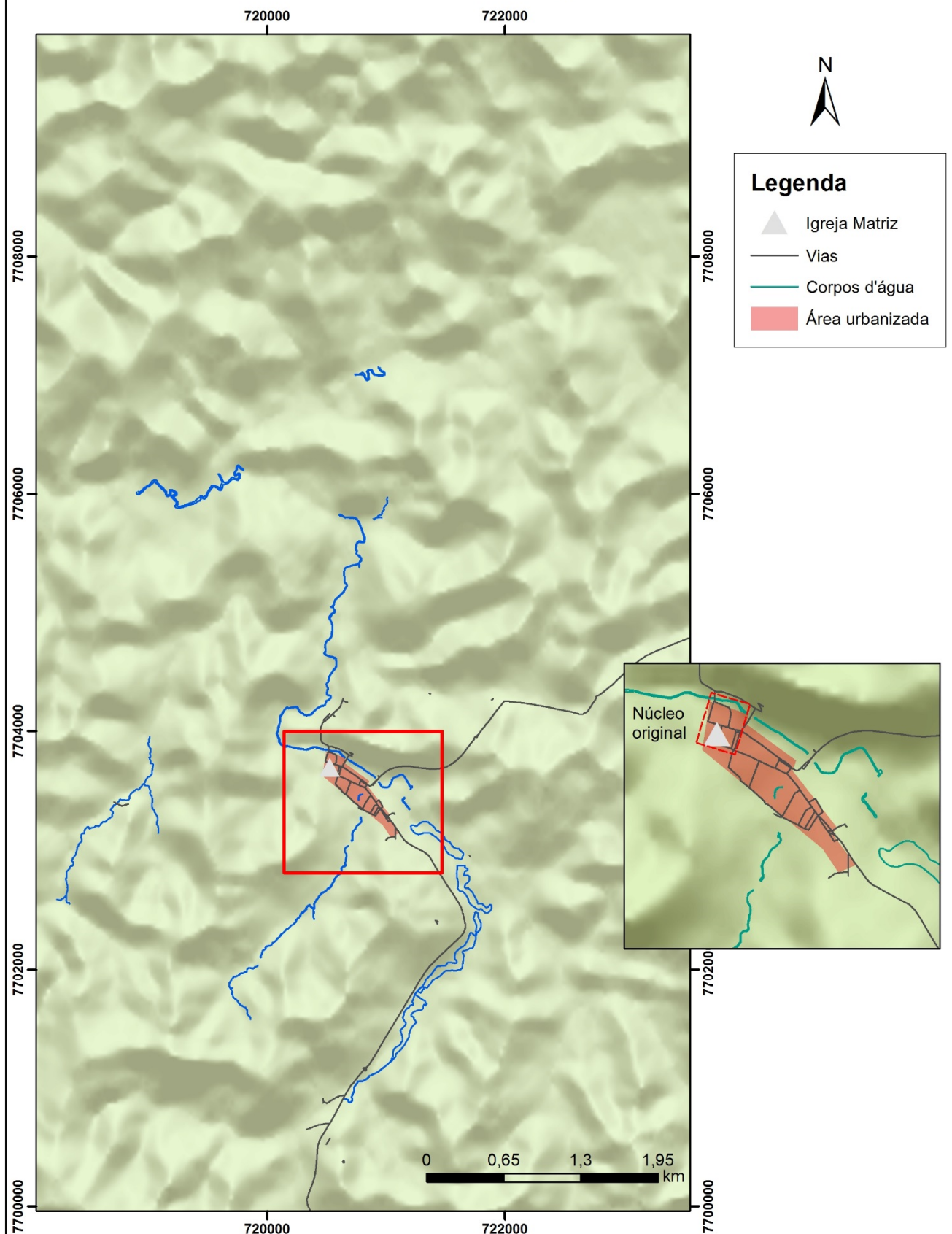


Figura 7 - Imagem panorâmica da cidade de Viçosa - 1898

Fonte: Museu Virtual de Viçosa

O vínculo gerado pela ferrovia era mais do que econômico. Anteriormente o território da Zona da Mata norte era marcado pela baixíssima fluidez, uma vez que haviam somente trilhas e estradas simplórias que possibilitavam a ligação da cidade à capital do estado e à capital federal. A instalação da ferrovia que crescera no sentido litoral-interior agora iria favorecer a influência da capital federal, Rio de Janeiro, sobre a cidade, uma vez que o fluxo seria prioritariamente nesse sentido. Logo Viçosa se enquadraria muito mais na zona de influência do Rio de Janeiro e das cidades ao sul

Área urbanizada em Viçosa-MG em 1898



Sistema de coordenadas: SIRGAS 2000 Z 23S
Sistema de projeção: UTM

Fonte:
INPE - Topodata

Autor: André Simplicio Carvalho
Elaborado em 10 de abr. de 2014



Mapa 5 - Área urbanizada em 1898

ligadas pela ferrovia, criando-se vínculos também culturais e políticos, o que só veio mudar na década de 1970 com a criação de outras alternativas de transporte.

No final do século, 1898, a EFL já apresentava diversas dificuldades financeiras tendo suas dívidas renegociadas com os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, passa a ser uma sociedade anônima sediada em Londres sendo renomeada *Leopoldina Railway Company Limited*. Segundo Batista *et al.*(2012) a implantação da EFL foi um processo complicado, repleto de disputas políticas, expectativas de modernização e falta de planejamento, apesar de ter se configurado em uma das mais longas e importantes ferrovias do auge da era ferroviária brasileira, entre 1880 e 1920.

Nesse mesmo ano, 1898, demoliu-se a primeira Capela do Rosário, situada na atualmente denominada Praça do Rosário. Uma igreja de mesmo nome começa a ser erguida em seu lugar no mesmo ano, (Figura 8) permanecendo inacabada até 1924 e sendo novamente demolida em 1965. Pode-se imaginar que o fato de ter permanecido inacabada por quatro décadas teria sido reflexo da crise econômica na cidade em razão do declínio do café.



Figura 8 - Capela do rosário no início da década de 1960
Fonte: Museu Virtual de Viçosa

Vale notar que no início do século XX, com a onda migratória incentivada pelo governo federal intensificou-se o afluxo de migrantes libaneses e italianos que participaram ativamente do comércio e de outros serviços na cidade (PANIAGIO, 1990, p. 84). No ano de 1900 também surge a primeira grande intervenção urbana direcionada pela prefeitura.

A abertura da Avenida Santa Rita (Figura 9) foi a primeira grande intervenção, guardadas as devidas proporções, do poder público sobre o traçado urbano de Viçosa. Essa avenida foi aberta numa localidade chamada de Pasto de Barros, seguiu arquitetônica e politicamente os modelos de intervenção modernos colocados no Rio Janeiro e em Belo Horizonte, amplamente inspirados nos bulevares parisienses. Foi aberta uma larga via com uma praça linear em seu meio e calçadas bastante largas, sendo que os terrenos em suas laterais foram doados a particulares. O fato de terem sido doados a particulares condicionando-se que a construção fosse iniciada em três meses levou a Ribeiro Filho (1997) a inferir que a doação dos terrenos foi feita na expectativa de ganhos políticos, uma vez que a condição estabelecida pela prefeitura só poderia ser alcançada por aqueles com capacidade financeira para tanto. Portanto criou-se aí um espaço já segregado, tal qual ocorreu em outras reformas urbanas no país.



Figura 9 - Av. Santa Rita no início do século XX
Fonte: Museu Virtual de Viçosa

Finalmente em 1914 a estrada de ferro atinge o coração da cidade, onde constrói-se uma estação, que ainda se encontra lá, numa posição equidistante do Largo da Matriz e do Rosário.

A construção desse ramal da estrada de ferro, que tinha como função principal transportar a produção de café para os centros de exportação, propiciou a intensificação de novas funções, ou seja, transporte de passageiros e o intercâmbio econômico e cultural entre outros. (RIBEIRO FILHO E ARANTES, 1999, p.11)



Figura 10 - Trem se aproximando da estação central em 1920

Fonte: Arquivo Público Mineiro

Temos de nos questionar porque a cidade de Viçosa teve mudanças tão significativas nesses 20 anos, entre a última década do século XIX e a primeira década do século XX. O que justificou a imigração, a construção das fábricas de tecido, a extensão da ferrovia até o centro da cidade, as mudanças urbanas voltadas para população de alta renda, uma vez que o café estava em um ciclo de desvalorização naquela região? O fato é que a produção de café na mata estava em decadência, mas muito porque a sua porção sul estava com a lavoura em seu pleno declínio produtivo. O mesmo não ocorria na mata norte.

Na porção norte da Zona da Mata o plantio do café voltado à exportação chegou mais tarde, assim como a ferrovia (1885) que provavelmente gerou um surto de aumento da lavoura que teve seu ápice produtivo justamente no início do século XX¹⁰. O que por sua vez justificaria a produção de tecidos para o ensacamento do produto e possivelmente para roupa dos trabalhadores, a expansão de um braço da ferrovia até o centro, a imigração e as mudanças urbanísticas orientadas para elite.

Isso não quer dizer que os métodos de produção em Muriaé fossem mais modernos, e sim que os cafezais eram mais novos. Prova disso é que, na mesma época, cai, em toda a Zona da Mata, a qualidade do café produzido, à exceção dos municípios do norte. Isso foi uma decorrência direta da exaustão dos solos e do método arcaico de beneficiamento dos grãos, tal como apresentado por VALVERDE (1958). (GIOVANINI e MATOS, 2004)

Em 1916 a cidade era povoada por cerca de 2 mil habitantes em aproximadamente 330 prédios. Havia cinco praças e nove ruas. E é muito provável que nesse momento já se inicia uma migração da atividade cafeeira para produções de menor rentabilidade.

Ubatuba (1918) relata que, em 1917, havia no município um grande número de engenhos para beneficiamento da cana-de-açúcar e também uma significativa produção agropecuária, e não menciona a produção cafeeira como algo significativo. A presença da ferrovia por sua vez não foi garantia de criação de outras atividades exportadoras que fossem capazes de gerar prosperidade tal qual o café.

A mata não pode progredir, porque os fretes são exorbitantes; a companhia apesar de ingeza, exerce uma pressão mais que germânica sobre a população, levando a sua influência até os governos, que em misteriosa calma e impenetrável silêncio se fazem de surdos a todos os reclamos. (UBATUBA, 1918, p. 31)

O problema do frete é tido por Giovanini e Matos (2004) como algo que é reflexo da própria produção cafeeira.

[...] o envolvimento dos grandes cafeicultores na construção das ferrovias foi um problema de monta. Blasenhein (1982) afirma que eles subestimaram os custos de construção e manutenção dos ramais, bem como superestimaram as quantidades de café a serem transportadas. Além disso, algumas ferrovias nada mais faziam que atender aos caprichos de alguns fazendeiros,

¹⁰ Segundo Carneiro (2008) os cafezais na região da mata à época maturavam com 8 anos e tinham seu auge produtivo por mais 8, esgotando-se rapidamente em seguida. Sendo assim, pode-se dizer que em Viçosa, o auge da produção se deu entre pelo menos a partir de 1893 atingindo a decadência uma ou duas décadas depois.

desejosos de que elas passassem por suas propriedades. Tudo isso fez com que ferrovias muito próximas competissem entre si pelos fretes, em um processo predatório economicamente, prejudicial à Zona da Mata e oneroso aos cofres públicos. (p.13)

Em 1919 foi aproveitado o leito já aberto para passagem da ferrovia para que se criassem uma nova via, projetada desde 1914, ano da criação da Estação. A Avenida Bueno Brandão, foi o segundo grande marco da produção segregada de Viçosa. A via foi criada para privilegiar a população de mais alta renda da cidade, provavelmente os produtores de café, os comerciantes e profissionais liberais mais abastados. A mureta de balaústres em toda sua extensão, lhe rendeu o apelido Balaústre, e como nota Ribeiro Filho (1997, p. 111) esse padrão foi copiado possivelmente dos “bairros Glória e de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, e da Praça da Estação, em Belo Horizonte, também construídas com pedras e encimadas por balaústres [...]”

Os sobrados ali construídos traziam um padrão arquitetônico mais arrojado e que estava em sintonia com a importação dos modelos europeus em várias partes do país, com arquiteturas ecléticas e mais sofisticadas dos que as demais casas na cidade. A posição elevada em relação a Praça da Matriz e a proximidade da Estação, reforçava a ideia da posição social privilegiada de seus moradores.

Podemos notar que até esse momento a autonomia conquistada pelo poder municipal foi em muito utilizada para privilegiar as classes mais abastadas da sociedade viçosense e efetivamente criar espaços segregados na cidade, padrão esse que ainda se repetirá em outros momentos.

No mesmo ano, 1919, o prédio até então ocupado pela Fábrica de Tecidos Santa Maria passa a ser a sede da Escola Normal, antigo Gymnasio de Viçosa e futuro Colégio das Irmãs Carmelitas ainda hoje funcionando no mesmo local.

Muito provavelmente nesse período há uma estagnação na produção de café e posterior decadência na Zona da Mata norte, o que levou a outros problemas como o fechamento das fábricas. Ao que tudo indica esse ápice produtivo que teve como reflexo político a ascensão de Arthur Bernardes a altos cargos políticos administrativos no estado de Minas Gerais e depois como presidente do país. A decadência do café levou a estagnação econômica da cidade que não viu florescer alternativas como a indústria no sul da mata. Um novo crescimento seria somente trazido pela expansão da universidade que foi ali instalada.

3.2.1 A criação da ESAV

A Escola Superior de Agricultura e Veterinária foi um marco na história da cidade de Viçosa, mas no momento de sua criação os impactos diretos não se fizeram sentir. Levariam mais algumas décadas para que a população viçosense sentisse os reais impactos da instituição, justamente pelo formato em que foi concebida.

A instalação da ESAV foi, ao contrário da história do município de Viçosa, discutido em diferentes perspectivas por vários autores tal como Borges *et al.* (2007), Honório (2012), Ribeiro (2006, 2007, 2008), Ribeiro Filho (1997) e Silva e Borges (2008).

De 1918 a 1922, Arthur Bernardes assumiu o cargo de Presidente do Estado de Minas Gerais, em seguida assumiu a Presidência da República. A criação da Escola de Agricultura enquanto presidente de Minas, era uma maneira de se fortalecer o seu estado diante de São Paulo, no que se refere aos aspectos políticos e econômicos. (GALVARRO *et al.*, 2011)

Arthur Bernardes, desejou implementar em Minas um colégio agrícola nos moldes americanos, tendo em vista trazer para o estado os grandes avanços que eram auferidos no campo daquele país. Para essa empreitada era necessário trazer um personagem capaz de literalmente transferir as técnicas empregadas nos EUA para o Brasil, sendo assim foi selecionado, através do embaixador em Washington, o professor Peter Henry Rolfs (Bacharel em Ciências em 1889, Mestre em Ciências em 1891 e Doutor em Ciências em 1920) que havia estudado a maior parte de sua carreira no *Iowa State University* e era então, 1915 a 1920, diretor do *Florida Agricultural College* na *Florida University*.

Almejando reduzir o empirismo presente na agricultura mineira, o governador Clodomiro Augusto de Oliveira assinou a lei nº 761 a 6 de setembro de 1920 visando criar a referida instituição. No ano seguinte o terreno onde seria construída a escola foi escolhido, como relatado abaixo.

Pela importância do assunto, merece ser divulgado o parecer do Exmo. Dr. Álvaro da Silveira, brasileiro de atitudes decisivas e incapaz de subscrever um documento, em desacordo com a sua consciência. Assim descrevia ele, em 24 de janeiro de 1921: Dos terrenos que visitei¹¹ nas vizinhanças de Ubá, Rio Branco, Viçosa e Ponte Nova, prestam-se a meu ver, melhor os denominados 'Maria Luíza', situados em pequena distância de

¹¹ Um detalhe no entanto escapa a essa descrição. É bem provável que além de um relevo adequado e uma certa proximidade a um núcleo urbano o terreno deveria contar com uma linha férrea, o que reduziria as possibilidades de ocupação nos municípios mencionados e como foi o que ocorreu de fato.

Viçosa. Ha uma parte em vargem não inundável e não brejosa e outra parte em morros mais ou menos ingrimes, mas que podem em alguns lugares ser arados. (LISBOA, 1935, p. 18-19)

Considerando que naquele momento a escola que se criava era estadual, só podemos deduzir que a escolha pela Zona da Mata tenha partido de direto interesse político de Bernardes e seus partidários, pois essa região do estado seria o feudo eleitoral de Bernardes e era próxima ao Rio de Janeiro, tornando a obra mais visível. Apesar da enorme importância econômica para a região é pouco provável que a escolha tenha tido qualquer relação com o café, pois na história da instituição a rubiácea não aparece com grande ênfase e muito menos fora a primeira ou a principal planta desenvolvida.

É válido ressaltar aqui que a criação da Escola de Viçosa não foi qualquer empreendimento educacional tal qual se pode estabelecer nos dias de hoje. Sua criação só tem paralelo em Minas Gerais com a Escola de Minas em Ouro Preto. Foi um empreendimento educacional que só o Estado ou uma grande empresa é capaz de orquestrar, envolvendo a replicação de um objeto técnico (replicando forma função e processo) de um país para outro ao dispêndio de muitos recursos e grande esforço de seus idealizadores.

A ESAV foi inspirada no modelo dos *land grand colleges* do meio-oeste estadunidense. Os *colleges* eram instituições criadas com o foco no desenvolvimento das áreas rurais do interior dos EUA, em seus diversos aspectos, tanto tecnológico, social e econômico e tinham como base a noção de “aprender fazendo” pautadas no ensino, pesquisa e extensão funcionando em uníssono.

As obras foram iniciadas em 1923, que incluíram além de pequenos prédios e depósitos, o prédio principal que abrigaria as salas de aulas e laboratórios, Edifício Arthur Bernades (vulgo Bernardão, atualmente abriga a somente funções burocráticas), e o alojamento dos estudantes (Alojamento Velho). Ambas as edificações foram feitas com materiais trazidos de longe com uma alta qualidade, haja visto o atual estado de conservação dos prédios. Foram feitas também diversas pequenas casas espalhadas pelo campus para abrigar professores e funcionários¹².

¹² A construção de moradia dentro do campus pode para os acadêmicos de hoje parecer um privilégio desnecessário, mas uma escola agrícola demanda a presença constante de funcionários no campus para manutenção e cuidados com os animais e as lavouras.

Outra obra que com certeza era de caráter notável foi o aterramento de parte da calha Ribeirão São Bartolomeu, possibilitando uma ligação direta com a cidade (Figura 11).



Figura 11 - Aterro ligando Viçosa à ESAV

Fonte: Arquivo Central Histórico

A instituição foi criada em um formato de autossuficiência nos mais diversos aspectos em relação à cidade, o que ainda ocorre hoje.

Tal era o grau de dificuldade técnica encontrada na Zona da Mata que o próprio Rolfs teve de gerenciar não somente a infraestrutura, mas também os meios de funcionamento da escola. Para se fazer um quadro bem claro vem a calhar reproduzir uma célebre frase atribuída a Rolfs “Os burros daqui não podem ser mais burros que os burros de lá!”, foi o que exclamou diante das dificuldades de adestrar os burros a puxar os arados necessários a fazer os plantios de experimentação. O corpo de funcionários e técnicos da nascente escola apresentavam uma taxa de analfabetismo de cerca de 80% fazendo-se necessário a criação de uma escola para os funcionários da escola.

Mesmo diante das enormes dificuldades em 1925 as obras foram concluídas e o evento de inauguração contou com a presença do então presidente Arthur Bernardes no dia 28 de agosto de 1926 (RIBEIRO, 2008, p. 4). Não podemos deixar de notar na Figura 12, na comparação entre as duas instituições, a replicação do meio

técnico realizada por Rolfs nos prédios em distâncias espaçadas e divididos por gramados planos, além das vias internas retilíneas.



Figura 12 - *Land grand colleges* no início do século 20, ESAV (1925) Iowa State University (1920)

Fonte: www.ufv.br e www.iastate.edu

O ensino na ESAV [...] estava organizado, até 1947, em três níveis. O curso elementar, com duração de apenas um ano, era destinado à formação de agricultores e capatazes rurais, tendo um caráter basicamente prático. [...] O curso médio, com duração de dois anos, era destinado à formação de técnicos agrícolas e administradores rurais, atendendo filhos de fazendeiros ou agricultores que não tinham oportunidade de frequentar o curso ginásial [...] Os cursos superiores tinham duração de quatro anos destinavam-se à formação de profissionais de agronomia e veterinária. [...] Os cursos de especialização tinham duração de dois anos, destinando-se a formar

especialistas em agronomia ou em veterinária, os quais recebiam o título de Doutor em Agronomia ou Doutor em Veterinária. (RIBEIRO, 2006, p. 114-115)

As modificações iniciais trazidas pela inserção da instituição em si naquele momento não trouxeram grandes reflexos na forma da cidade de Viçosa, uma vez que a localização mais afastada do centro e sua autossuficiência em termos de moradia e manutenção pouco influenciaria a vida na cidade¹³.

3.3 A DECADÊNCIA DO CAFÉ E A ESTAGNAÇÃO

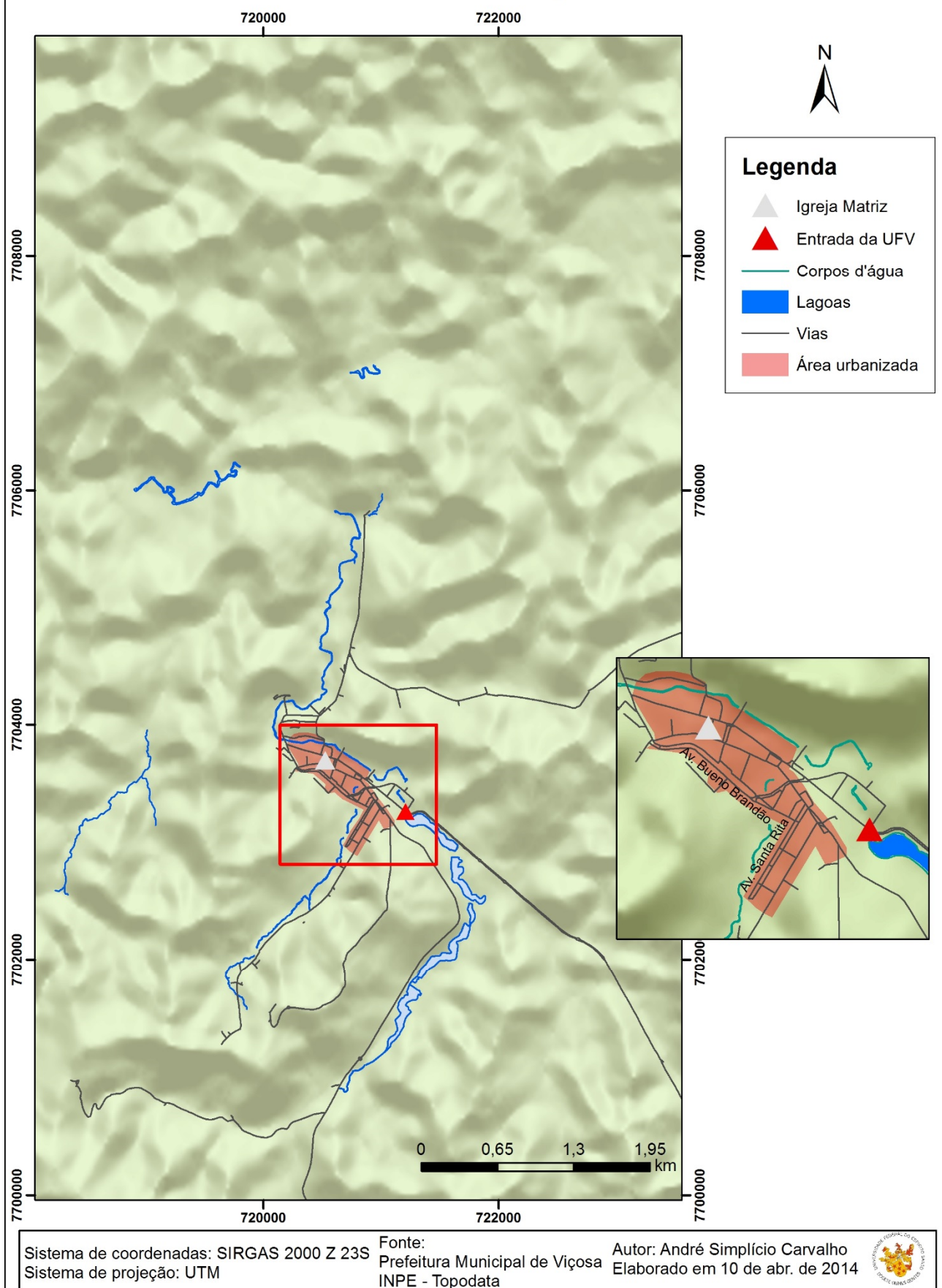
A Viçosa de 1925 possuía cerca de 800 edificações e não contava mais com as duas fábricas de tecidos lá instaladas. Existiam pequenas fábricas de bebidas, meias, laticínio, conservas, móveis, torrefação de café, beneficiamento de café e arroz, serrarias movidas a eletricidade. Os serviços de luz e esgoto não atingiam todos os pontos da cidade, privilegiando o centro. Ainda segundo Ribeiro Filho (1997, p. 116) a cidade não apresentou mudanças urbanísticas relevantes na década de 30, 40 e 50. As características paisagísticas e urbanas podem estar ilustradas nas Figuras 13 e 14 e no Mapa 6.

Tudo indica que pelo menos dois fatores contribuíram para isto, o esgotamento da produção cafeeira – base da economia local – não só na cidade como em todo o Brasil e a derrota política do ex-presidente, que o levou ao exílio e ao desprestígio político, por todo o período Vargas. Esses fatores, com certeza, contribuíram para o isolamento e a estagnação da cidade.

É provável que a cidade de Viçosa não tenha perdido seu vínculo com Juiz de Fora e o Rio de Janeiro, garantido principalmente pelo ferrovia, mas provavelmente se tornou mais isolada uma vez que as importantes mudanças ocorridas na infraestrutura e economia do país não a atingiram. Não há relatos de grandes empreendimentos na microrregião e criação de alternativas econômicas, é muito

¹³ Atualmente a UFV não abriga casa de professores e somente alguns poucos funcionários que precisam residir no campus. Há também um corpo de bombeiros, o único da cidade, uma divisão de saúde, um supermercado, correios, livraria, colégios de nível fundamental, médio, uma creche, agências bancárias, uma frota de veículos própria bastante considerável, áreas de reserva de mata primária, atividades culturais independentes, uma capela, cerca de 1.300 vagas de alojamentos estudantis, restaurante universitário, hotel, gráfica, editora, fábrica de laticínios, seguradora de saúde (AGROS) e a única pista de pouso do município.

Área urbanizada em Viçosa-MG em 1930



Mapa 6 - Área urbanizada em 1930



Figura 13 - Vista aérea de Viçosa em 1930

Fonte: Museu Virtual de Viçosa



Figura 14 - Rua Padre Serafim em 1935

Fonte: Museu Virtual de Viçosa

provável que a tendência apresentada por Ubatuba (1918) entre outros tenha persistido.

Com o fim do ciclo do café alguns agricultores migraram para produção de menor expressão, como a pecuária extensiva nas áreas com maior declividade e produção da cana-de-açúcar nas partes mais planas da região. As estrias nos morros declivosos são paisagem deixada pela compactação do solo pelo gado criado solto.

Viçosa entra na década de 1950 com uma população municipal de 35.588 habitantes, sendo destes 6.424 urbanos, o aspecto da cidade e da instituição não negam a sua função agrícola, como pode se notar nas Figuras 15 e 16. Havia cerca de 84 estabelecimentos fabris de pequeno e médio porte, especialmente voltados ao mercado local, dentre essas a Fábrica de Calçados Halfa, do imigrante libanês Fuad Chequer. O sobrenome Chequer em breve se tornaria referência da construção civil em Viçosa, pois tão logo iniciou sua carreira como empresário do setor imobiliário loteando terras. Mais tarde seus descendentes iriam representar boa parte do setor imobiliário em Viçosa, desde a propriedade, a construção e a incorporação.

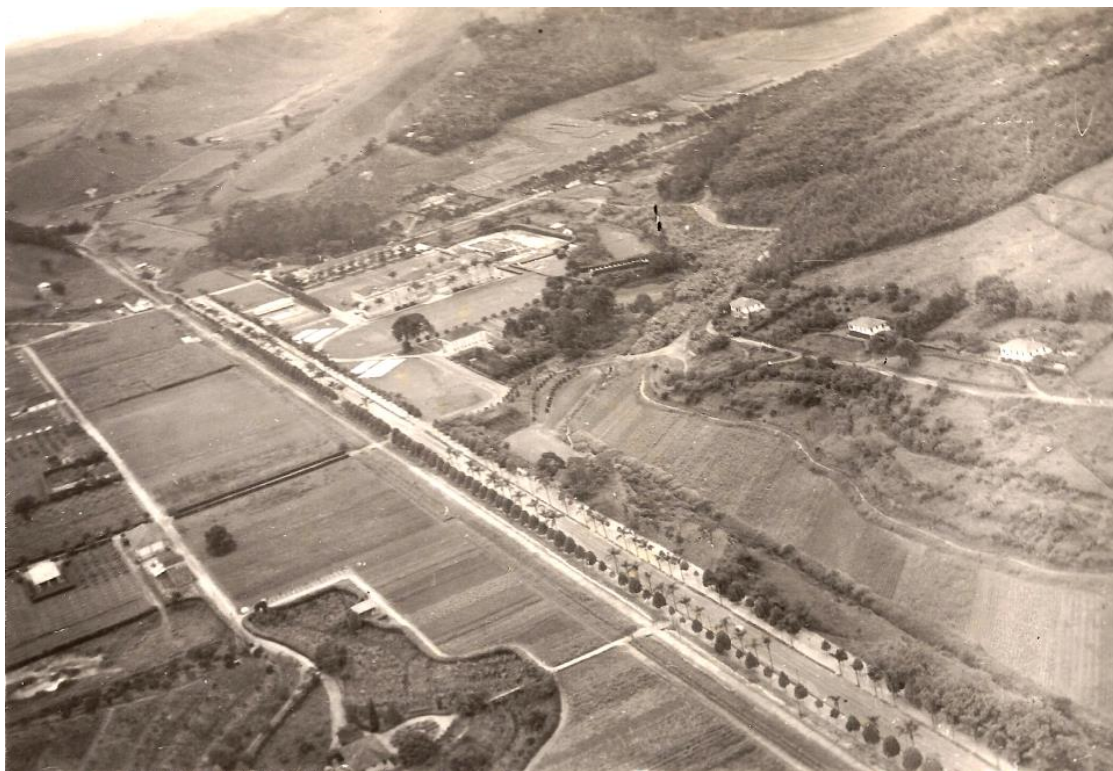


Figura 16 - Vista aérea do campus da UREMGE (1949)
Fonte: UFV



Figura 15 - Vista aérea da cidade de Viçosa (1949)

Em 1955 a antiga Igreja Matriz, com duas torres, foi demolida quando a segunda Igreja Matriz, com um campanário único, ficou pronta. Sendo um dos poucos marcos urbanísticos dessa década na cidade, como vemos na Figura 17.



Figura 17 - Igrejas matrizes em 1955

Fonte: José Marcondes Borges

A partir de 1961, especialmente, a então UREMG¹⁴, estabeleceria diversos vínculos que levariam a uma significativa expansão em todos seus aspectos e o significativo isolamento da instituição em relação à vida na cidade irá pouco a pouco acabar.

Quando da publicação de seu artigo, Valverde (1958), ao descrever a rede urbana na região frisou que Viçosa só era considerada de maior importância se forçosamente fossem adicionados os elementos presentes na UREMG. Ele não estava incorreto em sua análise, diferentemente do que se pode constatar hoje, uma

¹⁴ Em 1949 a ESAV passou a ser denominada UREMG, Universidade Rural do Estado de Minas Gerais.

vez que a instituição ainda permanecia isolada em relação à cidade. Nessa década a UREMG estreitou de forma permanente seus laços com os EUA, recebendo auxílio financeiro significativo da Fundação Ford e estabelecendo um vínculo com a Universidade de Purdue. Segundo Ribeiro (2006) as doações recebidas pela instituição permitiram sua ampliação, especialmente no que diz respeito à pesquisa agrícola e extensão rural, vieram como parte da estratégia geopolítica estadunidense de fortalecer sua presença na América Latina e manter o Brasil como um país tipicamente agroexportador. Sendo assim foi investido em muito na Extensão Rural, fazendo com que a instituição levasse ao rural brasileiro não apenas técnicas de plantio e aspectos da Revolução Verde, mas também aspectos sócio culturais e morais através do recém criado curso de Economia Doméstica, até então único no país.

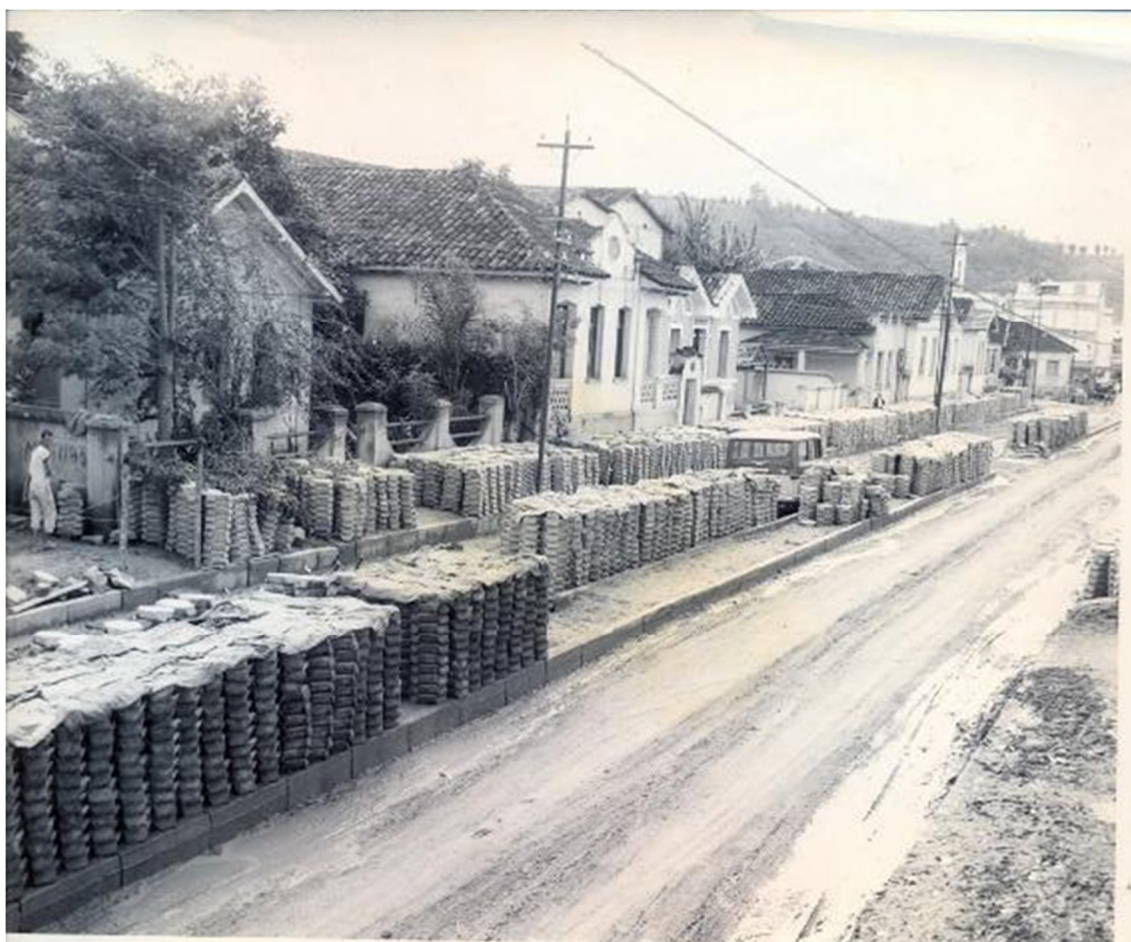


Figura 18 - Av. PH Rolfs na década de 1960

Fonte: Agnaldo Pacheco



Figura 19 - Vista aérea da UREM em 1961

Fonte: Museu Virtual de Viçosa

O vínculo criado com Purdue permitiu o intercâmbio de professores entre as instituições além de incentivos para que os professores realizassem cursos de aperfeiçoamento nos EUA. Com a chegada de novos professores optou-se pela construção da residência dos mesmos dentro da instituição, ainda seguindo a noção de autossuficiência em relação à cidade.

Foi assim criada a Vila Gianetti, que pode ser vista na Figura 19 abaixo e à esquerda, no formato de *cluster*, similar ao encontrado nos subúrbios dos EUA.

tão logo foi ocupada [a Vila Gianetti], se constituiu em um gueto da elite intelectual e econômica da cidade. Apesar de não possuir cancelas físicas, funcionava como uma espécie de condomínio fechado. Os americanos que lá habitaram pouco contato tiveram com a cidade, pois consumiam produtos alimentícios, carros, roupas, etc. fabricados nos Estados Unidos. Era comum encontrar pelas ruas esburacadas e não-calçadas da Universidade e da cidade alguns Impalas, Odsmobile, Pontiacs e Mustangs. (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 136)

Essa elite intelectual que tinha um baixo custo de vida investiu parte de seus recursos na aquisição de lotes na cidade, em bairros próximos ao centro (Ramos e Cléia Bernardes), instigando a dinamização do setor imobiliário.

A década de 1960 representa uma época de grande crescimento da universidade e significou um prólogo para década seguinte. Apesar dessa aparente modernização, a ligação da cidade e da instituição com restante do território nacional ainda era precária, como descreve Sanchez (2006) sobre as estradas de terra que ficavam quase intransitáveis nos períodos chuvosos

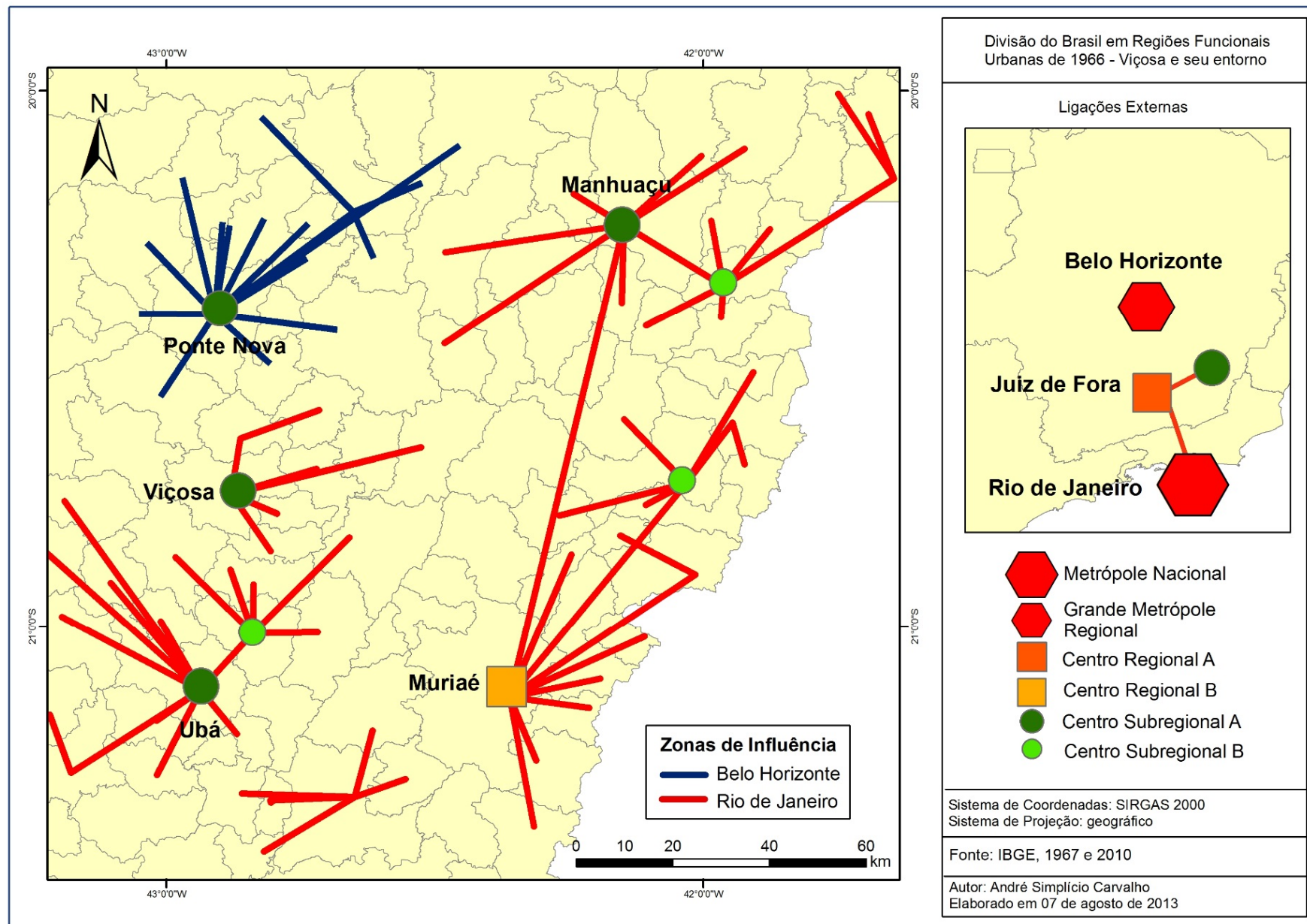
Os únicos carros a vencer estas estradas eram os jipes e as rurais Willys, veículos com tração nas quatro rodas capazes de sobrepor-se a estes obstáculos. Era a razão pela qual os extensionistas utilizavam esses veículos para trabalhar [...]. (p. 22)

E a precariedade das comunicações

Logo depois do Hotel do seu Custódio, e da residência da família Rubim, vinha a telefônica, que nada mais era que uma pequena central, daquelas antigas, movidas a manivela, onde era a coisa mais difícil comunicar-se com qualquer parte do Estado ou fora dele. Imaginem que naquele tempo, para se fazer uma ligação telefônica para o Rio de Janeiro, tinha que ser feita por meio de etapas, Viçosa-Ubá, Ubá-Cataguases, Cataguases-Leopoldina, Leopoldina-Petrópolis, Petrópolis-Rio. (p. 42-43)

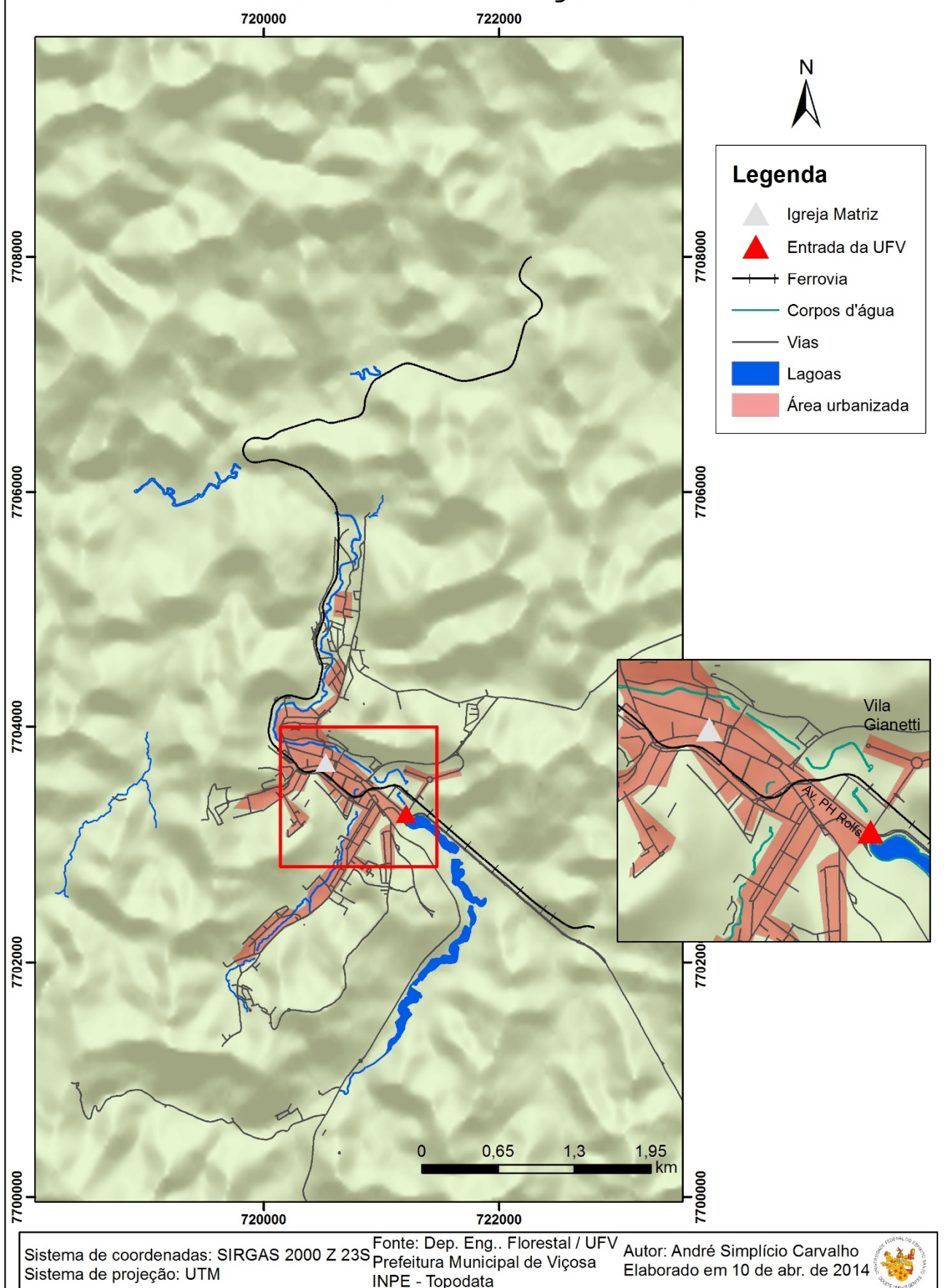
A cidade ainda tinha sua economia vinculada a agricultura de lavoura temporária e em pequenas propriedades rurais, visto a incipiente industrialização e atividade comercial (UFV, 1971). Essa pequena produção, cujo café ainda apresentava grande importância, era precariamente escoada pelas estradas vicinais de terra e chegavam com grandes dificuldades a mercados maiores, como Juiz de Fora, na época mais chuvosa do ano.

Apesar de alguma modernização no espaço urbano já ter ocorrido em meados da década de 1960, com o asfaltamento das ruas e o aumento da frota de veículos. O vínculo da cidade ainda estava ligado à ferrovia, uma vez que esta se apresentava como uma ligação sólida porém incerta, sofrendo menos com as chuvas, mas mais com os itinerários incertos e preços pouco atrativos para carga.



Mapa 7 - Posição de Viçosa na rede urbana em 1966

Área urbanizada em Viçosa-MG em 1963



Mapa 8 - Area urbanizada em 1963

Pode-se notar pelo Mapa 7 que Viçosa ainda se encontra sobre a região de influência do Rio de Janeiro, vinculada à Juiz de Fora. Sua região de influência é barrada ao sul e a oeste pela de Ubá que apresenta uma grande extensão nesse momento.

A área urbana da cidade, por sua vez representada no Mapa 8, tem uma expansão tímida e somente acompanha o sentido já colocado nas décadas passadas. A área ocupada se estende nas superfícies mais planas adjacentes ao centro, se alongando principalmente com residências de poucos pavimentos ao longo dos corpos d'água. A universidade por sua vez ganhou a área de moradia da Vila Gianneti que ajuda a compor a paisagem urbana.

3.4 REORIENTAÇÃO DA REDE, EXPANSÃO URBANA E A ASCENSÃO DO CAPITAL IMOBILIÁRIO

A década de 1970 e foi uma década de modificações extremas na configuração do espaço intra-urbano de Viçosa, da UFV e de uma reorientação da cidade para polarização por Belo Horizonte. Essa década dará o tom dos processos que irão ocorrer até o início do século seguinte.

Entre 1973 e 1980 a cidade de Viçosa viu surgir, em um grande surto de expansão, três novas formas que irão marcar o espaço urbano dela até hoje, verticalização da área central, criação do primeiro loteamento fechado e da primeira área segregada de baixa renda. Essa expansão foi acompanhada de uma mudança da área de influência ao qual pertencia a cidade, deixando de ser uma cidade vinculada ao Rio de Janeiro para se colocar novamente na zona de influência da capital do estado, Belo Horizonte como é retratado no Mapa 11 que demonstra resultado do REGIC 1978 (IBGE, 1987). Para que ocorressem as mudanças bruscas no processo de urbanização em Viçosa a partir de 70 foram precisos alguns fatores determinantes.

O primeiro fator impulsionador de aumento da urbanização foi a federalização da universidade que se deu em 1969. A transformação da então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais em Universidade Federal de Viçosa veio em num momento de estagnação do crescimento da instituição. A universidade se encontrava com poucos recursos uma vez que houve uma série de cortes por parte do governo

estadual, havendo atrasos no salário e quase nenhuma expansão, um quadro muito diferente do encontrado no começo da década de 1960.

A federalização da universidade levou uma nova expansão, uma vez que esta recebeu uma grande quantidade de recursos o que levou a abertura de inúmeras vagas de empregos, tanto na própria universidade, como também postos de trabalho para aqueles que iriam construí-la.

De 1975 até 1978, foram criados doze cursos de graduação e nove de pós-graduação, além dos nove cursos de graduação e dez de pós-graduação que já existiam em 1974. Esta expansão foi possível, entre outros motivos, devido ao extraordinário incremento no orçamento da Instituição, que, de Cr\$ 51.698.107,00 (cinquenta e um milhões, seiscentos e noventa e oito mil e cento e sete cruzeiros) em 1974, passou para Cr\$ 502.900.000,00 (quinhentos e dois milhões e novecentos mil cruzeiros) em 1978. (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 148)

Houve em 1974 a construção do último alojamento, o Posinho, o que implicou o aumento da pressão por moradia estudantil fora do campus. Segundo relatado por um entrevistado, no final da década a UFV alugou algumas casas no centro como repúblicas e também construiu-se o conjunto de prédios da empresa Mundial, na chamada Rua dos Estudantes. É nesse momento que os empresários da construção civil e também os pequenos empreendedores veem no mercado estudantil um nicho que só tenderia a crescer.

Algumas partes da cidade, especialmente a Av. P. H. Rolfs, receberam uma nova pavimentação e iluminação para atender os proprietários da tímida porém crescente frota de veículos que ali circulavam.

As forças exógenas que levaram as mudanças significativas da cidade foi primeiramente a chegada, em 1973, da BR-120 (Figura 20) e sua respectiva extensão até a área central com a posterior construção da atual rodoviária, em 1979. Há de se observar que Viçosa foi uma das últimas cidades polo microrregionais a ter suas ligações rodoviárias asfaltadas segundo relatório feito pela UFV e publicado em, 1971. Tanto Ponte Nova ao norte como Ubá ao sul já contavam com ligações rodoviárias asfaltadas a centros de maior importância. A microrregião como todo tinha sua fluidez extremamente prejudicada em períodos de chuva, o que por sua vez atrapalhou em muito o desenvolvimento econômico (UFV, 1971).

Muitos foram os loteamentos e vias abertos ao longo da nova rodovia. Houve um processo intenso de criação de bairros (Anexo II e Mapa 9). Esse aumento da

centralidade e aumento da fluidez do território permitiram um aumento da sua zona de influência na rede urbana microrregional, ao passo que houve um novo alinhamento à capital estadual (Mapa 9).

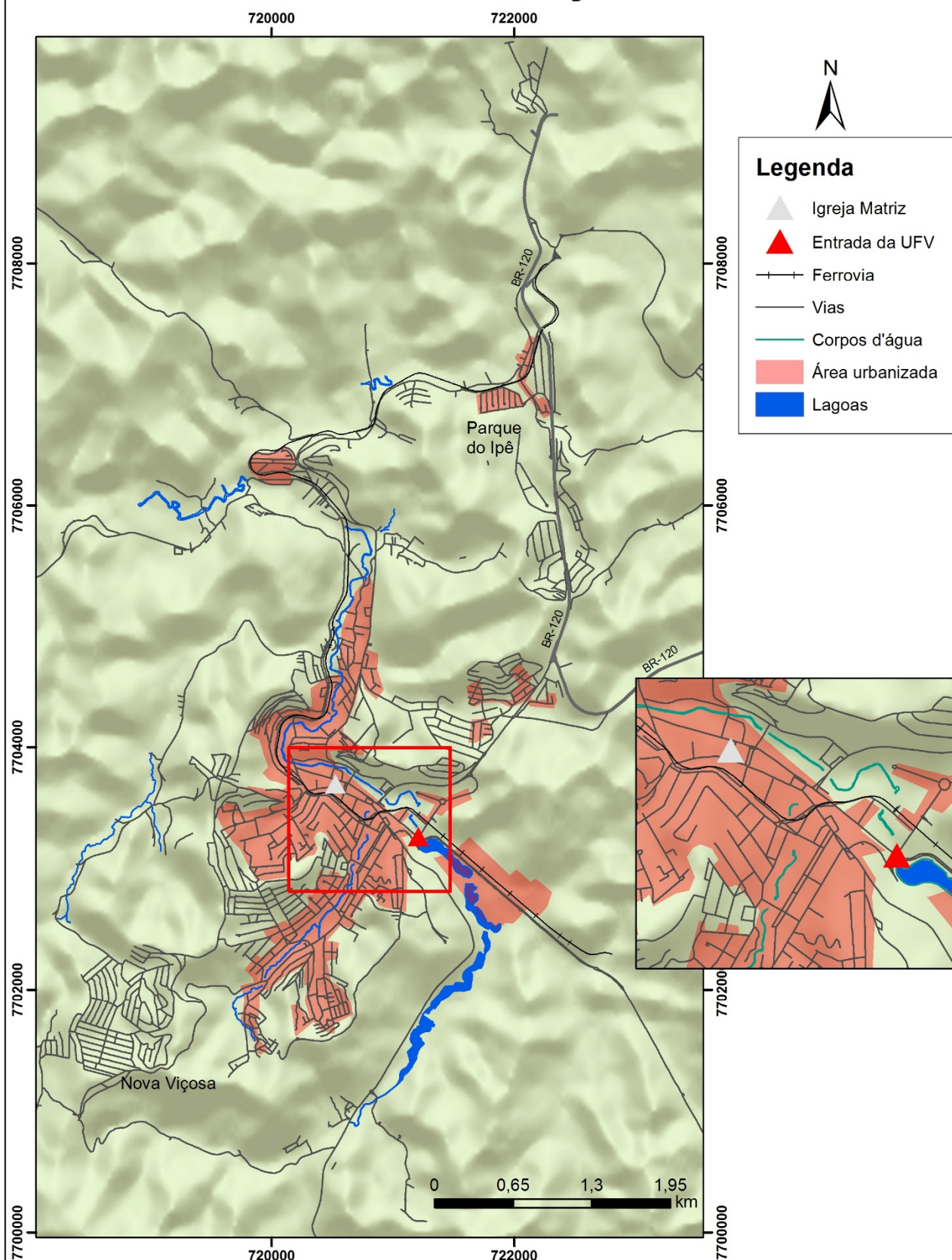


Figura 20 - Inauguração da BR-120 em 1973

Fonte: José Mário da Silva Rangel

Dentre os bairros criados, um dos primeiros foi Condomínio do Parque do Ipê em 1973 que foi construído por uma iniciativa conjunta de vários professores da universidade que queriam reproduzir ali o estilo de vida que tiveram nos EUA durante intercâmbios acadêmicos. Havia também a vontade de se isolar dos crescentes problemas urbanos do município.

Área urbanizada em Viçosa-MG em 1974



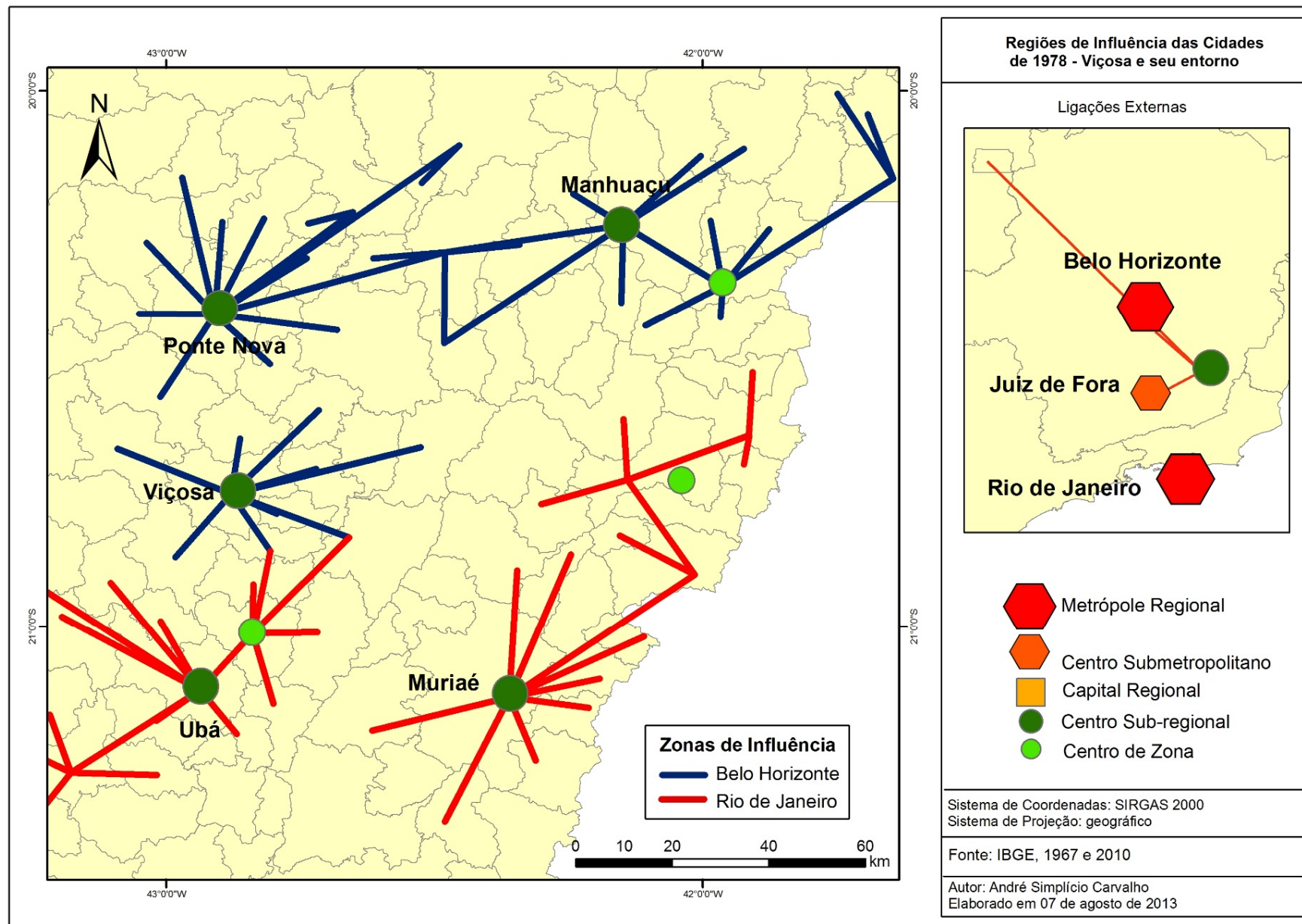
Sistema de coordenadas: SIRGAS 2000 Z 23S
Sistema de projeção: UTM

Fonte: Dep. Eng. Florestal/UFV
Prefeitura Municipal de Viçosa
INPE - Topodata

Autor: André Simplicio Carvalho
Elaborado em 10 de abr. de 2014



Mapa 9 - Área urbanizada em 1974



Mapa 10 - Posição de Viçosa na rede urbana em 1978

Outro processo que devemos dar atenção é a grande velocidade de urbanização da população da toda Zona da Mata. Toda região que apresentava um grande contingente populacional no campo, especialmente em minifúndios, sofria com o desemprego rural (UFV, 1971). Isso levou à uma intensa migração campo-cidade, especialmente nas partes onde a mecanização/modernização era mais difícil diante das altas declividades, como foi o caso da microrregião de Viçosa. A transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília foi outro fator determinante para decadência do setor agroindustrial na Zona da Mata. Esses fatores resultaram em uma intensa migração para as cidades, especialmente os polos microrregionais como Viçosa. Parte dessa população que esperava se empregar na expansão da universidade e da cidade, acabou conformando os primeiros bairros excluídos em Viçosa. Um dos primeiros bairros excluídos foi o morro Rebenta Rabicho, próximo à área central.

O rápido crescimento das cidades pode ser evidenciado através da análise de dados referentes ao grau de urbanização. Pela tabela 4, enquanto 49,27% da população regional em 1970 residia em centros urbanos, em 1991 esta proporção cresceu sensivelmente, atingindo 69,67% da população regional. Todavia, esta tendência pode implicar queda na qualidade de vida dos indivíduos que não se integram à nova estrutura sócio-econômica dos principais centros urbanos regionais. (FJP, 1995, p. 44)

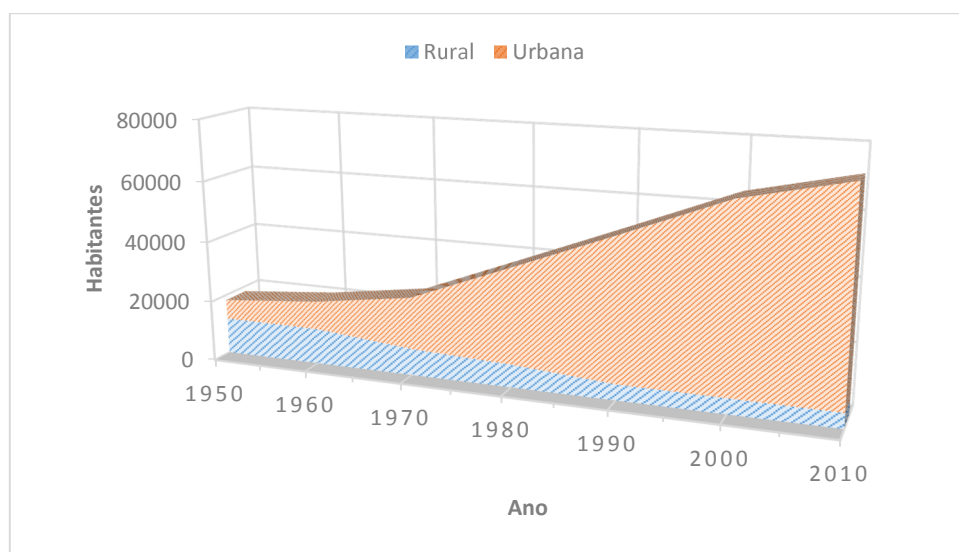


Gráfico 1 - Evolução da população residente em Viçosa – MG

Fonte: FJP e IBGE

Para abrigar tamanho contingente populacional foram erguidos 32 edifícios na área central da cidade, sendo que a grande maioria destes foram construídos por autônomos, apresentando de 3 a 4 pavimentos.

Notadamente este reduzido número de andares e apartamentos dos edifícios construídos nesta década está relacionado tanto às restrições técnicas até então observados no setor da construção civil, que, de acordo com Souza (1994) foram sendo superadas mediante transferências tecnológicas dos países desenvolvidos, quanto à reduzida demanda por este tipo de habitação na cidade nesta época.

Naquela década, os edifícios verticais estavam localizados no centro da cidade, especificamente na Praça Silviano Brandão, Av. Bueno Brandão, Senador Vaz de Melo, Travessa Sagrados Corações, rua Francisco Machado e Benjamin Araújo. (ZACCHI, 2009, p. 54)

Esse foi o ponto inicial da verticalização da área central, e na cidade como um todo, que também se deu, e ainda se dá, com a perda de antigos casarões no centro da cidade.

Nos loteamentos e bairros criados ficaram ausentes a preocupação com infraestrutura e criação de espaços públicos. Os novos bairros que eram loteados a partir de fazendas no entorno municipal, ao longo da MG-263 e da BR-120 e em volta do centro significaram grandes gastos para prefeitura que teve de assumir a criação de infraestruturas que não foram feitas pelo loteador, devido à falta de fiscalização e permissividade da própria prefeitura. Essa também foi permissiva ao ceder novamente as pressões do setor imobiliário que demandava maiores possibilidades de verticalização em bairros próximos ao centro.

Diante desse quadro de expansão irrestrita o setor da construção civil se consolida na cidade, representando o setor mais dinâmico e o maior empregador da mão de obra.

[...] cerca de 20% da PEA total do município se ocupava das atividades industriais, e 62,1% destes 20% estavam empregados na construção civil, o que representava cerca de 16,9% da PEA urbana. A elite empresarial da construção civil se colocava na posição de grande empregadora de mão-de-obra de pouca qualificação e agente essencial do desenvolvimento da cidade. O restante da PEA urbana se distribuía nas atividades sociais, isto é, nas atividades comunitárias, médicas, odontológicas e de ensino, nas prestações de serviços e no comércio e em outras menos expressivas. (RIBEIRO FILHO, 1997, p. 148)

A população que não conseguia inserir nessa economia acabava se ocupando da economia informal, notadamente no comércio.

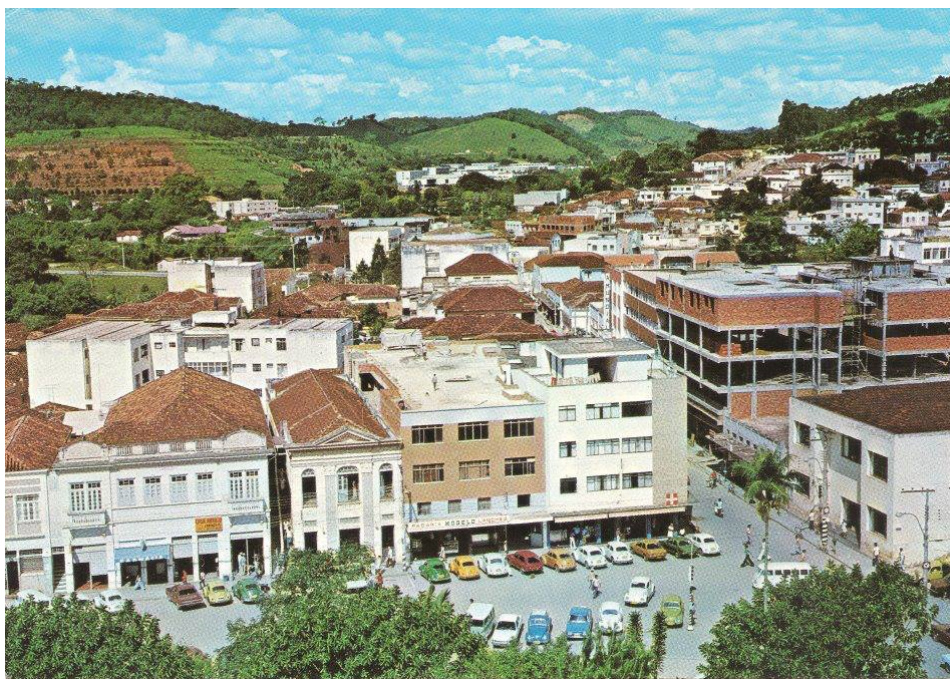


Figura 21 - Verticalização da Rua Arthur Bernardes

Fonte: Aguinaldo Pacheco

A partir de 1980 inicia-se uma intensa verticalização da Rua Dr. Milton Bandeira que apresenta em 1986 seu primeiro edifício com apartamentos no formato quarto e sala voltado ao público estudantil. Também, na mesma década, surge a Construtora Chequer Indústria e Comércio Ltda., que é de propriedade, como indica o nome, de membros da família Chequer. A atividade construtiva envolveu ainda mais dois irmãos e posteriormente seus filhos, surgindo a partir daí as construtoras Carvalho & Chequer, Enfoque e Âncora Empreendimentos Imobiliários, que tomam boa parte do mercado da cidade.

A partir da segunda metade da década começa a ocupação vertical da Tv. Vereador J. Valentino da Cruz Reis, a Ladeira dos Operários, assim chamada por interligar os bairros dos operários da universidade com a própria universidade. Foram construídos ali, dentre os anos de 1988 e 1996, quatro edifícios, localizados com vista panorâmica para a Universidade. Esses edifícios não foram projetados para as necessidades do mercado estudantil, contando com apartamentos mais amplos de dois e três quartos, mesmo assim foram ocupados por esse público (ZACCHI, 2009, p. 56).

Assim, Oliveira e Carvalho (2005) afirmam que estes edifícios passaram a ser ocupados por públicos com hábitos e modos de vida distintos, chegando a causar conflitos que resultaram, em alguns casos, como no Edifício

Tocqueville, na “proibição” de moradia estudantil. Dessa forma, a moradia estudantil passou a se constituir uma necessidade real na cidade, a qual o mercado imobiliário já estava atento, principalmente após a identificação das necessidades desse público (ZACCHI, 2009, p. 56).

Nessa década as empresas começaram a aumentar sua participação no mercado e construindo edifícios cada vez mais altos, ocupando os melhores lotes próximos à universidade.

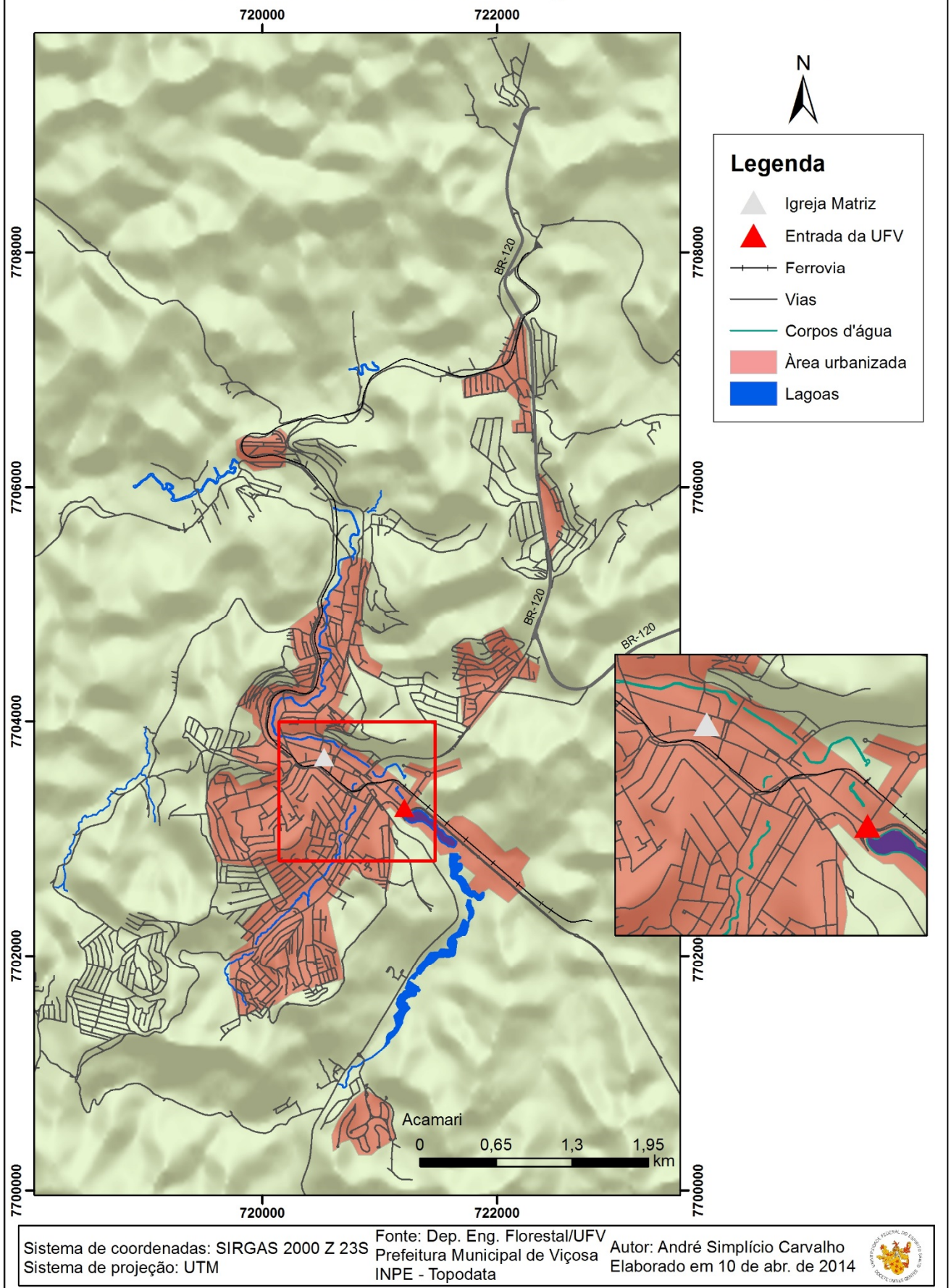


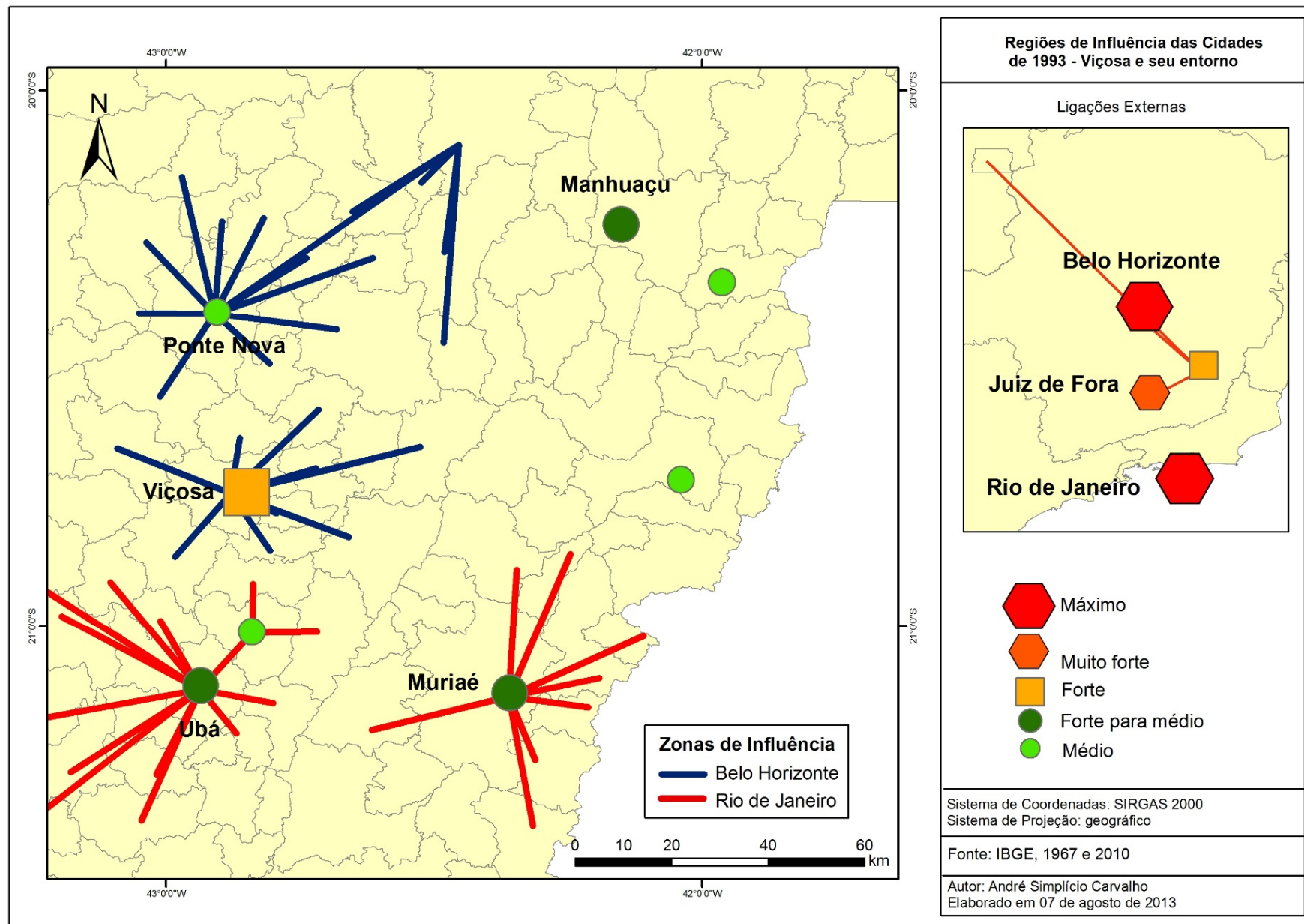
Figura 22 - Vista aérea da área central em 1985

Fonte: Ricardo Cantarelli

Além da verticalização continuada houve a criação de mais um loteamento fechado nos mesmos moldes do Parque do Ipê, o Acamari. Esse foi feito em 1983, sendo bem maior e em sentido contrário ao da BR-120, ao sul da cidade. Sete anos depois foi iniciado a construção do Condomínio Recanto da Serra em um topo de morro, no bairro João Bráz, também ocupados majoritariamente por professores e profissionais liberais.

Área urbanizada em Viçosa-MG em 1987





Mapa 12 - Posição de Viçosa na rede urbana em 1993

Podemos notar pelos Mapas 8 e 10 que entre 1974 e 1987 não há aumento das vias, basicamente há um preenchimento dos bairros já criados com o adensamento de residências, mas grandes áreas como o bairro Nova Viçosa à sudoeste do município ainda são semi-rurais. De fato entre 1979 e 1989 não há registro de criação ou expansão de bairros (Anexo II). As áreas que contornam o núcleo central, em especial as áreas com maior declividade ainda não se encontram completamente ocupadas.

A zona de influência da cidade de Viçosa se consolida novamente sobre seus antigos limites municipais, sem a interferência de Ubá (Mapa 11). Ao sul esta continua limitada pela Serra de São Geraldo e a leste pela Serra do Brigadeiro, já colocada agora como área de preservação permanente. Ao norte persiste a influência de Ponte Nova, que apesar de se encontrar em estagnação de crescimento ainda mantém uma série de funções centrais, especialmente aquelas ligadas à burocracia do governo mineiro.

É interessante notar que os resultados do REGIC 1993 (IBGE, 2000) e da FJP (1995) se contradizem quanto ao nível hierárquico de Viçosa, em relação ao seus vizinhos. Segundo a segunda instituição, Viçosa se encontraria no nível hierárquico 6 enquanto Ubá e Ponte Nova em um nível acima. Já o IBGE entende que as cidades apresentam níveis diferenciados, Forte, Forte para médio e Médio. Não há dúvida que o REGIC 1993 (IBGE, 2000) detecta a perda de dinamismo de Ponte Nova concomitante a uma maior atratividade de Viçosa.

Há de se notar também que Belo Horizonte e Rio de Janeiro se encontram em níveis equivalentes, provavelmente devido ao impacto da estagnação econômica da década anterior.

A partir de 1996, as construtoras se proliferaram e começaram a realizar a maioria das obras na área central. Obras estas com maiores áreas e mais andares, muitas voltadas ao público estudantil, tornando a produção dos alojamentos privados a forma hegemônica da construção em Viçosa. Segundo levantado por Zacchi (2009) os motivos que levaram a verticalização da área central foram, segundo o ponto de vista dos empresários da construção:

- a) a falta de terrenos amplos e bem localizados a custo acessível para construção de edificações não verticalizadas; b) o custo elevado dos lotes na área central, local em que as pessoas preferem morar, limitando, comercialmente, outro tipo de edificação, no caso de construtos horizontais; c) a demanda, principalmente do público universitário, como os estudantes e

O processo de verticalização que ocorre no centro de Viçosa, pode ser considerado um processo predatório do espaço construído. Há uma multiplicação da área construída, e portanto, da densidade populacional limitada apenas pela capacidade técnica da construção, uma vez que os limites legislativos são praticamente ignorados, sem uma ampliação das vias, que ficam cada vez mais estranguladas. Há um processo de negação do patrimônio histórico uma vez que este é sistematicamente aniquilado pelo capital na forma de indústria da construção.

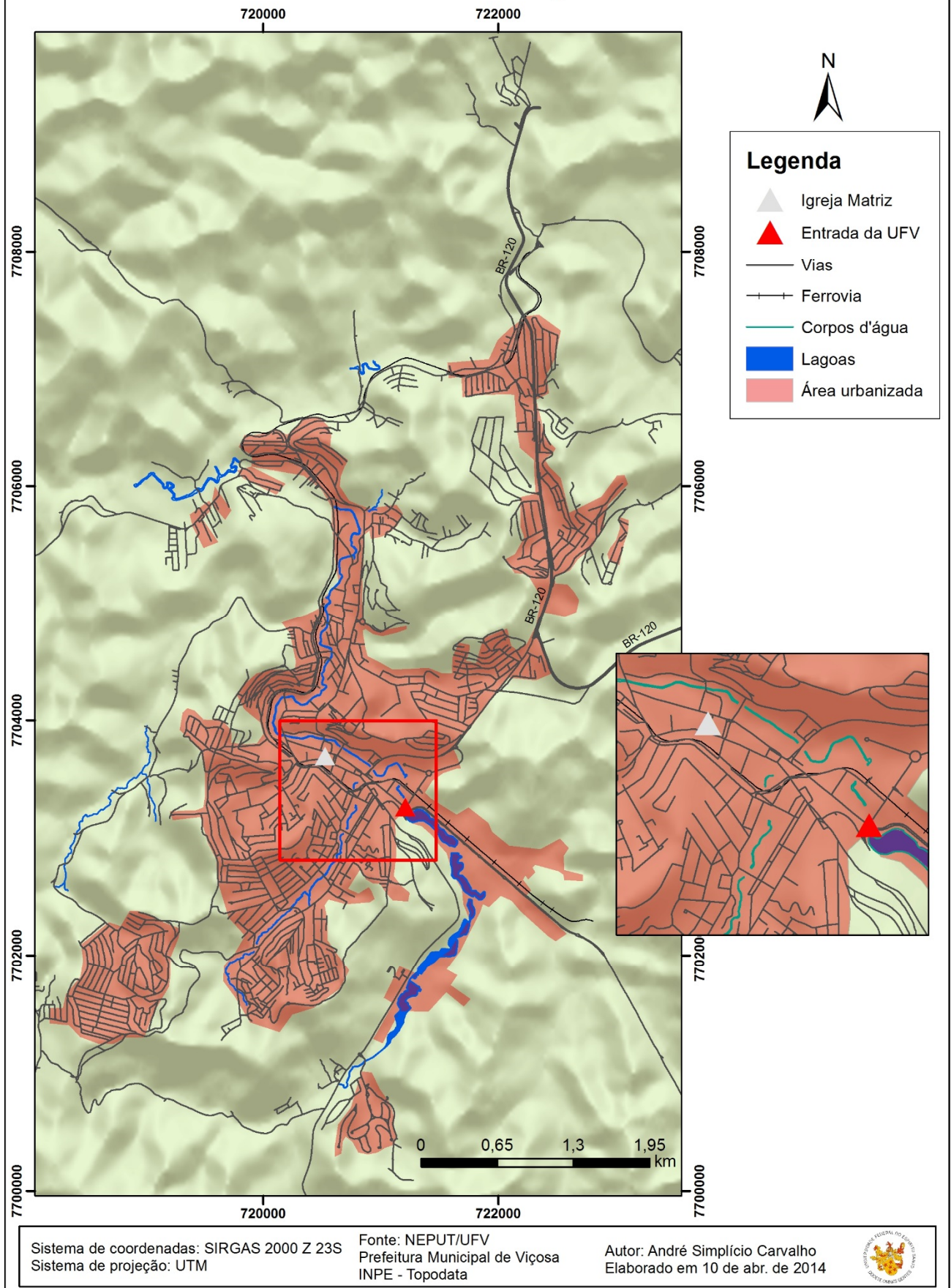
No final da década de 1990 a pressão do capital imobiliário e do trânsito nas principais vias da área central, Av. P. H. Rolfs, Av. Santa Rita e Gomes Barbosa força o abandono de certas funções como a da manutenção de veículos automotivos para outras áreas, notadamente a Av. Marechal Castelo Branco. Esse fenômeno foi mostrado por Carvalho (2010).

Em 1999 a cidade perde de vez sua ligação ferroviária, com a desativação definitiva do trecho que chegava a Viçosa. A Ferrovia Centro Atlântica (FCA), que passou a administrar a EFL, concluí o processo de desativação e abandono das malhas que se iniciou já na década de 1960. Agora a cidade depende tão somente do modal rodoviário.

Ao final do milênio Viçosa vê consolidada a ocupação do núcleo central, um século após o início de seu processo de urbanização. Tanto as áreas periféricas ao centro como os bairros criados anteriormente, na década de 1970, tem seu processo de urbanização e ocupação consolidado (Mapa 13). A área central sofre intenso processo de verticalização e especulação imobiliária. Os lotes tem preços proibitivos à atuação dos pequenos empresários da construção civil. O grande marco paisagístico/urbanístico construído nesse momento é o Condomínio Burle Marx.

Em 1999 foi marcado o início do processo de construção do edifício sobre uma até então Área de Preservação Permanente. O gigantesco condomínio composto de duas torres cada qual com 120 apartamentos, majoritariamente no formato quarto e sala (kitnet), começa a ser erguido sobre a calha do até então Ribeirão São Bartolomeu, em frente à entrada da UFV. A edificação do mesmo, marcou uma nova fase da verticalização do centro, o avanço sobre a calha do ribeirão com a conivência, como sempre, da prefeitura.

Área urbanizada em Viçosa-MG em 2000



Mapa 13 - Área urbanizada em 2000

3.5 NOVO SÉCULO, ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL E INTEGRAÇÃO AO MEIO TÉCNICO CIENTÍFICO INFORMACIONAL

O final da década de 1990 foi marcado por um momento de crescimento urbano tímido e estagnação do crescimento econômico da cidade, mas serviu como prelúdio dos processos que estariam por vir. As mudanças trazidas pela presidência de Luiz Inácio Lula da Silva irão ter grandes impactos na forma da economia do País e especialmente no ensino superior, refletindo em um novo surto de expansão na cidade de Viçosa.

Na primeira década desse século a capacidade de articulação da cidade de Viçosa sofre quatro grandes modificações decorrentes das atividades relacionadas ao ensino e o aumento do poder de compra da população brasileira em geral.

O primeiro aspecto foi um novo aumento expressivo no número de vagas na UFV decorrente do programa federal REUNI¹⁵, implementado pelo governo Lula. Houve um aporte de recursos significativos, incluindo mais construções e criação de inúmeros cursos, em especial na área de ciências humanas e exatas. O segundo aspecto foi a consolidação de um processo significativo de descentralização na cidade através da formação de um eixo comercial especializado em fornecer serviços automotivos ao longo do principal eixo viário da cidade. Esse eixo, que cresceu em função do aumento significativo de vagas na universidade que em consonância com o aumento do poder aquisitivo da população aumentou significativamente o número da frota flutuante na cidade o que tornou a abertura de oficinas e revendas um negócio em expansão. A concentração, economia de escala, gerada por esse eixo fez com que as populações vizinhas fossem atraídas por essa parte do comércio local (CARVALHO, 2010).

O terceiro aspecto, não menos importante, foi a criação de três instituições de ensino superior privadas na cidade, mostrando uma nova diversificação de atividades na cidade por parte da elite local.

Uma das marcas dos governo Lula foi a expansão sem igual das vagas no ensino superior público através do REUNI e da inserção de mais pessoas no ensino superior privado através do financiamento público pelo PROUNI¹⁶ e a facilitação de

¹⁵ REUNI é o Programa de apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidade Federais a ser realizado entre 2007 e 2012. Decreto nº 6096 de 24 de abril d 2007.

¹⁶ PROUNI é o Programa Universidade Para Todos. Lei nº11.096 de 13 de janeiro de 2005.

crédito, o FIES¹⁷, essas medidas complementaram a gigantesca expansão do ensino privado desencadeada pelas medidas neoliberais do governo anterior.

Em Viçosa o ensino superior privado só chegou na virada do século pela iniciativa de empreendedores locais, que visavam atingir públicos não contemplados pelas vagas da UFV. Sendo assim, entre 2001 e 2005, foram inauguradas três instituições de ensino superior privadas.

A pioneira foi a Escola de Ensino Superior de Viçosa (ESUV) que se instalou ao longo de do principal eixo viário do município, a BR-120. Suas atividades se iniciaram em 2001, com o curso de Direito. Apesar da oferta já existente desse curso na UFV a oferta de vagas se concentrou no período noturno, visando-se atender uma população que em sua maioria era economicamente ativa e que buscava uma educação superior. O período noturno possibilitou também aos habitantes de cidades próximas realizassem o curso gerando migrações pendulares para Viçosa. O ensino privado de Direito no Brasil representa um enorme mercado, uma vez que muitos alunos são atraídos pelos altos vencimentos dos cargos públicos jurídicos ou pela possibilidade de advogar. Posteriormente a instituição passou a oferecer os cursos de Ciências Contábeis e Serviço Social, além de abrir novas turmas de Direito.

No final de 2001, a Faculdade de Viçosa (FDV) iniciou suas operações. Essa instituição tem a característica de ser montada sobre o espaço de dois colégios privados na cidade, Anglo e Equipe, pois pertencem aos mesmos sócios que resolveram investir também no ensino superior privado. Assim maximizaram a ocupação dos espaços, durante o dia com estudantes do ensino básico e durante à noite com ensino superior. A faculdade inicialmente ofereceu os cursos de Administração e Sistemas de Informação, todos no período noturno, atraindo o mesmo público que a instituição anterior.

Por fim, a UNIVIÇOSA teve suas aulas iniciadas em 2005, com um leque mais amplo de cursos. Três dos cursos iniciais eram complementares aos já encontrados na cidade, Farmácia, Enfermagem e Fisioterapia, que até o momento são oferecidos somente por essa instituição. Outros dois cursos oferecidos já eram consolidados na UFV, Nutrição e Medicina Veterinária.

Todas essas instituições foram feitas a partir de investimentos da elite local e não vinculados a quaisquer grupos nacionais do ensino superior privado. Seus sócios

¹⁷ FIES é o Programa de Financiamento do Estudante.

visualizaram a oportunidade gerada pela centralidade exercida pela UFV e a oferta de docentes ali formados, ou aposentados, para montar cursos que visavam atrair estudantes com outro perfil e com um alcance menor na rede urbana. Segundo que foi relatado pelo entrevistado os estudantes se originam principalmente de Viçosa e Ponte Nova, assim como suas respectivas regiões de influência.

O REUNI (2007-2012) por sua vez contemplou a UFV que sofreu uma enorme expansão de vagas. A instituição abriu diversos cursos em período noturno, especialmente de licenciatura, além da criação de um novo campus no noroeste de Minas Gerais, na cidade de Rio Paranaíba.

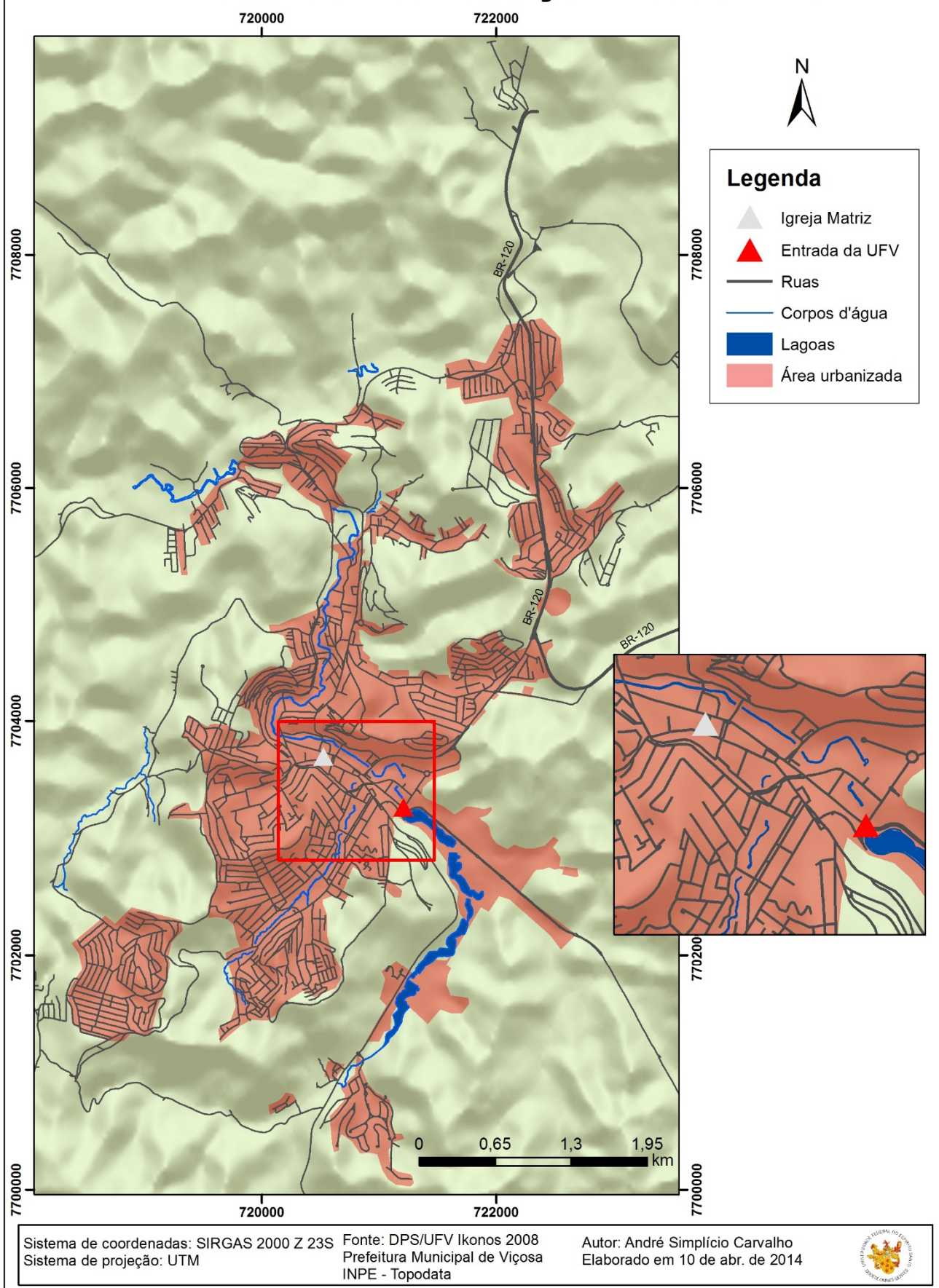
Uma vez anunciado o REUNI, e seus impactos na UFV, houve um momento de grande euforia do setor imobiliário, que diante da já crescente demanda por apartamentos fez pesados investimentos na área central. Demoliram edifícios de menor gabarito e verticalizou-se o máximo possível nas Av. P. H. Rolfs, Rua dos Estudantes, Av. Santa Rita e Rua Gomes Barbosa.

Enquanto isso houve progressivamente a ocupação do vetor norte da cidade, especialmente os bairros João Braz e Silvestre. Bairros de caráter residencial unifamiliar de casas começaram a ter em suas paisagens, cada vez mais, pequenos edifícios, majoritariamente com quatro andares. Assim como no centro, esses edifícios visavam em grande medida abrigar os estudantes das novas instituições localizadas nas proximidades.

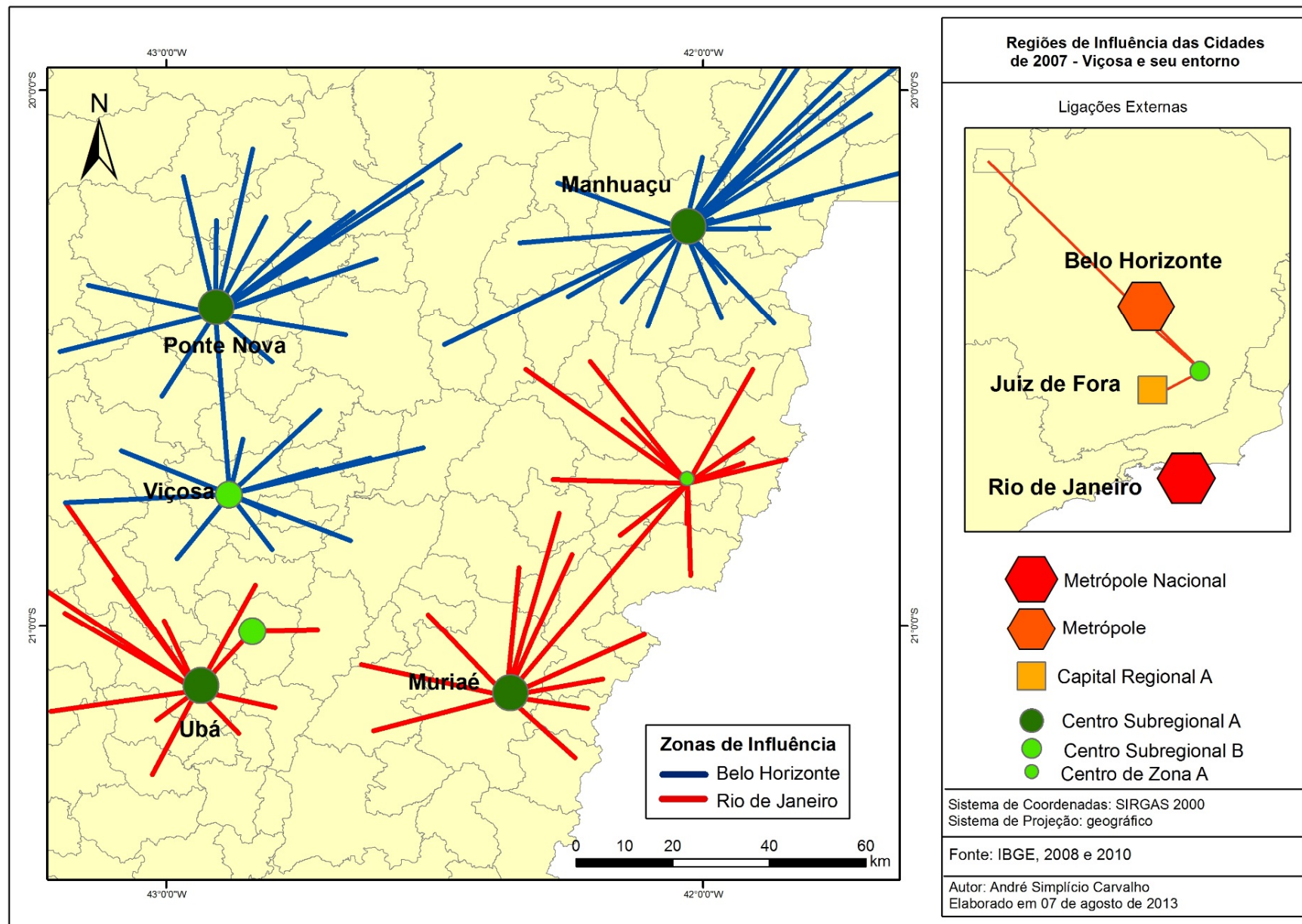
Houve a formação de um eixo comercial especializado ao longo da Av. Marechal Castelo Branco e BR-120, especialmente no sentido norte. A formação desse eixo se deu por um duplo fenômeno, a descentralização propriamente dita e a expansão do comércio voltado à veículos. As mecânicas e lojas especializadas foram expulsas da área central ao passo que novas lojas vieram a se aglutinar juntamente com essas antigas (CARVALHO, 2010).

Essas novas expansões consolidaram a hiperdensificação do centro e a densificação de outros bairros, ao passo que nesse período aumentou-se o número de municípios polarizados por Viçosa.

Área urbanizada em Viçosa - MG em 2008



Mapa 14 - Área urbanizada em 2008



Mapa 15 - Posição de Viçosa na rede urbana em 2007

O espaço urbano de Viçosa continua sem sofrer expansões significativas, desde 2000, uma vez que áreas mais privilegiadas pelas vias estão saturadas e somente seguem com processo de densificação. A UFV por sua vez também continua o processo de densificação de suas partes mais próximas ao centro, não avançando em direção ao sudoeste.

Estranhamente Viçosa aparece em 2007 como um centro menor submetido à influência de Ponte Nova, mesmo que sua região de influência tenha crescido em direção à Presidente Bernardes à oeste, compartilhando com Ubá. Essa queda de centralidade é bastante estranha se considerarmos o crescente número de novas atividades extrovertidas que a cidade passou a apresentar, mas questionaremos esse ponto mais adiante. O grande marco de infraestrutura nesse momento é a chegada dos cabos de fibra ótica que possibilitaram conexão de banda larga da UFV e da cidade, facilitando inúmeros aspectos da vida, especialmente acadêmica, nessa cidade distante de grandes centros. Os serviços de telefonia móvel logo se seguiram. Externamente podemos detectar a retomada da importância do Rio de Janeiro no quadro nacional se elevando a uma categoria hierárquica acima de Belo Horizonte, mas isso não garantiu a retomada de sua região de influência até Viçosa.

A seguir iremos discutir o quadro atual da centralidade de Viçosa, que tem seguido na direção de uma especialização funcional e alcançou um novo patamar de centralidade no final da primeira década do século XXI.

4 A CONSTRUÇÃO DA ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL E DA CIDADE MÉDIA

Viçosa alcança o final primeira década do século XXI como uma centralidade especializada em oferecimento de serviços de educação, notadamente superior, e produção de ciência e tecnologia. Essa especialização funcional se dá capitaneada pela centralidade da UFV, que tem se expandido proporcionalmente a sua capacidade de oferta de vagas atraindo estudantes de todo Brasil e do exterior. Essa consolidação da instituição e sua centralidade se dá atrelada à capacidade de produção de ciência e tecnologia, no contexto das possibilidades dadas pela conformação do meio técnico-científico informacional, que irá cada vez mais privilegiar os produtos intensivos em conhecimento em relação à esfera puramente produtiva tradicional.

Essa posição da centralidade de Viçosa se dá de forma concomitante ao seu destaque na escala regional e ao aparecimento de algumas características típicas de cidades médias.

4.1 A CIDADE DE VIÇOSA NO CAMINHO PARA ESPECIALIZAÇÃO FUNCIONAL

Segundo Santos (1999, p. 11) o processo de especialização aumenta a necessidade de intercâmbio uma vez que as possibilidades técnicas e organizacionais criam locais especializados, tanto na cidade como no campo, em redes que tendem a ser mundialmente solidárias. Ou seja, a especialização funcional de um lugar só pode se dar no contexto da rede urbana. Isso ocorre uma vez que existe uma função cuja oferta, do serviço ou produto, extrapola a necessidade local, e esta só se sustenta mediante a interconexão com outros lugares. O oposto também é válido, uma vez que se a localidade não oferece as funções suficientes para fixar uma população esta pode se ver em intensa migração pendular, transformando as cidades em meros dormitórios. Pode-se assim dizer que esse tipo de cidade se torna especializada no oferecimento de mão-de-obra.

No caso de Viçosa a especialização funcional se dá basicamente no setor de serviços, especialmente na educação.

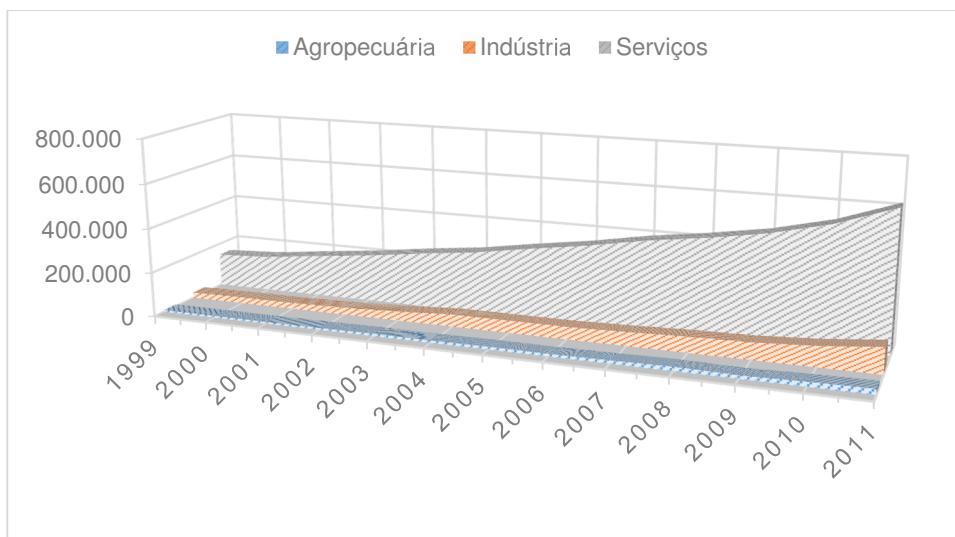


Gráfico 2 - Participação dos setores no PIB municipal

Fonte: IBGE, vários anos

Como se pode notar (Gráfico 2) o setor de serviços nas cidades é o que pesa na composição do PIB municipal, sendo que na última década houve uma expansão considerável, sendo seguida a lenta medida pela participação da indústria. A divisão da PEA se dá da seguinte maneira no município:

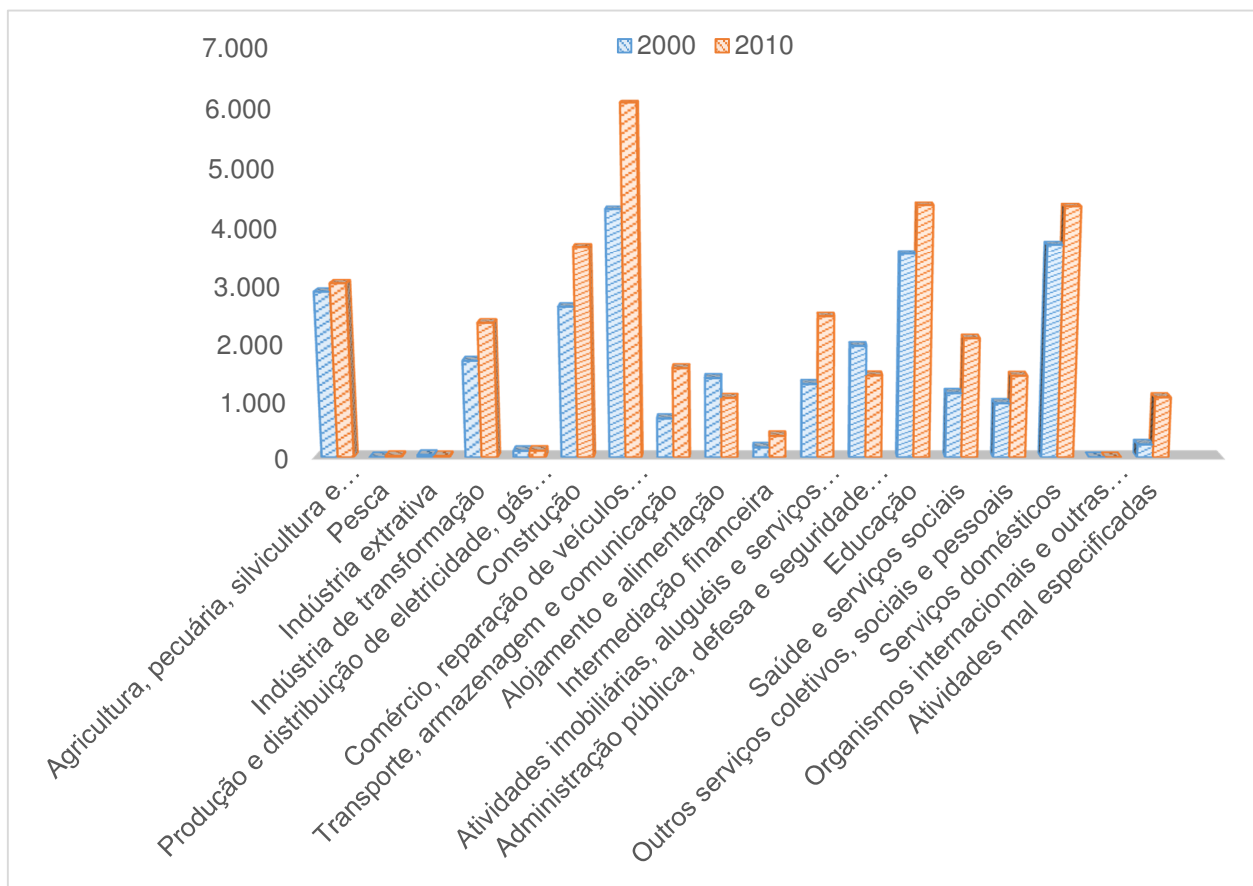


Gráfico 3 - PEA por setor

Fonte: IBGE, 2000, 2010

Observando-se a variação absoluta na última década expressa no Gráfico 3, nota-se uma variação maior no setor de Comércio, Reparação de Veículos Automotores, Objetos Pessoais e Domésticos, saindo de 4.319 em 2000 para 6.097 empregados em 2010. Essa expansão, se deve principalmente ao aumento de lojas especializadas em serviços e vendas de peças para veículos automotivos, reflexo direto da expansão das vagas na universidade. Essas lojas se organizam especialmente em volta do eixo comercial especializado (CARVALHO, 2010).

Não pode-se deixar de notar também no Gráfico 3 o aumento significativo de dois setores umbilicalmente relacionados, o da Construção Civil, de 2.642 para 3.676 empregados, e do ramo imobiliário, de 1.299 a 2.479. A força do setor de construção é destacada por Zachi (2009) e Honório (2012). O setor de educação também teve algum crescimento, passando de 3.551 para 4.387 empregados.

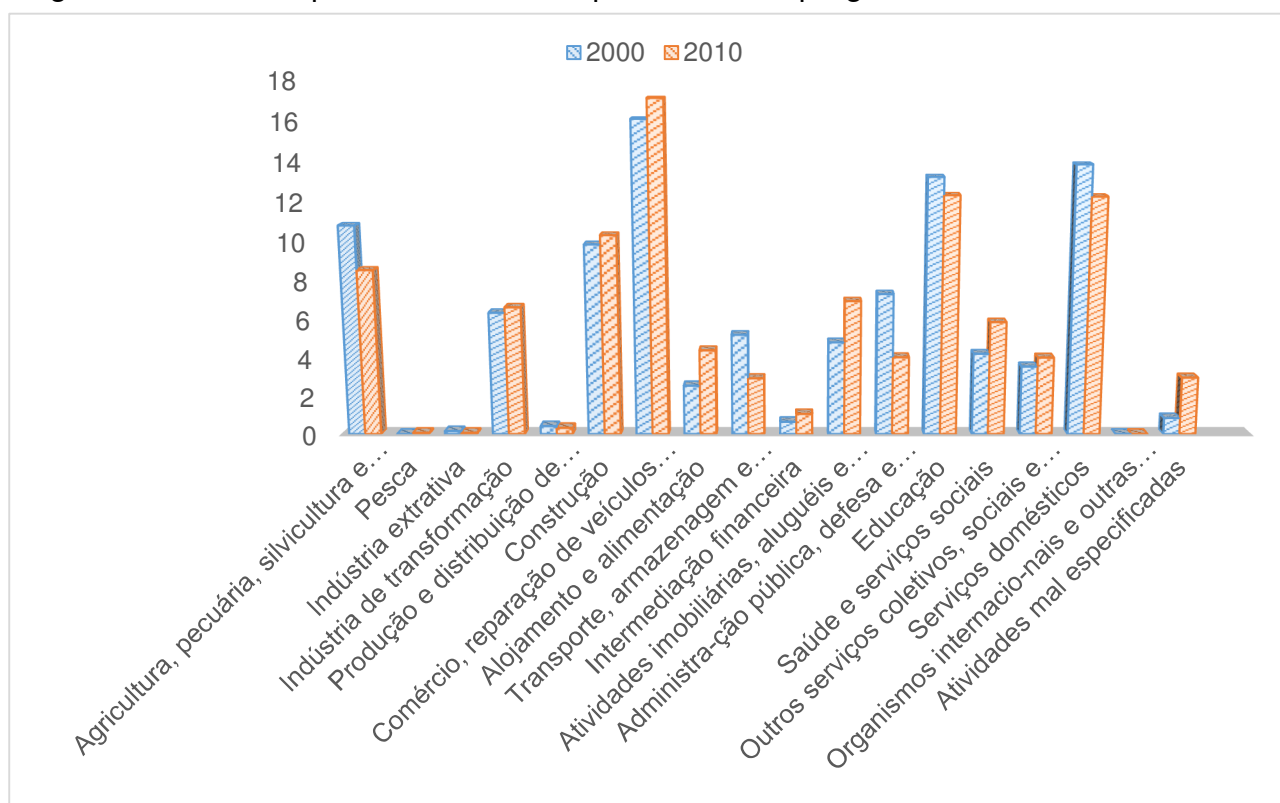


Gráfico 4 - Participação relativa dos setores no PEA

Fonte: IBGE, 2000, 2010

Observando-se o Gráfico 4, nota-se que participação relativa do setor imobiliário teve o maior crescimento, de 4,84 % para 6,96 % seguido de Alojamento e Alimentação, de 2,57 % para 4,43 %. Os setores de Agricultura, Transporte e

Administração Pública tiveram queda significativa em sua participação relativa, assim como dos Serviços Domésticos e da própria educação.

Pode-se notar que a PEA se concentra também nos setores de serviço, e a agricultura apesar de algum crescimento perde de forma significativa sua importância no município. Dentre os setores de serviço, o que mais gera centralidade no entanto é a educação, notadamente superior como veremos a seguir.

Antes de adentrarmos no nosso principal foco de pesquisa, que é o ensino superior, vale a pena destacar algumas outras formas de ensino que tem alguma inserção a nível regional, não necessariamente refletindo em aumento direto de população ou da centralidade de Viçosa. São esses o Colégio Equipe que oferece ensino da pré-escola ao pré-vestibular, que divide sua infraestrutura com a FDV e além disso tem filiais em várias capitais sub-regionais, sendo essas Ponte Nova, Rio Casca, Cataguases, Carangola, Muriaé, Leopoldina, Tocantins e Visconde do Rio Branco tendo expandido sua rede mais recentemente para Juiz de Fora. A escola técnica EVATA, que abriu nos últimos dois anos uma filial em Ubá. Ambos em suas unidades locais tem capacidade de atração limitada à região de influência imediata do município. Outra instituição digna de nota é o CPT, Centro de Produções Técnicas, que desde de 1985 vende vídeos instrucionais, ensino a distância e anuncia ter certificado 1,4 milhões de alunos. A infraestrutura do CPT é majoritariamente sediada no município, o que inclui uma editora, *call center*, universidade on-line entre outros.

4.1.1 A centralidade promovida pelo ensino superior

O ensino superior do município é representado no momento por três instituições, a UFV, a FDV e a UNIVIÇOSA, uma vez que essa última se fundiu com a ESUV no ano de 2012. Tendo colocado isso, foram sistematizados alguns dados sobre as referidas instituições afim de caracterizá-las.

A UFV conta com três campi, Viçosa, Florestal e Rio Paranaíba, sendo a abertura do último reflexo direto do REUNI. Conta também com dois escritórios, um localizado em Belo Horizonte e outro em Brasília além de uma fazenda experimental em Capinópolis. A ligação com a capital mineira é histórica uma vez que anteriormente a instituição foi estadual, até 1969, e no presente momento ela se configura como a cidade primaz da hierarquia urbana mineira, e onde se encontram inúmeros interesses como a presença do aeroporto internacional mais próximo e da UFMG, a maior

instituição do estado. As demandas de deslocamento são tantas que a UFV conta com uma van diária de ida e volta para o referido escritório. A FDV e a Univiçosa contam somente com os campi local, sem outras estruturas externas.

As vagas oferecidas pelas três instituições atualmente são:

Tabela 3 - Relação de cursos de graduação e número de vagas oferecidas anualmente por instituição

Universidade Federal de Viçosa	
Administração	60
Agronomia	210
Arquitetura e Urbanismo	40
Bioquímica	40
Ciência da Computação	40
Ciência e Tecnologia em Laticínios	30
Ciências Biológicas	50
Ciências Contábeis	40
Ciências Econômicas	40
Ciências Sociais	50
Jornalismo	50
Cooperativismo	40
Dança	20
Direito	60
Economia Doméstica	60
Educação Física	70
História	50
Enfermagem	60
Engenharia Agrícola e Ambiental	40
Engenharia Ambiental	40
Engenharia Civil	60
Engenharia de Agrimensura e Cartografia	40
Engenharia de Alimentos	60
Engenharia de Produção	40
Engenharia Elétrica	40
Engenharia Florestal	60
Engenharia Mecânica	40
Engenharia Química	40
Física	40
Geografia	50
Gestão Ambiental	50
História	50
Matemática	45
Medicina Veterinária	60
Medicina	50

Nutrição	50
Pedagogia	60
Química	60
Secretariado Executivo Trilíngue	25
Zootecnia	80
Total da instituição	2090
Univçosa / ESUV	
Administração	60
Enfermagem	40
Engenharia Ambiental	100
Engenharia Civil	200
Engenharia Química	100
Farmácia	100
Fisioterapia	40
Medicina Veterinária	100
Nutrição	50
Psicologia	100
Ciências Contábeis	100
Serviço Social	50
Direito	144
Desenvolvimento Web	50
Gestão Ambiental	50
Gestão de Empresas	50
Redes de Computadores	50
Total da instituição	1384
Faculdade de Viçosa	
Engenharia Ambiental	100
Engenharia de Produção	100
Comunicação Social	100
Educação Física	100
Administração	100
Pedagogia	100
Sistemas de Informação	100
Total da instituição	700
Total geral	4174

Fonte: Pró Reitoria de Ensino - UFV, Manual do Candidato Univçosa e FDV

Como podemos notar, a UFV é responsável por oferecer quase metade das vagas, que são na sua totalidade ou quase, ocupadas, uma vez que a instituição além de ser gratuita facilita através de uma forte política de assistência estudantil a fixação dos estudantes até mesmo de baixa renda.

As faculdades particulares oferecem um maior número de vagas por curso, somando-se as duas entradas anuais. Essas vagas não vão ser necessariamente

todas preenchidas uma vez que estas instituições não oferecem as facilidades de fixação para os estudantes como moradia, alimentação e serviço de saúde, além é claro de cobrarem mensalidades.

Nota-se também na Tabela 2 que na UFV, como se coloca historicamente, uma forte presença dos cursos relacionados à Ciências Agrárias, Agronomia, Zootecnia, Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola e Medicina Veterinária. Já houve até uma tentativa de instalar um curso de Gestão do Agronegócio, que acabou por se tornar uma área de ênfase na Economia. A ênfase em Ciências Agrárias e Biológicas pode ser vista no oferecimento dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, descritos na Tabela 3.

Tabela 4 - Lista dos cursos de pós-graduação oferecidos por instituição

Universidade Federal de Viçosa (<i>stricto sensu</i>)
Administração (Mestrado)
Agroecologia (Mestrado)
Agroquímica (Mestrado e Doutorado)
Arquitetura e Urbanismo (Mestrado)
Biologia Animal (Mestrado)
Biologia Celular e Estrutural (Mestrado e Doutorado)
Bioquímica Agrícola (Mestrado e Doutorado)
Botânica (Mestrado e Doutorado)
Ciência da Computação (Mestrado)
Ciência da Nutrição (Mestrado e Doutorado)
Ciência e Tecnologia de Alimentos (Mestrado e Doutorado)
Ciência Florestal (Mestrado e Doutorado)
Defesa Sanitária Vegetal (Mestrado Profissional)
Ecologia (Mestrado e Doutorado)
Economia (Mestrado)
Economia Aplicada (Mestrado e Doutorado)
Economia Doméstica (Mestrado)
Educação (Mestrado)
Educação Física (Mestrado)
Engenharia Agrícola (Mestrado e Doutorado)
Engenharia Civil (Mestrado e Doutorado)
Entomologia (Mestrado e Doutorado)
Estatística Aplicada e Biometria (Mestrado e Doutorado)
Extensão Rural (Mestrado e Doutorado)
Física Aplicada (Mestrado e Doutorado)
Fisiologia Vegetal (Mestrado e Doutorado)
Fitopatologia (Mestrado e Doutorado)
Fitotecnia (Mestrado e Doutorado)

Genética e Melhoramento (Mestrado e Doutorado)
 Genética e Melhoramento (Mestrado e Doutorado)
 Letras (Mestrado)
 Matemática em Rede Nacional (Profissional)
 Matemática (Mestrado)
 Medicina Veterinária (Mestrado e Doutorado)
 Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física
 Meteorologia Agrícola (Mestrado e Doutorado)
 Microbiologia Agrícola (Mestrado e Doutorado)
 Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania (Mestrado Profissional)
 Solos e Nutrição de Plantas (Mestrado e Doutorado)
 Tecnologia e Celulose de Papel (Mestrado Profissional)
 Zootecnia (Mestrado Profissional)
 Zootecnia (Mestrado e Doutorado)

Universidade Federal de Viçosa (*lato sensu*)

Controladoria e Finanças
 Desenvolvimento de Sistemas para a Internet
 Futebol
 Engenharia de Segurança do Trabalho
 Gestão da Produção
 Gestão Empresarial e Ambiental
 Tecnologia de Celulose e Papel
 Residência em Medicina Veterinária

Univiciosa (*lato sensu*)

Gestão de Negócio
 Gestão Estratégica de Pessoas
 Gestão e Análise Ambiental
 Gestão de Saúde Pública e Hospitalar
 Produção e Reprodução de Bovinos
 Clínica e Cirurgia em Pequenos Animais
 Administração de Banco de Dados
 Direito do Trabalho e Previdenciário
 Direito e Gestão Pública

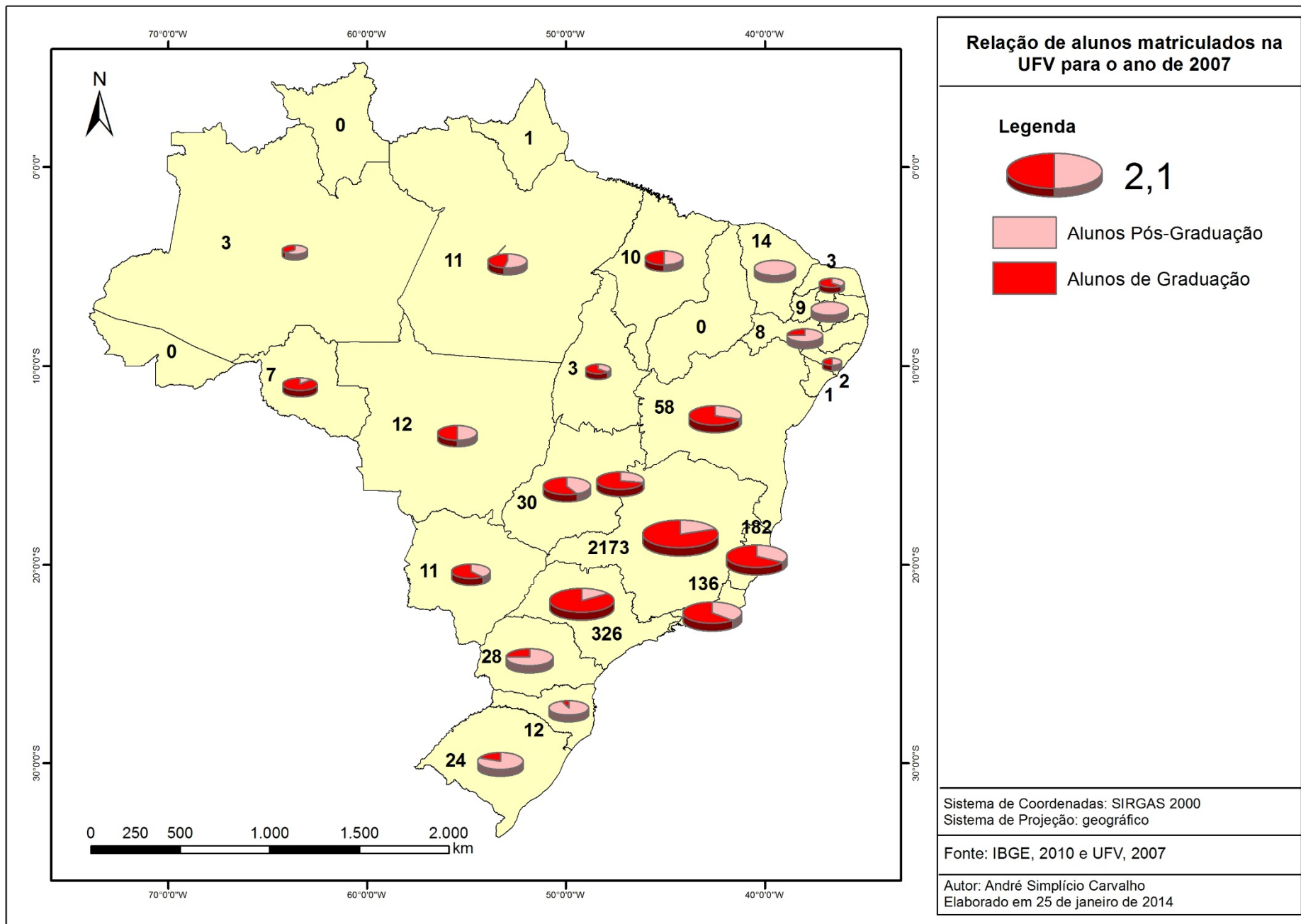
Fonte: Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação UFV, www.univiciosa.com.br

Na pós-graduação, dentre os 41 cursos oferecidos, 18 estão relacionados com questões do campo; com ênfase em pedologia, fitotecnia, zootecnia e medicina veterinária. Isso irá se refletir imediatamente no tipo de produção científica e tecnológica da cidade.

A UFV também é responsável por ser o maior atrativo da população flutuante, estudantes de graduação e pós-graduação, alguns dos quais estrangeiros. Segundo o Censo Demográfico 2010: educação e deslocamento (IBGE, 2012):

O deslocamento para estudar em outro município está relacionado à desigual distribuição das unidades de ensino no Território Nacional e às grandes concentrações urbanas contíguas existentes nas Regiões Metropolitanas. No âmbito geral, das 59 565 188 pessoas que declararam frequentar escola ou creche, 4 301 914 (7,2%) o faziam em outro município, e 37 059 (0,06%), em país estrangeiro. (p. 81)

Ainda segundo o IBGE (2012, p.82) a maior parte do público que atende pelo deslocamento para estudo se refere à faixa etária entre 15 a 24 anos, majoritariamente para fazer a graduação ou a pós-graduação. Poderemos notar essa forte atração pelos mapas a seguir, todos fixados temporalmente para o ano de 2007, uma vez que foi a data de divulgação do último REGIC (IBGE, 2007).



Mapa 16 - Distribuição espacial dos ingressantes 2007

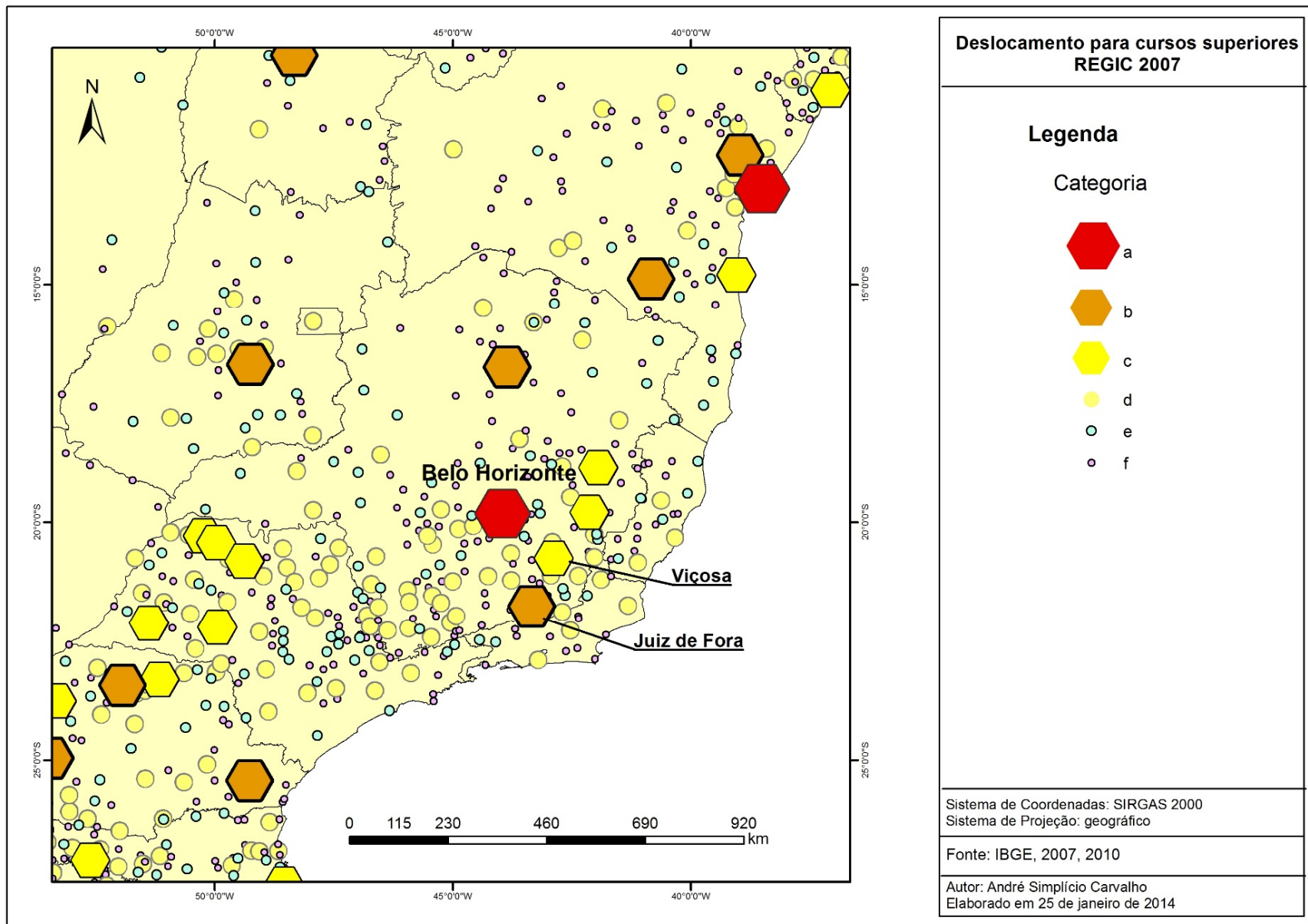
Pelo Mapa 16 podemos notar que o a atração de alunos para UFV é nacional. O maior número de ingressantes no ano de 2007 provém de Minas Gerais e estados fronteiriços, em especial do Sudeste. Os alunos dessa região compõe 91,07% de todos os matriculados, sendo que destes a maioria 70,02 % são mineiros. Minas Gerais é seguido por São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro, com 326, 182 e 136 estudantes respectivamente. Pode-se notar também que os estados mais distantes, além de contribuírem com menos alunos estes são majoritariamente da pós-graduação, haja visto a grande atratividade da mesma em nível nacional como veremos a seguir (Mapa 17).

Ainda segundo os dados fornecidos pela UFV (Anexo III), no nível municipal Viçosa é o município que mais contribuí de forma isolada, com 340 alunos, representando cerca de 13% do total. Em seguida vem Belo Horizonte, com 188, e Ponte Nova, com 103.

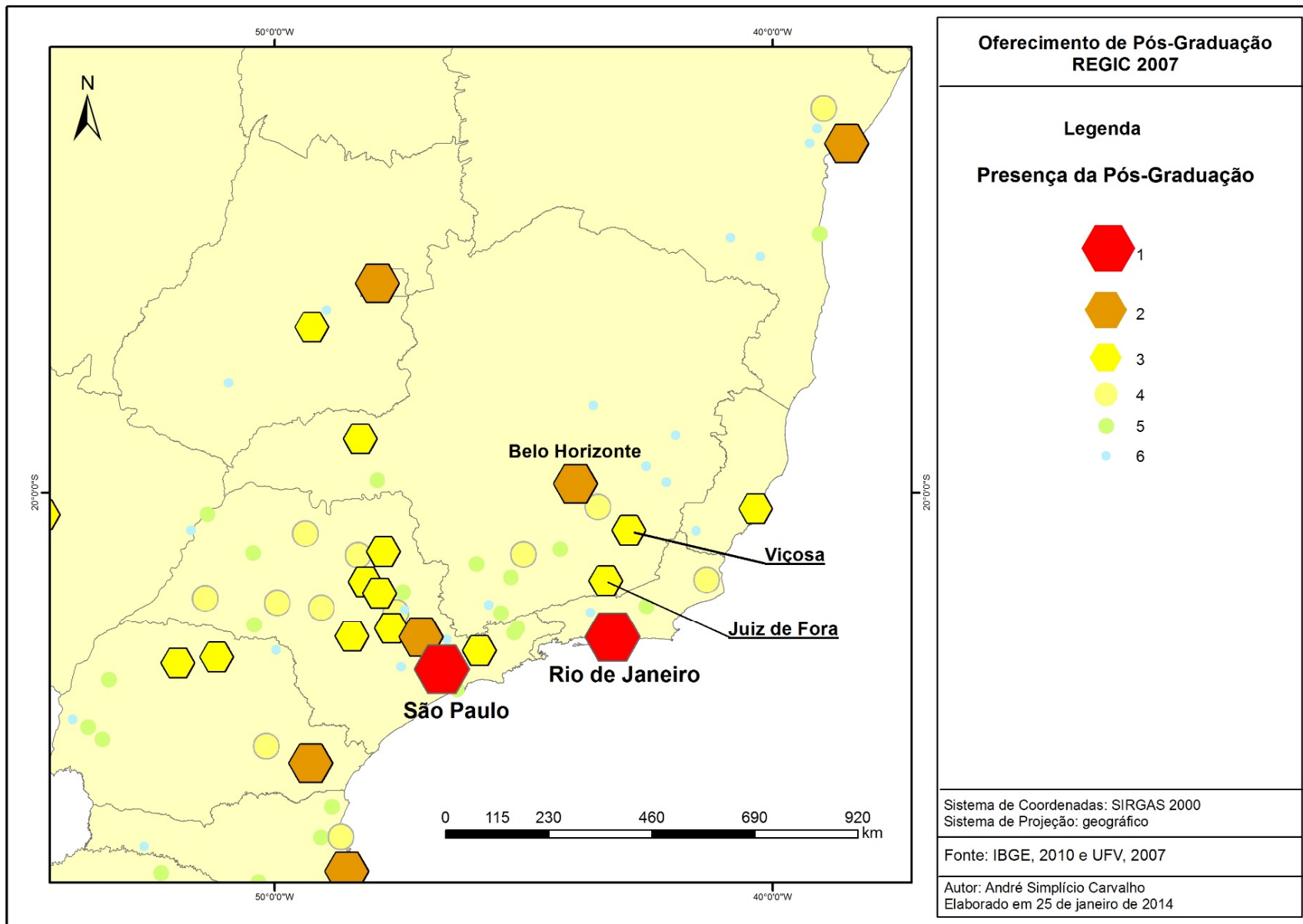
Podemos notar assim que a população nativa da cidade apresenta apenas uma fração do total de alunos matriculados nesse ano específico, o que é uma tendência histórica. Sendo assim a grande maioria dos estudantes vem a compor uma população flutuante, ocupando os alojamentos e se somando a estudantes de outras instituições para ocupar os inúmeros imóveis de aluguel.

As faculdades particulares não puderam contribuir com dados numéricos, somente com entrevistas. Segundo que foi relatado ambas tem a maioria dos alunos originadas do próprio município e entorno, além de atraírem muitos alunos de Ponte Nova e sua respectiva região de influência. Essa afirmação nos diz respeito a um alcance de atração para além da região de influência imediata de Viçosa e por outro lado demonstra a deficiência de Ponte Nova em relação ao quesito do oferecimento de cursos superiores. Essa carência leva a criação de uma forte ligação entre os dois municípios, que pode ser notada pelo intenso tráfego de veículos ao longo da BR-120 coincidindo com os horários de início e término de aulas, especialmente no período noturno.

De forma complementar pode-se observar os resultados do REGIC 2007 (IBGE, 2007) sistematizados nos mapas 17 e 18, que irão demonstrar a centralidade de Viçosa em relação aos demais municípios do país no quesito do ensino superior.



Mapa 17 - Centralidade de cursos superiores 2007



Mapa 18 - Centralidade da pós-graduação 2007

Podemos notar claramente, que nos dois mapas, 17 e 18, que Viçosa se estabelece como um centro de elevada categoria de atração no que diz respeito ao ensino superior. Alcançando as categorias C e 3 de centralidade respectivamente.

No quesito de deslocamento para se cursar o superior, Viçosa (c) fica atrás de Juiz de Fora (b), pois ao se incluir a graduação Viçosa conta com menos vagas, uma vez que a capital regional conta com diversas instituições particulares. De toda forma a atratividade é considerável em nível nacional.

No quesito de pós-graduação ela se encontra no mesmo nível da capital regional, Juiz de Fora, e da capital do Espírito Santo, todas no nível 3. Os cursos mais consolidados em pós-graduação na UFV são aqueles vinculados as ciências agrárias e biológicas e contam com alguns alunos estrangeiros. Para o ano de referência, 2007, foram contabilizados 18 alunos estrangeiros ingressantes, em especial da América Latina (Anexo III).

A atração de inúmeros estudantes para o município acaba por compor uma significativa população flutuante, estimada em 15 mil (CENSUS, 2012), gerando um enorme impacto na cidade. Alguns reflexos característicos são a alta demanda por imóveis de aluguel, entretenimento voltado ao público jovem, entre outros serviços estudante-dedicados, como serviços gráficos, transporte, alimentação, vestuário etc. Toda essa demanda fica basicamente concentrada na área central, em frente ao campus da UFV. Alguns tipos de comércio são tão dependes dessa população que uma greve imprevista pode fazer falir algumas pequenas empresas.

Juntamente e concomitantemente com a atração gerada pelo oferecimento dos serviços de ensino, a produção de ciência e tecnologia tem se destacado nos últimos anos na cidades, como é explicitado a seguir.

4.1.2 A produção da ciência e da tecnologia como fator de centralidade

A produção da ciência e tecnologia concomitantemente à circulação da informação são características marcantes da divisão territorial e intelectual do trabalho do que Santos denomina meio técnico-científico informacional, segundo ele “o trabalho se torna cada vez mais científico em paralelo a uma informatização do território (p. 77)”.

A produção técnico-científica de Minas Gerais é a terceira maior do país, ficando atrás de São Paulo e Rio de Janeiro. Dentro do contexto mineiro a UFV é a

segunda universidade em produção, ficando atrás somente da UFMG, sediada na capital do estado. Isso faz com que Viçosa se torne um dos principais locais no país com condições de gerar inovação.

Segundo o Ministério do Planejamento (BRASIL, 2008, p. 83) Viçosa se caracteriza como uma das 40 microrregiões com o maior Índice de Capacitação Tecnológica Regional (ICTR), ficando em 33ª posição, atrás somente de Belo Horizonte e Uberlândia no contexto mineiro.

Segundo a pesquisa de Pires e Martins (2008), a participação da UFV pode ser vista em sua importância de várias formas, conforme as tabelas, 5,6 e 7, a seguir:

Tabela 5 - Informações sobre grupos de pesquisa por instituição

	Grupos de pesquisa	Linhas de pesquisa	Pesquisadores	Estudantes
CEFET/MG	26	80	147	145
CETEC	13	48	80	8
EPAMIG	17	122	143	46
FUNED	8	38	31	29
UFJF	142	529	848	849
UFLA	67	406	688	864
UFMG	650	2465	4496	4726
UFOP	68	266	393	364
UFSJ	49	193	284	332
UFTM	28	116	173	171
UFU	152	607	924	1327
UFV	203	958	1709	1949
UNIFAL/MG	26	102	141	188
UNIMONTES	17	66	169	92

Fonte: PIRES; MARTINS, 2008

Tabela 6 - Participação relativa das instituições

Instituição	Total de autores artigos científicos	% de de artigos relação total de MG	% de autores de artigos científicos em relação à RMPI
CEFET/MG	213	1,14	1,43
CETEC	62	0,33	0,42
EPAMIG	163	0,87	1,1
FUNED	49	0,26	0,33

UFJF	1249	6,66	8,4
UFLA	1067	5,69	7,17
UFMG	6109	32,6	41,06
UFOP	540	2,88	3,63
UFSJ	411	2,19	2,76
UFTM	247	1,32	1,66
UFU	1819	9,71	12,23
UFV	2509	13,39	16,86
UNIFAL/MG	233	1,24	1,57
UNIMONTES	206	1,1	1,38

Fonte: PIRES; MARTINS, 2008.

Tabela 7 - Produção total de patentes por instituição

Instituição	Patentes
CETEC	36
FUNED	2
UFJF	6
UFLA	11
UFMG	265
UFOP	21
UFU	14
UFV	50
UNIMONTES	3

Fonte: dados coletados durante a VII Encontro da Rede Mineira de Propriedade Intelectual em maio de 2007 (PIRES, MARTINS, 2008, p. 7)

Sendo assim Viçosa compõe um dos Sistemas Nacionais de Inovação no Brasil. Segundo Castro *et al.* (2011, p.101) os sistemas de inovação seriam compostos pela atuação conjunta de universidades, Estado, sistemas financeiros e firmas para compor condições de inovação. Em países em desenvolvimento como o Brasil as instituições tem dificuldade de mobilizar recursos suficientes para desenvolver tecnologia e por outro lado há um baixo investimento em P&D por parte das empresas, dificultando a maturação dos sistemas de inovação, ou como denomina-se na geografia, tecnopólos.

Segundo Rapini (2007 *apud*. CASTRO *et al.*, 2011, p. 102) os principais setores de interação entre universidades e empresas no Brasil são: agricultura e agronomia; mineração e geociências; papel e celulose com engenharia florestal; equipamentos elétricos e eletrônicos com engenharia elétrica; metalurgia e matérias com engenharia metalúrgica; e química e engenharia química.

No Censo de 2008 do Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) do CNPq, dos 232 grupos de pesquisa da UFV, 66 afirmaram ter algum tipo de relacionamento com o setor produtivo, ou seja, aproximadamente 30%, sendo o segundo maior índice de interatividade do estado [...] metade está na grande área de Ciências Agrárias. Mas também há muitos grupos ligados às áreas de Ciências Exatas e da Terra e Ciências Sociais Aplicadas. (CASTRO *et al.*, 2011, p. 103)

Segundo a pesquisa realizada por Castro *et al.* (2011) 31 empresas atribuíram importância aos grupos da UFV no desenvolvimento de suas atividades de pesquisa.

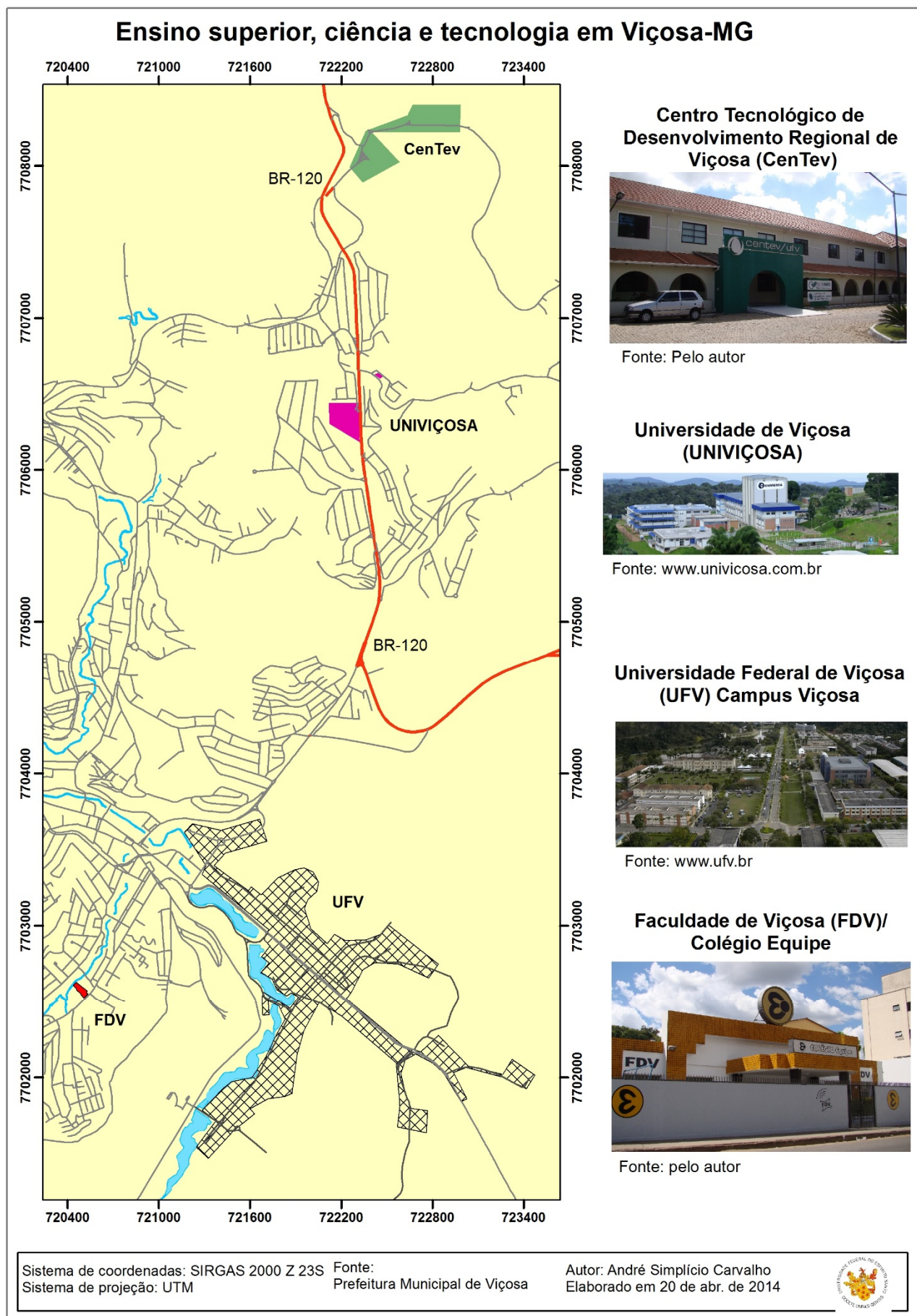
No Censo do DGP 2004, haviam 46 grupos de pesquisa interativos na UFV. Desses 46 grupos, 33 responderam ao *survey* de universidades, sendo que a principal área de concentração era a de Ciências Agrárias, com destaque para os cursos de Agronomia, Medicina Veterinária e Engenharia Florestal.

os principais motivos para a colaboração foram: aumentar a habilidade da empresa para encontrar e absorver informações tecnológicas; buscar conselhos de cunho tecnológico ou consultoria; e transferência de tecnologia da universidade. Estes quesitos foram responsáveis por 74% das respostas. Outros motivos importantes citados por 68% das empresas foram: utilizar os recursos disponíveis nas universidades e laboratórios de pesquisa; e contratar pesquisas complementares às atividades inovativas da firma. (CASTRO, *et al.*, 2011, p. 105)

Esse resultado indica uma relação assimétrica entre a UFV e as empresas, uma vez que estas recorrem à instituição para que esta elabore ou auxilie a elaborar processos e/ou tecnologias. Os grupos de pesquisa, por outro lado, consideram mais importante as relações horizontais com setores de P&D das empresas.

Além da importância das instituições em si é necessário destacar um movimento ainda mais recente em direção à especialização funcional de Viçosa, que foi a criação do Parque Tecnológico (TecnoParq) e da recolocação do CenTev junto a ele em abril de 2011, fora do campus universitário. Esse último movimento completa o mapa dos centros de produção científica de Viçosa representados no Mapa 19.

O CenTev é um órgão da UFV vinculado diretamente à Reitoria, o que lhe garante grande autonomia, sendo composto pelo Parque Tecnológico, pela



Mapa 19 – Locais de ensino superior e produção científica em Viçosa-MG

Incubadora de Empresas de Base Tecnológica (IEBT), pela Central das Empresas Juniores (CEMP) e pelo Núcleo de Desenvolvimento Social e Educacional (Nudese). A função desse órgão é a de atuar em várias frentes como suporte à criação, maturação e proteção de novas tecnologias e empresas de base tecnológica, servindo como incentivo em especial aos *spin-offs* acadêmicos, que são empresas nascentes de iniciativas de pesquisa, ou de grupos de pesquisa, dentro da universidade. Notadamente a incubadora de empresas e o parque tecnológico tem recebido empresas na área de biotecnologia, floresta e tecnologias da informação, seguindo o padrão de produção científica apresentado até aqui. Segundo um dos dirigentes do CenTev, o foco do órgão é atrair setores de P&D de empresas para se sediarem em Viçosa, estabelecendo-se assim um mercado consumidor das tecnologias e também a criação de um ambiente de inovação. Ainda segundo o entrevistado, atualmente o CenTev abriga majoritariamente empresas de iniciativa local com atuação regional, algumas dessas despontando nacionalmente sendo reconhecidas em premiações de diversos tipos.

O estabelecimento do CenTev juntamente com TecnoParq significa a adaptação das funções locais a um novo grau de modernidade. A mudança de uma situação passiva da UFV, como fonte de consulta das empresas, para uma situação ativa, incubadora de empresas e novas tecnologias voltadas ao mercado.

Até o momento descrevemos aqui de forma bastante detalhada as formas da especialização funcional da cidade de Viçosa. Especialização essa que se formou especialmente na última década, destacadamente a partir de 2003, mas ainda cabe uma discussão de caráter hierárquico afim de complementar a noção funcional.

4.2 VIÇOSA COMO CIDADE MÉDIA E CAPITAL SUB-REGIONAL

Como notamos no capítulo anterior, o resultado apresentado pelo REGIC 2007, coloca Viçosa como Capital Sub-Regional B, imediatamente submetida à Ponte Nova, Capital Sub-Regional A. Essa submissão hierárquica à Ponte Nova torna questionável interpretar Viçosa como uma cidade média e como uma capital regional, ou sub-regional, relevante com as características apresentadas no Capítulo 2.

Tendo em vista o histórico de não hierarquização entre as duas cidades nos estudos apresentados no Capítulo 3 (IBGE, 1972, 1987 e 2000), assim como o aumento na área de influência da cidade apresentou no REGIC 2007 (IBGE, 2007) e

as informações mostradas na seção anterior que revelam claramente que em relação ao ensino superior, quesito importante na classificação hierárquica, Ponte Nova é superada e é dependente de Viçosa; levam a questionar a posição hierárquica inferior de Viçosa em relação à Ponte Nova. Diante desse questionamento percorreram-se outros trabalhos produzidos no mesmo período do REGIC 2007 que chegaram a resultados diversos.

O trabalho de Amorim Filho *et al.* (2007), que aponta o nível hierárquico das cidades médias mineiras tendo o ano de 2006 como referência, coloca Viçosa no mesmo patamar que Ubá e Ponte Nova, como “Cidade Média Propriamente Dita” caracterizada da seguinte forma:

Em suas relações externas, as cidades incluídas no grupo das médias (propriamente ditas) são caracterizadas por certos aspectos bem peculiares. De um lado, tendo em vista seu nível atual de desenvolvimento econômico, sua posição geográfica sempre nos eixos ou entroncamentos principais das vias de comunicação, essas cidades mantêm relações importantes com centros maiores (...). De outro lado, essas cidades médias continuam a manter relações intensas, constantes e diretas com as cidades menores e com o espaço microrregional a elas ligado. É essa função de ligação entre o espaço rural e as pequenas cidades microrregionais, de uma parte, e os centros urbanos mais importantes, de outra, que constitui a própria essência dessa noção de cidade média, tão bem identificada nesse grupo de cidades... (AMORIM FILHO; TAITSON BUENO; ABREU, 1982, p. 43 *apud* AMORIM FILHO *et al.* 2007, p. 9)

Assim Viçosa se encaixa nesses quesitos uma vez que se colocada no eixo da BR-120, apresenta uma forte interação microrregional e estabelece ligação direta com Belo Horizonte, no topo da rede urbana mineira.

Pode-se notar primazia de Viçosa em relação à sua microrregião, econômica e demograficamente, nos gráficos apresentados a seguir.

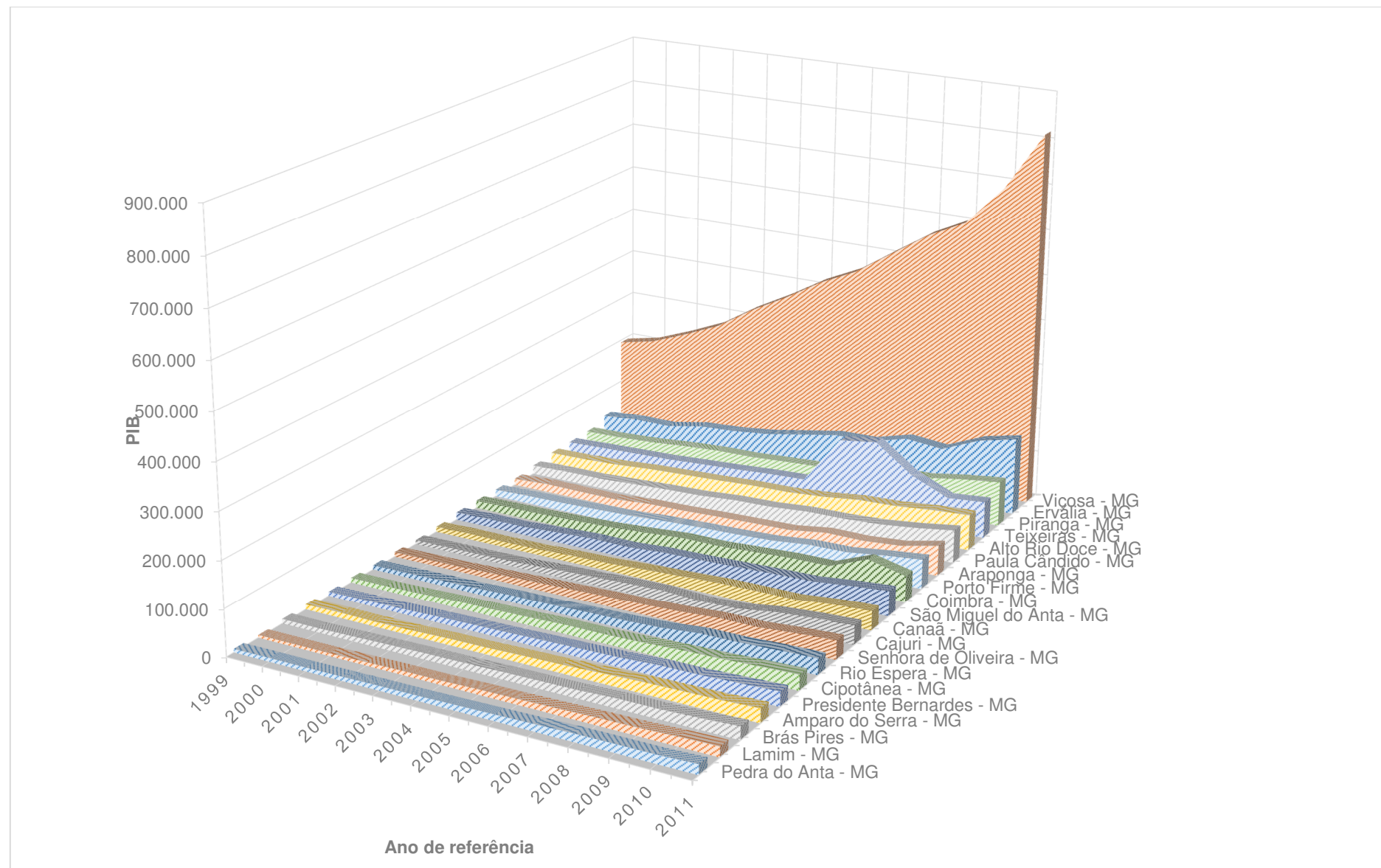


Gráfico 5 - PIBs dos municípios da Microrregião de Viçosa

Fonte: IBGE, vários anos

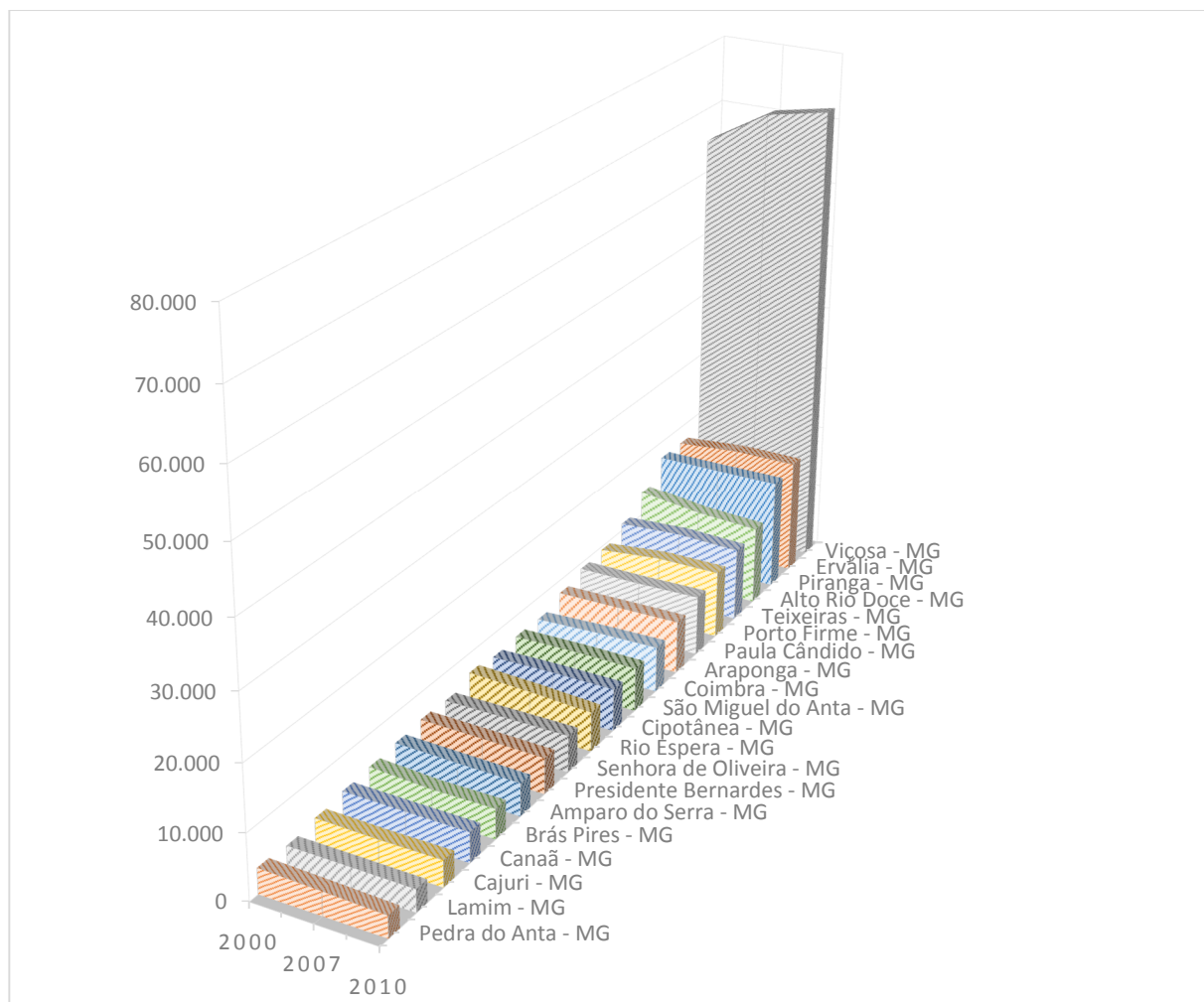


Gráfico 6 - Populações residentes nos municípios da Microrregião de Viçosa
 Fonte: IBGE, 2000, 2010

Os trabalhos de Nogueira e Garcia (2007) e Castello Branco (2007), também tem concordância quanto a hierarquização da cidade de Viçosa como média e em um mesmo patamar que as capitais sub-regionais vizinhas.

Nogueira e Garcia (2007) fazem uso do indicador chamado Índice de Terceirização Ajustado, que representa “a força do setor terciário” (p. 65) naquela localidade. Através desse método os autores apontam no território nacional as cidades médias, colocando-as em um mesmo nível hierárquico. Já Castello Branco (2007) faz uso de uma série de indicadores para pontuar as cidades médias no Brasil, classificando Ubá, Viçosa e Muriaé com 13 pontos, portanto Centro Intermediários de Nível 2 (p. 109-110). Ponte Nova não aparece na listagem anexa ao artigo, provavelmente por algum erro de edição, mas a julgar pela classificação dos centros similares essa se encontraria no mesmo patamar.

Tendo em vista os pontos acima elencados acerca das hierarquizações entre as cidades de Viçosa e Ponte Nova, além do fato de que a metodologia do REGIC 2007 não inclui os elementos flutuantes das populações das cidades, que nesse caso específico também é um elemento relevante, nos levam a crer que o que foi detectado no resultado do REGIC 2007 não foi uma relação de submissão, mas sim uma forte relação horizontal entre as duas cidades com o mesmo patamar hierárquico. Essa conclusão dá a entender que Viçosa apresenta características de uma capital sub-regional submetida hierarquicamente de forma direta à metrópole, Belo Horizonte, e apresenta uma forte sinergia com uma cidade do mesmo nível. Essas duas características são presentes no grupo de cidades compreendidas como médias e/ou intermediárias, mas isoladamente são insuficientes para colocar Viçosa de forma categórica nesse grupo.

Há ainda outras características atribuídas as cidades médias que Viçosa apresenta, especialmente em relação à sua microrregião, como a presença de classes médias intelectualizadas como destaca Sposito (2001) e Santos e Silveira (2001).

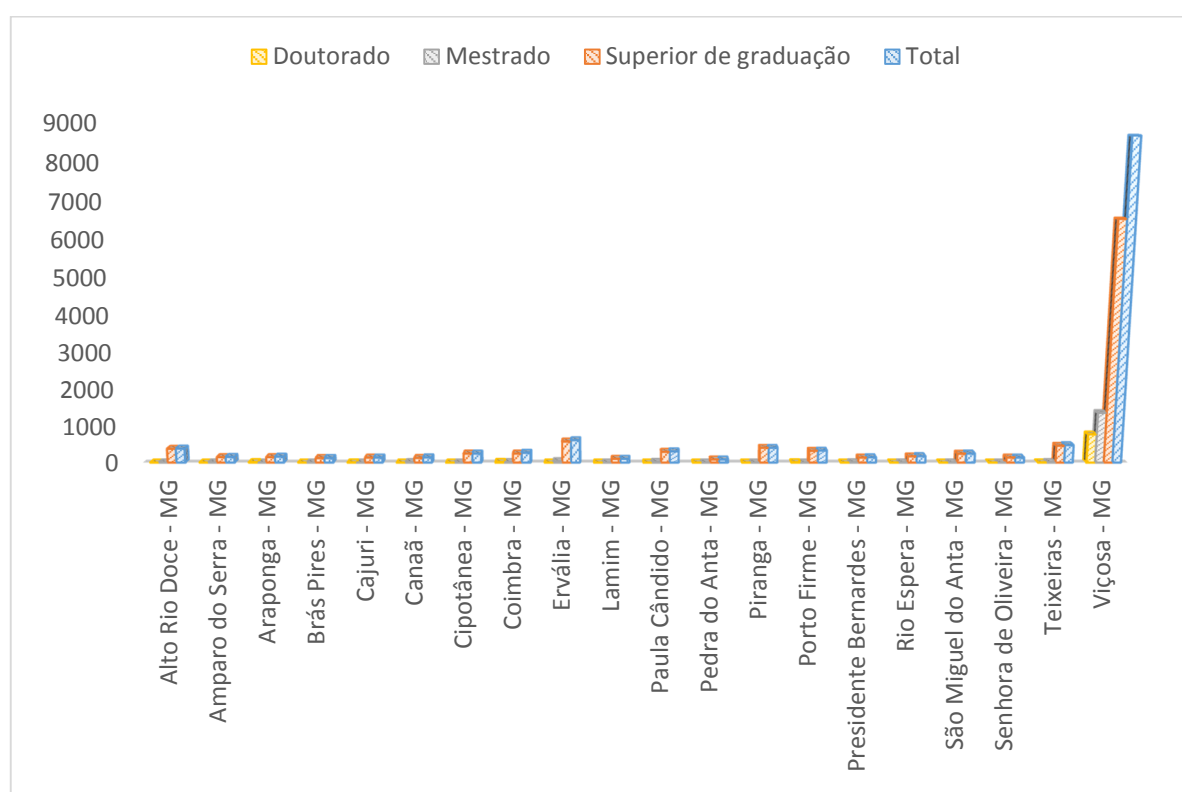


Gráfico 7 - População com ensino superior nos municípios da Microrregião de Viçosa
Fonte: IBGE, 2010

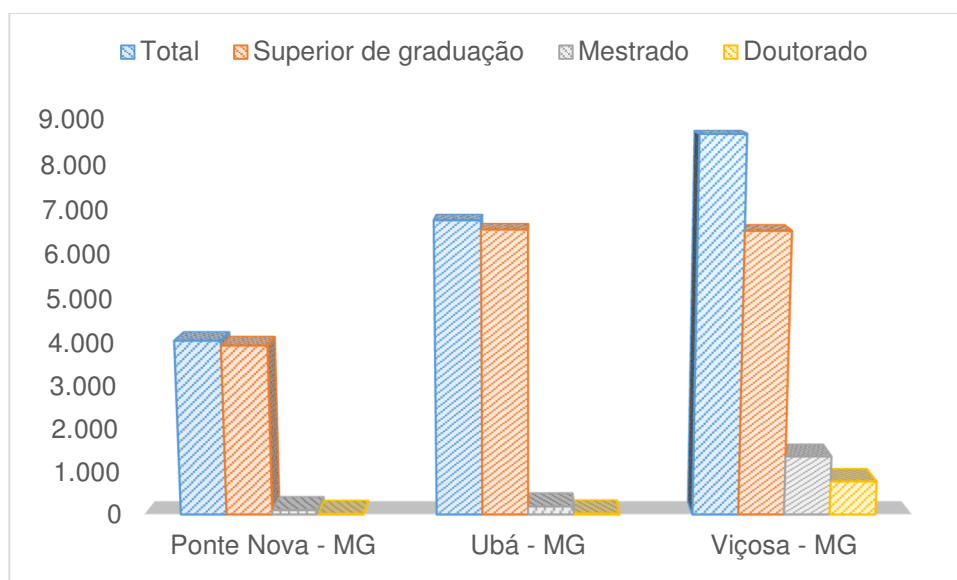


Gráfico 8 - População com ensino superior em capitais microrregionais selecionadas
Fonte: IBGE, 2010

A presença da população com ensino superior em Viçosa é absolutamente desproporcional em relação à sua microrregião (Gráfico 7), mas já com relação as capitais sub-regionais existe uma outra relação (Gráfico 8). Viçosa conta com quase o mesmo número de graduados que Ubá, que tem uma população absoluta na faixa dos 100 mil habitantes, o que denota uma porcentagem maior da presença dos graduados. A presença de mestres e doutores tem relação direta com a presença do ensino superior, do qual Ponte Nova e Ubá contam com muito menos vagas.

A presença dessas classes médias intelectualizadas e normalmente bem remuneradas beneficia as cidades médias, pois esse grupo gera uma série de novas demandas de produtos e serviços locais, injetando dinheiro na economia.

Outra característica marcante das cidades médias é uma situação de qualidade de vida elevada, que pode ser parcialmente detectada pela Tabela 8.

Tabela 8 - índice FIRJAN de desenvolvimento municipal							
Ranking IFDM		UF	Ranking IFDM Ano Base 2010	IFDM	Emprego & Renda	Educação	Saúde
Nacional	Estadual						
56º	4º	MG	Belo Horizonte	0,8756	0,9101	0,8395	0,8773
197º	14º	MG	Viçosa	0,8297	0,8729	0,8480	0,7683
233º	20º	MG	Ubá	0,8197	0,7270	0,8469	0,8853
500º	48º	MG	Muriae	0,7798	0,6195	0,8596	0,8603
767º	74º	MG	Ponte Nova	0,7544	0,6164	0,8162	0,8307

Fonte: FIRJAN, 2010

Nota-se na Tabela 8 a boa posição relativa de Viçosa em relação à Belo Horizonte e também uma distância considerável das capitais microrregionais no entorno.

O padrão de urbanização que se processou no Brasil, nos últimos trinta anos, foi marcado por um crescimento rápido, amplo e concentrado da população, contribuindo de um lado, para a emergência de grandes metrópoles, e, de outro, para a expansão de uma diversificada rede urbana nacional, com o crescimento acelerado de capitais regionais e sub-regionais. (BAENINGER, p. 271)

A cidade de Viçosa é uma dessas dezenas de capitais sub-regionais que se viu extremamente modificada ao longo do tempo, especialmente nos últimos trinta anos, modificando sua centralidade ao longo de 80 anos. A cidade deixa de ser mais uma cidade produtora de café, uma cidade-ferrovia, para se tornar uma cidade universitária. O estabelecimento do meio técnico-científico informacional possibilitou que as funções urbanas semeadas por Arthur Bernardes florescessem e se consolidassem, assim como se consolidou a centralidade de Viçosa na rede urbana, que pode agora ser considerada uma cidade média caracterizada pela especialização funcional. Entendemos que Viçosa só pode ser considerada de fato média nesse momento da rede urbana brasileira, pois ela não foi industrial antes de ser científica-informacional, nesse momento pela qual passa a rede urbana onde os serviços tem pesado cada vez mais na consideração da centralidade e onde a produção do conhecimento e a circulação da informação se tornam dados cada vez mais relevantes na compreensão da configuração territorial.

Segundo Scott (2012), os seguimentos de alta tecnologia industrial, serviços avançados e de produtos híbridos cultural-cum-utilitarista estão cada vez mais pesando na centralidade das grandes metrópoles, das cidades-regiões, e vemos assim como aconteceu anteriormente, essas características das grandes cidades aparecendo em outra escala, nas cidades médias, o que tenderá a privilegiar os centros mais preparados para essa nova fase da produção cognitiva-cultural.

Ao mesmo tempo Castillo (2001) e Corrêa (2001) enfatizam o papel explicativo das especializações funcionais no território.

As dimensões organizacional e institucional atuam conjuntamente na constituição e fragmentação das cidades. A especialização dos lugares nunca esteve tão em voga no mundo de hoje, ameaçado pelo aprofundamento da divisão socioterritorial do trabalho, pelos imperativos dos vetores externos, pelo fluxo incessante de informações que circulam num espaço reticular o qual pela sua própria natureza, conecta e exclui ao mesmo tempo. (CASTILLO, 2001, p. 185)

Especializações produtivas emergiram, conferindo às cidades funções especializadas, muitas das quais melhor definem as cidades. Essas especializações produtivas i produção de calçados, papel, confecções, máquinas agrícolas, móveis, aço ou uma função portuária, universitária ou de centro religioso entre outras – fortaleceram a diferenciação entre cidades, tornando a rede urbana mais complexa em termos funcionais. (CORRÊA, 2001, p. 365)

Além da importância das funções especializadas, Trindade Jr. e Pereira (2007, p. 316) destacam a importância do oferecimento de serviços e da distribuição de produtos aos pequenos centros no entorno imediato da cidade média, fazendo com que a PEA se concentre nesses setores, tal qual ocorre em Viçosa.

Fazemos assim o entendimento que Viçosa, se coloca na atualidade como caracterizada como uma cidade média, em seu sentido abrangente, hierarquicamente colocada na posição de capital sub-regional submetida diretamente à Belo Horizonte, caracterizada pela especialização funcional no oferecimento de ensino superior e na produção de ciência e tecnologia.

4.2.1 Limites da centralidade

Antes de irmos para as últimas considerações, devemos passar ainda sobre dois pontos que podemos considerar como limites à expansão da área de influência de Viçosa. A primeira diz respeito à centralidade em si da cidade, que apesar de ser puxada pelas UFV em primeiro lugar, e pelas demais instituições de ensino em segundo lugar, há limitações dadas pelo próprio espaço intraurbano da cidade. Segundo Gonçalves (2006), ao discutir a relação entre estrutura urbana e atividades de inovação, as cidades menores tendem a limitar o desenvolvimento tecnológico, por entre outros fatores, uma infraestrutura deficitária, uma alta concentração empresarial, um ambiente pouco favorável à inovação.

Em síntese, elas não possuem economias de urbanização na escala requerida para gerar inovações, seja porque os indivíduos empreendedores e criativos precisam de ambientes densos em que haja fertilização cruzada ou porque as empresas inovadoras também possuem requisitos locais que as conduzem para sítios mais favoráveis. (GONÇALVES, 2006, p. 499)

Acrescentamos ai um fator cultural, relatado pelo dirigente do CenTev-UFV, que é timidez dos empresários locais em dividir informações sobre seus

empreendimentos de forma a prejudicar possíveis sinergias, algo que não ocorre em outros locais no país com condições semelhantes. O sinecismo, como coloca Soja (2000) se torna mais difícil, não apenas pela ausência de ambientes inovadores, mas também por questões inerentes aos indivíduos.

O outro fator que pesa para a expansão das articulações em rede da cidade, tem a ver com os limites naturais e de fluidez das vias colocados no território. A região de influência do município tem como limite histórico a Serra de São Geraldo ao sul. Essa serra que limita os municípios de Coimbra e São Geraldo, por onde passa a BR-120 (Figura 23 e 26), historicamente apresenta problemas de fluidez, primeiramente para instalação da ferrovia e depois, após a construção e asfaltamento da rodovia, por muitas décadas ela se tornava extremamente difícil de transitar em épocas de chuva, devido as suas características geomorfológicas que geravam repetidos escorrimientos sobre pista, ou sob a pista. Esse fato parece ter se resolvido diante elaboradas obras de contenção em 2010, no entanto ainda é um trecho desprovido da terceira faixa para subida, que somada as inúmeras curvas fechadas, torna a fluidez ainda um pouco prejudicada.



Figura 23 - Serra de São Geraldo
Fonte: pelo autor

Ao sudoeste, o outro problema encontrado é a ligação com a cidade de Muriaé, pela MG-356. Essa rodovia, além de não contar com acostamento, tem três trechos de interrupção. Onde deveriam haver pontes ou obras mais elaboradas para superar as dificuldades do terreno, há desvio para antigas estradas rurais (Figuras 24 e 25).



Figura 24 - Ausência de ponte MG-356
Fonte: pelo autor



Figura 25 - Desvio na MG-356 próximo à Ervália
Fonte: Google Earth, 2011

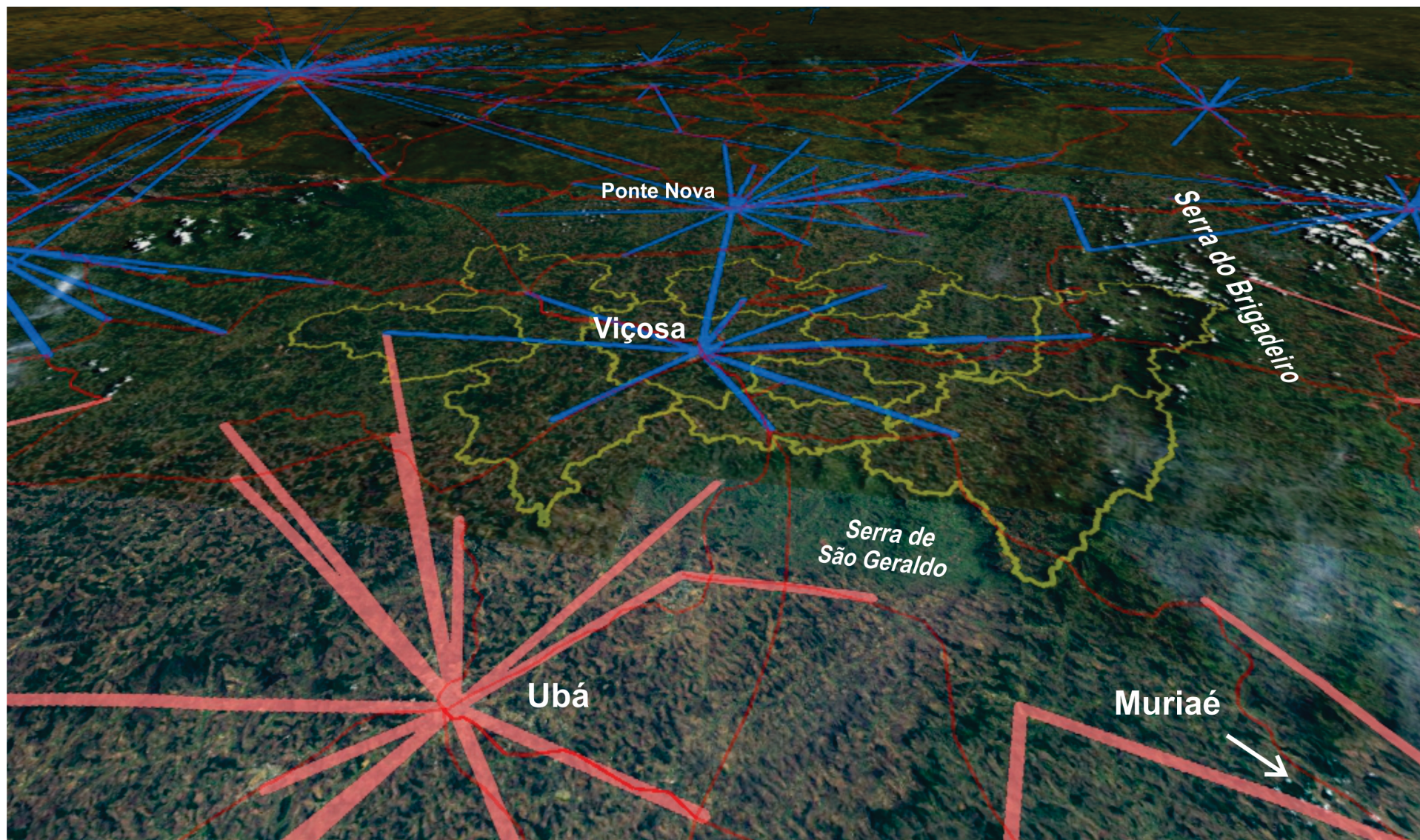


Figura 26 - Limites de expansão da Região de Influência de Viçosa
Fonte: Arc Globe; IBGE, 2007.

Sem dúvida essa falha de comunicação por terra com Muriaé dificulta relações mais intensas entre os municípios.

O outro limite natural colocado a leste da região de influência é a Serra do Brigadeiro (Figura 26). Essa serra é um limite mais permanente, uma vez que na década de 80 foi instituída em sua extensão um parque estadual que leva o mesmo nome. A passagem do município de Araponga até o outro lado do parque é extremamente precária, de terra sem qualquer regularidade no terreno. O parque no entanto tem servido de diversas formas aos habitantes da região e aos pesquisadores e alunos da universidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse trabalho objetivamos tratar da forma mais abrangente possível os temas propostos fornecendo ao leitor o máximo de informações escritas e visuais sobre cada tema, propondo uma sistematização semelhante a trabalhos da mesma natureza.

A revisão de literatura apresentada procurou aglutinar o máximo possível de referências pertinentes a cada tema, almejando sempre mostrar aspectos consolidados e outros mais recentes em relação ao estudo das redes urbanas e das cidades médias. Apesar da Teoria dos Lugares Centrais já ter 80 anos de existência muito ainda tem de ser feito para mantê-la atualizada, uma vez que o processo de urbanização mudou em quantidade e qualidade. Mudou de forma quantitativa com relação ao crescente número de habitantes no mundo e no Brasil que participam do fenômeno urbano; conseqüentemente teve aumento em todos os aspectos possíveis, como a concentração de riquezas, recursos, produtos etc. e mudou de forma qualitativa, em muitos aspectos, como em sua relação com o campo, a forma de relação entre as cidades dadas por uma nova condição técnica e econômica, a forma do Estado e das empresas intervirem sobre a rede urbana. Notou-se ao longo da revisão de literatura uma carência de teorização sobre as redes urbanas que levem em conta os novos fenômenos técnicos, como a internet e o peso das produções cognitivas-culturais. Os meios de produção e comunicação menos materializados necessitam de novos indicadores mais adequados, o que se configura como desafio a sistematização geográfica.

A temática das cidades médias conta atualmente com inúmeros artigos, esforços de sistematização e estudos de caso, mas ainda carece de uma obra de referência, capaz de decantar o conhecimento produzido até o momento em um grande esforço teórico. Os artigos de revisão sobre o assunto acabam por se repetirem em alguns temas, como a questão demográfica entre outros, mas vão cada vez mais abandonando a herança do planejamento territorial para se elevar a um novo nível de abstração e teorização.

Procurou-se ao longo do Capítulo 3 explicitar o peso da herança territorial sobre a conformação do espaço urbano de Viçosa, tangenciando de forma inevitável a formação territorial da Zona da Mata, e relacionar a conformação desse espaço urbano com a projeção da cidade na rede urbana mineira. Pode-se notar assim que a cidade apresenta algumas características singulares. A primeira diz respeito a sua vinculação entre Vila Rica (Ouro Preto) entre 1745-1850, depois ao Rio de Janeiro entre 1851-1973 e por fim à Belo Horizonte, de 1973 até a atualidade. Durante todo o período estudado pode-se dizer que a cidade apresentou dois ápices de centralidade, ou de importância. O primeiro foi entre 1895 e 1930, tendo como marcos técnicos a chegada da Estrada de Ferro Leopoldina e a instalação da Companhia Progresso Fabril, tendo seu fim com a derrocada política de Arthur Bernardes e da economia cafeeira. O segundo ápice de centralidade é mais atual, ele se dá a partir de 2008, tendo com o marco técnico a chegada da internet de banda larga e a expansão do ensino superior.

Pode-se notar que cada momento de ascendência de Viçosa na hierarquia urbana levou a um novo rearranjo do espaço urbano, com mais expansão horizontal, vertical e mais adensamento das áreas já urbanizadas. Cada uma dessas fases apresentou marcos urbanos pontuais, como a estação ferroviária, a estação rodoviária e o CenTev.

No Capítulo 4 fizemos o esforço de compreender e sintetizar as formas, os indicadores de como se dá a centralidade da cidade de Viçosa, e esses indicadores nos levaram a crer na configuração de uma especialização funcional capitaneada pela UFV. Essa forma de especialização funcional, vinculada ao ensino superior e à produção de ciência e tecnologia só pode ser detectada através dos indicadores que apareceram como adequados durante a pesquisa, que é a presença das populações de nível superior, a atratividade dos cursos de graduação e pós-graduação, os indicadores de produção acadêmica científica além da presença física

de instituições e ambientes dedicados, como as faculdades, universidades e o CenTev.

Somamos a noção de especialização funcional alguns aspectos usados para definir as cidades médias e podemos notar que Viçosa apresenta algumas importantes características presentes nesse grupo de cidades. Dito isso, convém deixarmos claro que a cidade de Viçosa dentre as médias é uma que apresenta pouca complexidade, tendo como contraexemplo Juiz de Fora, Uberlândia, Montes Claros; mas que se insere na rede urbana com peso devido a essa especialização funcional que extrapola sua importância para além da região do entorno imediato. A especialização é condição atual da centralidade da cidade, que pode vir ou não a se modificar no decorrer do tempo.

A possibilidade dessa especialização se perpetuar e se fortalecer depende em muito da superação de problemas de conectividade da cidade, com relação ao seu entorno imediato e também com relação ao resto território através de conexões aéreas e virtuais. Assim como a superação dos entraves fornecidos pela precariedade do espaço urbano e pelos hábitos culturais que inibem o ambiente inovador. São necessárias mudanças na escala local que acompanhem certas mudanças na escala nacional, como a modernização das telecomunicações e a difusão do acesso ao transporte aéreo.

A forma que se dará a centralidade da cidade de Viçosa no futuro depende em muito da atuação dos atores locais, das elites e da PMV. As escolhas feitas por essas duas forças, elites e Estado, são capazes de dar a cara da centralidade da cidade. Se serão feitos empreendimentos no sentido da especialização funcional, reforçando o ambiente universitário ou se serão dadas outras alternativas como uma industrialização de baixo impacto intensiva em tecnologia, conformando aí um tecnopolo, ou ainda se tomarão decisões em outras direções como uma industrialização voltada ao setor alimentício, um reforço da prestação de serviços etc.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS, Ana Fani. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. p. 199- 322. São Paulo: Edusp, 1994.

AB'SÁBER, A.N. **Os domínios da natureza do Brasil**: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê, 2003.

ALENCAR, Alexandre de. **Nos alvares da história de Viçosa**. 1989.

ALMEIDA, Roberto Schmidt. O pensamento geográfico do IBGE no contexto do planejamento estatal brasileiro. In: MARTINS, R. A.; MARTINS, L. A. C. P.; SILVA, C. C.; FERREIRA, J. M. H. (eds.). **Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro**. P. 410 – 415. Campinas: AFHIC, 2004.

AMORIM FILHO, O. B. Origens, evolução e perspectiva dos estudos sobre as cidades médias. In: Sposito, M.E.B. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

AMORIM FILHO, O. B.; RIGOTTI, J. I. R.; CAMPOS, J. Os níveis hierárquicos das cidades médias de Minas Gerais. **Revista Ra'e Ga – Espaço Geográfico em Análise**, Curitiba, n. 13, p. 7-18, 2002.

AMORIM FILHO, O. B.; SERRA, R. V. Evolução e perspectiva das cidades médias no planejamento urbano e regional. p. 1 – 34. In: **ANDRADE, T.A.; SERRA, R.V. (Org.). Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ANDRADE, T. A. Descentralización de las grandes ciudades hacia las ciudades medias y pequeñas: una visión crítica. **Revista latinoamericana de estudios urbanos-regionales** (EURE). V. 11, n.32, p. 57-68 . Santiago: 1984

ANDRADE, Thompson Almeida; LODDER, Celsius A. **Sistema urbano e cidades médias no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

ANDRADE, T.A.; SERRA, R.V. (Org.). **Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

ARAÚJO, Mayara Mychella Sena; MOURA, Rosa; DIAS, Patrícia Chame. Cidades médias: uma categoria em discussão. In: PEREIRA, Rafael Henrique Moraes; FURTADO, Bernardo Alves. **Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces**. Brasília: IPEA, 2011.

ARROYO, María Mônica. Dinâmica territorial, circulação e cidades médias. p. 71-86. In: SPOSITO, E. S.; SPOSITO, M. E. B.; SOBARZO, O. (orgs.). **Cidades médias - produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BATISTA, Felipe de Alvarenga; BARBOSA, Lidiany Silva; GODOY, Marcelo. **Transportes, modernização e formação regional subsídios a história da era**

ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 2012 (Texto para Discussão nº 458)

BOLAY, J-C, RABINOVICH, A. Ciudades intermedias: una nueva oportunidad para un desarrollo regional coherente en America Latina?. In: **Globalización e Intemediación Urbana en America Latina.**, Santo Domingo: ed Haroldo Dilla Alfonso, FLACSO 2004. Disponível em http://nccr-ns.epfl.ch/asp/result_2.asp?Ligne=%25&pays=&titre=&auteur=bolay&Submit=search Acesso em: 19 fev. 2014.

BONOMO, Soliane. **Trajetórias e tendências da centralidade de São Mateus (ES):** a importância de uma cidade (sub) regional na rede urbana capixaba. Dissertação de mestrado. Vitória, 2010.

BORGES, José Marcondes; SABIONI, Gustavo Soares, MAGALHÃES, Gilson Faria Potsch (orgs.). **A Universidade Federal e Viçosa no Século XX.** Viçosa: Editora UFV, 2006.

CARNEIRO, Patrício Aureliano Silva. **Conquista e povoamento de uma fronteira: a formação regional da Zona da Mata no leste da Capitania de Minas Gerais (1694-1835).** Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CARNEIRO, Patrício A. S.; MATOS, Ralfo E. **A geografia histórica da ocupação da Zona da Mata mineira: acerca do mito das “áreas proibidas”.** In: Anais do Seminário de Diamantina, 2010. Disponível em: <http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/> Acessado em 12 jul. de 2013.

CARVALHO, André Simplício. **Gênese e estruturação de um eixo comercial especializado em Viçosa-MG.** Viçosa: 2010. (Monografia)

CASTELLO BRANCO, M. L. Cidades médias no Brasil. In: Sposito, E.S; Sposito, M.E.B; Sobarzo, O. **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

CASTRO, Priscila Gomes de; SILVA, Evaldo Henrique da; CHAVES, Catari Vilela. Características das interações entre a Universidade Federal de Viçosa e as empresas no Brasil. **Revista de Ciências Humanas.** v. 11, n. 1, p. 98-112, jan/jun. Viçosa: 2011.

CENSUS. **Retrato Social de Viçosa IV.** Viçosa: CENSUS, 2012.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in southern Germany.** New York: Prentice Hall, 1966.

CORRÊA, Roberto Lobato. Repensando a teoria das localidades centrais. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas.** p. 15-40. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996 [1982].

_____. As redes de localidades centrais nos países subdesenvolvidos. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. p. 41-91. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996 [1988a].

Dimensões de análise das redes geográficas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. p. 107-139. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996 [1995].

_____. Origem e tendências da rede urbana brasileira: algumas notas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. p. 94-118. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

_____. O estudo da rede urbana. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. p. 15- 57. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [1988b].

_____. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. Hinterlândias, hierarquias e redes: uma avaliação da produção geográfica brasileira. In: CARLOS, Ana Fani. **Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano**. p. 323 - 360. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. Interações espaciais. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações geográficas**. p. 279 – 318. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1997.

_____. Rede urbana e formação espacial: uma reflexão considerando o Brasil. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. p. 275-310. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [2000].

_____. Reflexões sobre a dinâmica recente da rede urbana brasileira. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. p. 311-330 Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005 [2001].

_____. A rede urbana brasileira e a sua dinâmica: algumas reflexões e questões. p. 359-367. In: Sposito, M.E.B. (Org.). **Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): Unesp, 2001.

_____. Construindo o conceito de cidade média. In: Sposito, M.E.B. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

COSTA, E.M. Cidades Médias: contributos para a sua definição. **Finisterra**, XXXVII, 74, P. 101-128. 2002.

CASTILLO, Ricardo. Aproximações sobre o tema da análise geográfica da urbanização e da fragmentação na era das novas tecnologias de informação. p. 175-207. In: Sposito, M.E.B. (Org.). **Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): Unesp, 2001.

DAMETTEIS, Guiseppe. Globalization and regional integration: the case of Italian Urban system. **Geojournal**. p. 331-338. 1997.

DIAS, Leila Christina. Redes: emergência e organização. In: **Geografia: conceitos e temas**. p. 141-162. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Redes de informação, grandes organizações e ritmos de modernização. In: **Anais do 3º Simpósio Nacional de Geografia Urbana**. p. 53 -55.

_____. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA, Rogério L. L. (orgs.). **Redes, sociedades e territórios**. p. 11 – 28. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

ELIAS, Denise; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; SOARES, Beatriz Ribeiro (orgs.) **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional – Tandil e Uberlândia**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FIRJAN. **Índice FIRJAN de desenvolvimento sustentável 2010**. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2010. Disponível em <http://www.firjan.org.br/ifdm/> Acesso em: 14 fev. 2014

FJP. Fundação João Pinheiro. **Perfil sócio-econômico da macrorregião de planejamento II: Zona da Mata**. Belo Horizonte: SEPLAN, 1995.

FERREIRA, Mauro Sayar. Rede de cidades em Minas Gerais a partir da realocação da indústria paulista. **Nova Economia: revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG**. Número Especial: IX Prêmio Minas de Economia – categoria universitário. Belo Horizonte: UFMG/FACE;DCE, 1996.

GALVARRO *et al.* Campus da Universidade Federal de Viçosa, MG. Oito décadas de arquitetura. **Arquitextos**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.132/3881>. Acesso: 14 nov 2013.

GIOVANINI, Rafael R.; MATOS, Ralfo E. **Geohistória econômica da Zona da Mata mineira**. In: Anais do Seminário de Diamantina, 2004. Disponível em: <http://web.face.ufmg.br/cedeplar/site/> Acessado em 12 jul. de 2013.

GONÇALVES, Eduardo. Estrutura urbana e atividade tecnológica em Minas Gerais. **Economia Aplicada**. v. 10, n. 4 p. 481-502 out-dez. São Paulo, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-global**. Dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2007.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário Aurélio Século XXI**. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

HONÓRIO, Letícia de Melo. **A produção do espaço em uma cidade universitária: o caso de Viçosa – MG**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. (Tese de Mestrado)

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Vol. XXVII. Rio de Janeiro: IBGE, 1959.

_____. **Divisão do Brasil em Regiões Funcionais Urbanas 1966**. Rio de Janeiro: 1972.

_____. **Região de Influência das Cidades 1978**. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.

_____. **Região de Influência das Cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Região de Influência das Cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

_____. **Censo demográfico de 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

_____. **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

_____. **Censo demográfico 2010: educação e deslocamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IPEA, IBGE, UNICAMP. **Caracterização e tendências da rede urbana no Brasil: configurações atuais e tendências da rede urbana**. Vol. 1. Brasília: IPEA, 2002.

LECIONI, Sandra. Da cidade e sua região à cidade-região. P. 65-75. In: SILVA, J. et al. (orgs.) **Panorama da geografia brasileira vol. 1**. São Paulo: Annablume e AGB, 2006.

LEGOFF, Jacques. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1979.

LOPES, Diva Maria Ferlin; HENRIQUE, Wendel (orgs.). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. Salvador: SEI, 2010.

LU, YuQi; YUAN, LinWang; ZHONG, YeXi. *Evolutionary of the central place hierarchical system*. **Science China: Earth Sciences**. Vol. 54, n. 10, p. 1614-1626. 2011.

LIPIETZ, Alain. Fordismo, fordismo periférico e metropolização. **Ensaio FEE**. N. 10, V. 2. Porto Alegre, 1989.

LISBOA, J. C. Belo. **Histórico e actualidade da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais**. 1935.

MATOS, Ralfo. Aglomerações urbanas, rede de cidades e desconcentração demográfica no Brasil. In: **X Encontro Nacional De Estudos Populacionais**, Caxambu, 2000. Anais. Belo Horizonte: ABEP, 2000.

MOURA, Rosa. **Arranjos urbano regionais no Brasil: uma análise com foco em Curitiba**. Curitiba: UFPA, 2009. Tese de Doutorado.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **ETC...Espaço, tempo e crítica**. Revista eletrônica de ciências humanas e sociais e outras coisas. p. 55-70, nº 1 (3), vol. 1 jun. Niterói: 2007.

NOGUEIRA, Marly. **Sete Lagoas: a dinâmica funcional de um lugar na rede urbana de Minas Gerais**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

NOGUEIRA, Marly; GARCIA, Ricardo Alexandrino. **A inserção das cidades médias na rede urbana brasileira. Terr@ Plural. v. 1 n.2. ago-dez p.61-71, Ponta Grossa, 2007.**

_____. A inserção das cidades médias mineiras na rede urbana de Minas Gerais. **Anais do XIII Seminário de Economia Mineira**.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. **Viçosa - mudanças sócio culturais; evolução histórica e tendências**. Viçosa, MG: UFV, 1990. 330 p.

_____. **Viçosa: retratos de uma cidade**. Viçosa: Scor Tecci Editora, 2001.

PIRES, Natália Costa; MARTINS, Humberto Eduardo de Paula. Inovação tecnológica e atividades de pesquisa: uma análise da interação universidade-empresa nas instituições de Minas Gerais. **Anais do VIII Encontro Interno. XII Seminário de Iniciação Científica**. Uberlândia: UFU, 2008.

PONTES, Beatriz Maria Soares. As cidades médias brasileiras: os desafios e a complexidade do seu papel na organização do espaço regional (década de 1970). p. 569-607. In: Sposito, M.E.B. (Org.). **Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): Unesp, 2001.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sentidos da urbanização: desafios do presente. In: In: Sposito, E.S; Sposito, M.E.B; Sobarzo, O. **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. A rede urbana amazônica – da rede dendrítica à configuração de uma rede complexa. p. 369-389. In: Sposito, M.E.B. (Org.). **Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente (SP): Unesp, 2001.

RIBEIRO, M. Graças. M. **Educação Superior e Cooperação Internacional: o caso da UREMG (1948-1969)**. Intermeio (UFMS), v. 1, p. 52-65, 2007.

_____. Caubóis e Caipiras. **Os land-grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa**. História da Educação (UFPel), v. 10, p. 105-119, 2006.

_____. **A Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Minas Gerais e a Difusão do Americanismo**. In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Sergipe. V Congresso Brasileiro de História da Educação. Sergipe: Universidade Federal de Sergipe, 2008. v. 1. p. 01-17.

RIBEIRO FILHO, G.B. **A Formação do espaço construído: cidade e legislação urbanística em Viçosa, MG**. 1997. 244p. Dissertação (Mestrado em Urbanismo), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, 1997.

RIBEIRO FILHO, G. B.; ARANTES, P. T. L. **Estrutura Político Administrativa, Legislação Urbanística e Espaço Urbano**: Lições de Viçosa - Brasil e Halifax – Canadá. Viçosa, Relatório de Pesquisa, 1999. 128p.

ROBERT, Paul. **Le petit Robert - Dictionnaire de la langue française**. Paris : Dictionnaires Le Robert, 2014.

RODARTE, Mário Marcos Sampaio. **O caso das minas que não se esgotaram**: a pertinência do antigo núcleo central minerador na expansão da malha urbana da Minas Gerais oitocentistas. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1999.

SABIONI, Gustavo Soares; ALVARENGA, Sônia Coelho. **UFV: oito décadas em fotos**. Viçosa: Editora UFV, 2006.

SANCHEZ, Alfredo L. **A UFRV nos tempos da escola superior de agricultura**. Viçosa: Ed. UFV, 2006.

SANTAMARIA, Frédéric. La notion de ville moyenne en France, en Espagne et au Royaume-Uni. **Annales de Géographie** n. 613. 2000. Acesso em 12 ago. 2013. Disponível em: <http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/geo_0003-4010_2000_num_109_613_1866>

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1996.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: EdUSP, 1988 [2012].

_____. Meio técnico-científico e urbanização: tendências e perspectivas. **Revista Resgate**. 1989.

_____. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: EdUSP, 1994 [2012].

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5a. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. 473p.

SCOTT, Allen John. As cidade de terceira onda. In: **Globalização, políticas públicas e reestruturação territorial**. p. 13-51. São Paulo: 7 Letras, 2013.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Repensando as cidades médias no contexto da globalização**. Formação, Presidente Prudente: FCT/UNESP, n. 6, p. 55-63, 1999.

SOJA, Edward. **Posmetropolis: Estudios criticos sobre las ciudades e las regions**. Madrid: Traficantes del Suenos, 2008 [2000].

SIQUEIRA, Edmundo. **Resumo histórico da Leopoldina Railway Company Limited**. Rio de Janeiro: Carioca, 1938.

SILVEIRA, José Mauro Pires, **O café e a Estrada de Ferro Leopoldina; uma confluência de interesses 1874 – 1898**. Revista de Ciências Humanas. v.09 n. 1 p. 107-117 Jan – Jun, 2009.

SPOSITO, Eliseu S. **Redes de cidades**. São Paulo: Editora Unesp, 2006 a.

SPOSITO Eliseu S.; SPOSITO, Maria Encarnação B.;SOBARZO, Oscar (orgs.) . **Cidades médias - produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M. E. B.(Org.). **Cidades Médias - espaços em transição**. p.233-253. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. Multi(poli)centralidade urbana. p. 199-228. In: SPOSITO, E. S.; SANT'ANNA NETO, J. L. (orgs.). **Uma geografia em movimento**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades Médias - espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro (orgs.) **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional – Passo Fundo e Mossoró**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro (orgs.) **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional – Chilian e Marília**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

STEINGBERGER, Marília; BRUNA, Gilda Collet. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. p. 35-77. In: **ANDRADE,T.A.; SERRA,R.V. (Org.). Cidades Médias Brasileiras**. Rio de Janeiro: IPEA, 2001.

TRINDADE JR.; PEREIRA. Reestruturação da rede urbana e importância das cidades médias na Amazônia Oriental. In: Sposito, M. E. B. (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

UBATUBA, Ezequiel. **Na Zona da Mata: estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1918.

UNESCO, UIA, Spanish Ministry of Foreign Affairs. **Intermediate cities and world urbanization**. 1999.

UFV. Universidade Federal de Viçosa. **Diagnóstico econômico da Zona da Mata de Minas Gerais**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1971.

VALVERDE, Orlando. **Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais**. Revista Brasileira de Geografia. v. 20 n.1 IBGE: 1958.

ZACCHI, Raquel C. **Processo de verticalização da área central da cidade de Viçosa (MG) (1970-2007)**. Monografia . Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2009.

ANEXO I

Oferta de serviços em Minas Geras por Níveis em 1831-1840

	Nível 1			Nível 2			Nível 3			Nível 4			Soma das ocupações	
	Soma			Soma			Soma			Soma				
	N.	Perc.	Média	N.	Perc.	Média	N.	Perc.	Média	N.	Perc.	Média	N.	Perc.
juizes	0	0%	0	2	4%	0	45	83%	1	7	13%	0	54	100%
advogado	14	32%	7	19	43%	2	9	20%	0	2	5%	0	44	100%
escrivães	9	8%	5	32	28%	4	38	34%	1	34	30%	0	113	100%
procur.	4	31%	2	3	23%	0	6	46%	0	0	0%	0	13	100%
ofic. Justiça	0	0%	0	22	23%	3	45	48%	1	27	29%	0	94	100%
médicos	4	33%	2	2	17%	0	1	8%	0	5	42%	0	12	100%
cirurgiães	2	1%	1	39	26%	5	51	34%	1	59	39%	0	151	100%
farmac.	7	11%	4	17	26%	2	23	35%	0	18	28%	0	65	100%
parteiros	0	0%	0	9	12%	1	8	11%	0	56	77%	0	73	100%
professores	8	6%	4	26	20%	3	31	24%	1	64	50%	0	129	100%
func. públ.	55	17%	28	140	44%	17	67	21%	1	55	17%	0	317	100%
artistas	16	6%	8	80	31%	10	100	39%	2	61	24%	0	257	100%
comerc.	377	5%	189	1.250	16%	156	2.008	25%	41	4.333	54%	24	7.968	100%
op. De edif.	27	3%	14	193	20%	24	331	34%	7	411	43%	2	962	100%
op. De cour.	16	3%	8	84	16%	11	190	37%	4	222	43%	1	512	100%
op. De vest.	100	5%	50	458	21%	57	618	29%	13	983	46%	6	2.159	100%
op. De calç.	80	3%	40	463	20%	58	733	32%	15	1.043	45%	6	2.319	100%

Fonte: Elaboração de Rodarte (1999, p. 89) a partir de dados das Listas Nominativas de 1831/ 32 e de 1838/ 40.

Oferta de serviços em Minas Gerais por Níveis em 1872

	Nível 1			Nível 2			Nível 3			Nível 4			Soma das ocupações	
	Soma			Soma			Soma			Soma				
	N.	Perc.	Média	N.	Perc.	Média	N.	Perc.	Média	N.	Perc.	Média	N.	Perc.
juizes	3	4%	2	32	42%	2	42	55%	0	0	0%	0	77	100%
advogado	41	13%	21	102	33%	6	159	51%	1	10	3%	0	312	100%
escrivães	10	3%	5	66	17%	4	182	46%	2	137	35%	1	395	100%
procur.	27	22%	14	6	5%	0	83	67%	1	7	6%	0	123	100%
ofic. Justiça	33	7%	17	63	13%	4	208	44%	2	174	36%	1	478	100%
médicos	13	7%	7	47	24%	3	102	53%	1	30	16%	0	192	100%
cirurgiães	0	0%	0	8	28%	1	21	72%	0	0	0%	0	29	100%
farmac.	5	1%	3	60	18%	4	184	54%	2	92	27%	0	341	100%
parteiros	1	0%	1	29	8%	2	152	43%	1	169	48%	1	351	100%
professores	42	3%	21	209	15%	13	607	42%	5	575	40%	3	1.433	100%
func. públ.	31	5%	16	167	29%	10	309	53%	3	76	13%	0	583	100%
artistas	13	1%	7	91	10%	6	502	54%	5	319	34%	1	925	100%
comerc.	816	5%	408	1.987	13%	124	5.843	39%	53	6.291	42%	28	14.937	100%
op. De edif.	448	15%	224	386	13%	24	962	33%	9	1.140	39%	5	2.936	100%
op. De cour.	13	1%	7	220	14%	14	743	49%	7	551	36%	2	1.527	100%
op. De vest.	48	1%	24	508	15%	32	1.367	41%	12	1.424	43%	6	3.347	100%
op. De calç.	42	1%	21	690	14%	43	2.190	43%	20	2.174	43%	10	5.096	100%

Fonte: Elaboração de Rodarte (1999, p. 90) a partir de dados do Recenseamento da população do Império de 1872.

ANEXO II

Novos loteamentos e expansões de bairros	Ano
Bairro Clélia Bernardes	1972
Expansão do Bairro de Ramos	1972
Loteamento próximo a Barrinha	1972
Loteamento próximos a Rua Gomes Barbosa	1972
Condomínio Horizontal Parque do Ipe	1972
Expansão do bairro Santo Antonio	1973
Expansão do bairro de Fátima	1974
Prolongamento da rua Floriano Peixoto	1974
Expansão do Bairro Santo Antônio	1974
Loteamento em Silvestre	1974
Expansão do bairro Nova Era	1974
Bairro João Bráz	1975
Barro Arduíno Bolivar (Amoras)	1975
Condomínio Julia Mollá	1975
Expansão do Bairro Santo Antonio	1975
Loteamento em Silvestre (Indumel)	1975
Segunda expansão do Bairro de Fátima	1975
Bairro Santa Clara	1976
Bairro JK	1977
Alameda Fábio Ribeiro Gomes	1978
Bairro Nova Viçosa	1978
Bairro Inconfidência	1979
Condomínio Recanto da Serra	1989
Condomínio AGROS	1990
Ampliação Mal Castelo Branco	1990/1997
Condomínio Jardins do Vale	1991
Ampliação do bairro Santa Clara	1996
Ampliação do Julio Amolá	1996
Ampliação do bairro São José do Triunfo	1997
Liberdade II	1998
Ampliação do bairro Barrinha	1997/2000
Ampliação do bairro Santo Antonio	1997
Condomínio Octávio Pacheco	2002
Ampliação do bairro São Sebastião	2005
Ampliação do Bairro Liberdade	2005
Ampliação do bairro Inácio Martins	2005
Ampliação do bairro Silvestre	2005/2007
Ampliação do bairro Violeira	2005
Ampliação do Bairro Liberdade	2005
Ampliação do bairro Inácio Martins	2005

Fonte: Prefeitura Municipal de Viçosa

ANEXO III

**Quantidade de alunos que deram entrada na Universidade Federal de Viçosa
no ano de 2007 separados por localidade e nível.**

Graduação

Localidade	Qtd.
Alagoas	1
Maceió	1
Amazonas	1
Parintins	1
Bahia	41
Araci	1
Barreiras	2
Boquira	1
Candiba	1
Eunápolis	4
Feira De Santana	1
Guanambi	1
Ilhéus	2
Itabuna	5
Itanhém	1
Itapetinga	1
Jaguaquara	2
Jequié	2
Macaúbas	1
Paulo Afonso	1
Porto Seguro	2
Salvador	5
São Felix	1
Teixeira De Freitas	1
Valença	1
Vitoria Da Conquista	5
Distrito Federal	21
Brasília	21
Espírito Santo	125
Afonso Claudio	1
Alegre	2
Anchieta	2
Aracruz	1
Boa Esperança	1
Cachoeiro De Itapemirim	19
Castelo	10
Colatina	13
Conceição Do Castelo	1
Domingos Martins	3
Ecoporanga	1
Guaçuí	2
Guarapari	1
Ibatiba	2
Ibiraçu	1
Itapemirim	3
Lúna	3

Jaguaré	1
Joao Neiva	1
Linhares	4
Mantenópolis	1
Marilândia	1
Montanha	1
Nova Venécia	1
Pedro Canário	2
São Gabriel Da Palha	5
São Mateus	3
Serra	1
Venda Nova Do Imigrante	6
Vila Velha	7
Vitoria	25
Goiás	18
Anápolis	1
Caçu	1
Ceres	1
Formosa	1
Goiânia	6
Iporá	1
Jatai	1
Luziânia	1
Morrinhos	1
Porangatu	2
Posse	1
Rio Verde	1
Maranhão	5
Imperatriz	1
São Luís	4
Minas Gerais	1719
Abaete	1
Abre Campo	6
Aimorés	3
Além Paraíba	2
Alfenas	2
Almenara	1
Alterosa	1
Alto Jequitibá	2
Alto Rio Doce	1
Alvinópolis	5
Amparo Da Serra	1
Andradas	2
Araçuaí	4
Araguari	1
Araponga	5
Araxá	6
Arcos	4

Areado	2	Divino	1
Astolfo Dutra	2	Divinópolis	27
BambuÍ	1	Dom Silvério	1
Barão De Cocais	2	Dona Euzébio	2
Barbacena	30	Dores De Campos	2
Barra Longa	1	Dores Do Indaiá	1
Barroso	3	Dores Do Turvo	1
Belo Horizonte	188	Elói Mendes	1
Berilo	1	Entre Rios De Minas	1
Betim	1	Ervália	22
Boa Esperança	2	Espinosa	1
Bocaiuva	4	Estiva	1
Bom Despacho	6	Felisburgo	1
Bom Sucesso	2	Florestal	1
Borda Da Mata	1	Formiga	5
Brasília De Minas	1	Frutal	1
Buritzeiro	1	Governador Valadares	28
Cabo Verde	1	Grão Mogol	1
Caetanópolis	3	Guanhães	5
Caeté	2	Guaraciaba	10
Cajuri	3	Guarani	2
CambuÍ	1	Guaxupé	1
Campo Belo	7	Guidoval	2
Campos Altos	1	Guiricema	9
Capelinha	1	Ibiá	3
Capim Branco	1	Igaratinga	1
Capitão Enéas	1	Inhapim	2
Capitólio	5	Ipanema	1
CaraÍ	1	Ipatinga	74
Carangola	11	Itabira	11
Caratinga	11	Itabirinha De Mantena	1
Carmo De Minas	2	Itabirito	1
Carmo Do Paranaíba	2	Itajubá	5
Carmópolis De Minas	1	Itamarandiba	2
Cataguases	13	Itambacuri	2
Cipotânea	1	Itanhandu	2
Coimbra	7	Itaperuna	1
Conceição Do Rio Verde	1	Itaúna	7
Congonhas	3	Jaguaraçu	1
Conselheiro Lafaiete	24	Janaúba	7
Conselheiro Pena	3	Jequitinhonha	4
Contagem	3	Joaíma	1
Coronel Fabriciano	17	Joao Monlevade	19
Cristiano Ottoni	1	Joao Pinheiro	1
Curvelo	4	Juiz De Fora	36
Desterro De Entre Rios	1	Lagoa Da Prata	3
Diamantina	3	Lagoa Formosa	1
Dionísio	1	Lagoa Santa	1

Lajinha	4	Poços De Caldas	8
Lambari	2	Pompeu	1
Lavras	7	Ponte Nova	103
Leopoldina	7	Porteirinha	2
Machado	1	Porto Firme	4
Manhuaçu	18	Pouso Alegre	7
Manhumirim	10	Presidente Bernardes	1
Mantena	2	Raul Soares	12
Mariana	6	Resplendor	2
Martins Soares	1	Ribeirão Das Neves	2
Matipó	1	Rio Casca	7
Mercês	1	Rio Pomba	9
Minas Novas	3	Sabará	1
Miradouro	3	Salinas	4
Mirai	5	Santa Barbara	5
Montalvânia	1	Santa Fe De Minas	1
Monte Sião	1	Santa Maria Do Suaçuí	2
Montes Claros	21	Santana Do Manhuaçu	1
Muriaé	29	Santo Antônio Do Grama	1
Nanuque	2	Santos Dumont	4
Nova Era	7	São Domingos Do Prata	5
Nova Lima	1	São Francisco	2
Oliveira	3	São Gonçalo Do Sapucaí	2
Ouro Branco	3	São Gotardo	1
Ouro Preto	12	São Joao Del Rei	7
Padre Paraíso	1	São Joao Evangelista	1
Paineiras	1	São Joao Nepomuceno	2
Papagaios	1	São Lourenço	1
Para De Minas	3	São Miguel Do Anta	6
Paracatu	3	São Sebastiao Do Paraíso	1
Passa Quatro	2	São Tiago	3
Passos	7	Senador Firmino	6
Patos De Minas	24	Sete Lagoas	23
Patrocínio	3	Silveirania	1
Paula Candido	1	Taiobeiras	5
Pavão	1	Teixeiras	11
Peçanha	1	Teófilo Otoni	9
Pedra Azul	2	Timóteo	18
Pedra Do Anta	1	Tocantins	3
Pedra Do Indaiá	1	Três Corações	2
Pedro Leopoldo	2	Três Pontas	2
Perdões	1	Ubá	53
Piedade De Ponte Nova	5	Uberaba	3
Piranga	3	Uberlândia	3
Pirapitinga	1	Unaí	3
Pirapora	1	Urucânia	5
Pitangui	1	Vargem Alegre	1
Piumhi	5	Varginha	6

Várzea Da Palma	1
Vazante	2
Vermelho Novo	1
Viçosa	340
Vieiras	1
Virgem Da Lapa	2
Virginópolis	1
Visconde Do Rio Branco	42
Mato Grosso Do Sul	7
Campo Grande	1
Corumbá	1
Dourados	5
Mato Grosso	6
Aripuanã	1
Barra Do Garças	2
Lucas Do Rio Verde	1
Rio Branco	1
Rondonópolis	1
Pará	5
Belém	3
Marabá	1
Oriximiná	1
Pernambuco	2
Recife	2
Paraná	7
Cascavel	1
Castro	1
Curitiba	3
Londrina	2
Rio De Janeiro	89
Barra Do Pirai	1
Barra Mansa	1
Bom Jesus Do Itabapoana	1
Cabo Frio	1
Campos Dos Goytacazes	1
Cantagalo	1
Carmo	2
Conceição De Macabu	1
Cordeiro	1
Duque De Caxias	1
Itaperuna	4
Japeri	1
Macaé	4
Natividade	1
Niterói	2
Nova Friburgo	2
Nova Iguaçu	2
Petrópolis	4

Pirai	1
Resende	2
Rio De Janeiro	34
Santa Maria Madalena	1
São Gonçalo	2
São Joao De Meriti	1
Teresópolis	1
Três Rios	5
Valença	1
Volta Redonda	10
Rio Grande Do Norte	2
Natal	2
Rondônia	6
Porto Velho	3
Vilhena	3
Rio Grande Do Sul	5
Cerro Largo	1
Porto Alegre	2
Santa Cruz Do Sul	1
Santa Catarina	1
Xanxerê	1
São Paulo	268
Americana	3
Amparo	1
Aparecida	1
Araraquara	2
Araras	2
Atibaia	2
Barrinha	1
Botucatu	1
Braganca Paulista	2
Campinas	6
Casa Branca	1
Cassia Dos Coqueiros	1
Cruzeiro	1
Descalvado	1
Diadema	1
Divinolândia	1
Echaporã	1
Espirito Santo Do Pinhal	1
Franca	5
Guaratinguetá	3
Guarujá	1
Guarulhos	6
Ibitinga	1
Ipauçu	1
Iracemápolis	1
Itanhaém	1

Itapecerica Da Serra	1
Itatiba	1
Ituverava	1
Jacareí	4
Jales	2
Jundiaí	4
Junqueirópolis	1
Lençóis Paulista	1
Limeira	4
Mauá	1
Mococa	2
Mogi Das Cruzes	1
Mogi Guaçu	1
Mogi Mirim	1
Monte Alto	1
Monte Azul Paulista	1
Osasco	4
Pindamonhangaba	3
Piracicaba	6
Pirassununga	2
Potirendaba	1
Rancharia	1
Registro	1
Ribeirão Pires	1
Ribeirão Preto	16
Ribeiro Preto	1
Rio Claro	2
Santa Barbara Doeste	1
Santa Rita Do Passa Quatro	1
Santa Rosa De Viterbo	1
Santo André	5
Santo Antônio Da Alegria	1
Santos	6
São Bernardo Do Campo	5
São Caetano Do Sul	3
São Carlos	3
São Joao Da Boa Vista	2
São Joaquim Da Barra	1
São Jose Do Rio Preto	3
São Jose Dos Campos	15
São Paulo	90
São Roque	1
São Sebastiao	1
São Vicente	2
Serra Negra	1
Sertãozinho	2
Silveiras	1
Sorocaba	1

Suzano	1
Taubaté	4
Tremembé	1
Valinhos	1
Viradouro	1
Votuporanga	1
Tocantins	2
Gurupi	1
Paraíso Do Tocantins	1
Estrangeiros	10
Alemanha	1
Argentina	1
Cabo Verde	1
Canadá	1
Equador	1
Espanha	1
EUA	1
França	1
Nicarágua	1
São Tomé E Príncipe	1
TOTAL	2317

Pós-Graduação

Localidade	Qtd.
Alagoas	1
Traipu	1
Amazonas	2
Benjamim Constant	1
Pauini	1
Amapá	1
Macapa	1
Bahia	17
Amargosa	1
Barreiras	1
Camacan	1
Canavieiras	1
Eunapolis	1
Ilheus	2
Itabuna	4
Itanhem	1
Ituacu	1
Paulo Afonso	1
Presidente Dutra	1
Senhor Do Bonfim	1
Uibai	1
Ceará	14
Alto Santo	1
Barro	1

Boa Viagem	1	Baldivim	1
Fortaleza	8	Barbacena	6
Juazeiro Do Norte	1	Barroso	1
Mauriti	1	Belo Horizonte	40
Tabuleiro Do Norte	1	Berizal	1
Distrito Federal	8	Bom Sucesso	1
Brasilia	8	Brasilia De Minas	1
Espírito Santo	57	Buritizeiro	1
Alegre	3	Cambuquira	1
Aracruz	1	Campanha	1
Barra De Sao Francisco	2	Campina Verde	1
Cachoeiro De Itapemirim	3	Carangola	4
Castelo	4	Caratinga	13
Colatina	8	Carmo Da Mata	1
Guacui	2	Carmopolis De Minas	1
Guarapari	1	Cataguases	5
Ibiracu	1	Coimbra	3
Linhares	4	Conceicao De Ipanema	1
Muqui	1	Congonhas	1
Nova Venecia	2	Conselheiro Lafaiete	3
Santa Teresa	3	Conselheiro Pena	1
Sao Gabriel Da Palha	1	Contagem	1
Sao Mateus	2	Coronel Fabriciano	13
Venda Nova Do Imigrante	1	Cruzilia	1
Vila Velha	5	Descoberto	1
Vitoria	13	Diamantina	2
Goiás	12	Divinopolis	4
Anapolis	1	Dona Euzebia	1
Ceres	1	Eloi Mendes	1
Goiania	2	Espinosa	1
Itumbiara	2	Estiva	1
Jatai	2	Ferros	1
Mineiros	1	Florestal	1
Quirinopolis	1	Formiga	4
Rio Verde	1	Galileia	1
Sao Luis De Montes Belos	1	Governador Valadares	4
Maranhão	5	Grao Mogol	1
Acailandia	1	Guanhaes	1
Grajau	1	Guaraciaba	2
Imperatriz	1	Guaraciama	1
Sao Luis	1	Guiricema	2
Sao Luiz	1	Ibertioga	1
Minas Gerais	454	Inhapim	1
Abre Campo	1	Ipatinga	13
Aiuruoca	1	Itabira	4
Alvinopolis	1	Itabirito	1
Araguari	2	Itaguara	1
Araponga	1	Itajuba	1

Itambacuri	1	Sao Goncalo Do Sapucaí	1
Itauna	3	Sao Joao Del Rei	4
Janauba	2	Sao Miguel Do Anta	1
Januaria	1	Sao Pedro Dos Ferros	1
Jequitinhonha	1	Sete Lagoas	13
Joao Monlevade	8	Silveirania	1
Juiz De Fora	25	Taiobeiras	1
Lajinha	1	Tarumirim	1
Lambari	1	Teixeiras	2
Lavras	6	Teofilo Otoni	5
Lima Duarte	1	Timoteo	4
Manhuacu	4	Tocantins	1
Manhumirim	3	Tombos	1
Mantena	1	Tres Coracoes	2
Mariana	1	Tres Marias	1
Mateus Leme	1	Tres Pontas	2
Mirai	1	Uba	24
Monte Belo	1	Uberaba	1
Montes Claros	13	Uberlandia	2
Muriae	8	Unai	1
Mutum	2	Varginha	1
Nepomuceno	1	Varzelandia	1
Nova Era	1	Vermelho Novo	1
Oliveira	1	Vicosa	73
Ouro Preto	3	Visconde Do Rio Branco	9
Para De Minas	2	Mato Grosso Do Sul	4
Patos De Minas	3	Bela Vista	1
Pedro Leopoldo	1	Dourados	3
Perdoes	1	Mato Grosso	6
Piau	1	Alta Floresta	1
Piedade De Ponte Nova	1	Canarana	1
Piranga	2	Cuiaba	1
Pirapora	2	Mirassol Doeste	1
Pitangui	1	Rondonopolis	1
Piumhi	1	Sao Jose Dos Quatro Marcos	1
Poco Fundo	1	Pará	6
Pompeu	1	Altamira	1
Ponte Nova	14	Belem	4
Porteirinha	2	Conceicao Do Araguaia	1
Raul Soares	5	Paraíba	9
Resplendor	1	Campina Grande	3
Ribeirao Das Neves	1	Esperanca	1
Rio Pomba	3	Joao Pessoa	5
Sabara	1	Pernambuco	6
Salinas	1	Garanhuns	1
Santa Barbara	1	Petrolina	2
Santos Dumont	1	Recife	3
Sao Francisco	2	Piauí	2

Parnaíba	1
Picos	1
Paraná	21
Assis Chateaubriand	1
Bela Vista Do Paraíso	1
Cascavel	1
Cornelio Procopio	1
Curitiba	4
Ivaipora	1
Londrina	1
Maripá	1
Matelandia	1
Pato Branco	1
Planalto	1
Primeiro De Maio	1
Realeza	1
Santo Antonio Do Sudoeste	1
Sao Miguel Do Iguacu	1
Toledo	1
Umuarama	2
Rio De Janeiro	47
Barra Mansa	1
Bom Jesus Do Itabapoana	4
Campos Dos Goytacazes	1
Cantagalo	2
Carmo	1
Cordeiro	1
Duque De Caxias	2
Miracema	1
Niteroi	1
Nova Iguacu	1
Petropolis	2
Resende	1
Rio De Janeiro	18
Santo Antonio De Padua	2
Sao Joao De Meriti	1
Tres Rios	1
Volta Redonda	7
Rio Grande Do Norte	1
Areia Branca	1
Roraima	1
Ji Parana	1
Rio Grande Do Sul	19
Cacapava Do Sul	1
Cachoeira Do Sul	1
Ijuí	1
Paim Filho	1
Passo Fundo	1

Pelotas	4
Rio Grande	1
Ronda Alta	1
Santa Cruz Do Sul	1
Santo Angelo	1
Santo Antonio Da Patrulha	1
Sao Borja	1
Sao Pedro Do Sul	1
Tapejara	1
Uruguaiana	1
Viamão	1
Santa Catarina	11
Araranguá	2
Cacador	1
Florianópolis	2
Itapiranga	2
Joacaba	1
Lages	1
Meleiro	1
Sao Joao Do Oeste	1
Sergipe	1
Aracaju	1
São Paulo	58
Aparecida	1
Aracatuba	1
Batatais	1
Bauru	1
Botucatu	1
Campinas	1
Cunha	1
Duartina	1
Franca	1
Guarulhos	1
Itapira	1
Jau	1
Limeira	1
Lindóia	1
Mauá	1
Mogi Das Cruzes	1
Pereira Barreto	1
Piraju	1
Porto Feliz	1
Porto Ferreira	1
Rancharia	1
Santa Barbara Doeste	1
Sao Bernardo Do Campo	2
Sao Caetano Do Sul	2
Sao Jose Do Rio Preto	2

Sao Jose Dos Campos	1
Sao Paulo	25
Sorocaba	1
Suzano	1
Tremembe	1
Votuporanga	1
Tocantins	1
Formoso Do Araguaia	1
Estrangeiros	18
Paraguai	1
Alemanha	1
Colômbia	1
Colômbia	1
Colômbia	1
Bolívia	1
EUA	1
Angola	1
Egito	1
Colômbia	2
Peru	1
Colômbia	1
Moçambique	1
Colômbia	1
Cuba	1
Colômbia	1
Uruguai	1
Total	1528

